

ALICE FALCÃO LEAL LUZES

**A ADI* NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
UMA SIGLA OU UMA REALIDADE?**

*** (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil)**

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para graduação
no curso de Psicologia, sob orientação da
Profª Drª. Marilda Pierro de O. Ribeiro

**Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2008**

**“A transformação que ocorre
do nascimento aos dois anos de idade
representa o mais assombroso
período de mudança e desenvolvimento
na vida de um ser humano.”**

(Susan Reid – Clínica Tavistock)

Agradecimentos:

À minha filha Julia por me permitir viver a maravilhosa experiência de ser mãe e pela inspiração na elaboração de meu problema de pesquisa.

Ao meu marido Franklin por todo o apoio e incentivo durante todos os anos de faculdade.

Aos meus pais, irmã, irmãos, sobrinhos e enteados por fazerem parte da minha vida.

À minha orientadora Marilda, por toda a ajuda e interesse no processo de elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos de PUC, Pat e Marco pelos maravilhosos momentos no café que deixarão muitas saudades.

A todos os professores e colegas que demonstraram interesse por esse trabalho, discutindo idéias, indicando textos e ajudando com opiniões importantes e pertinentes.

Alice Falcão Leal Luzes: A ADI* no Centro de Educação Infantil – Uma Sigla ou uma Realidade?, 2008

*Assistente de Desenvolvimento Infantil

Orientadora: Prof. Dra. Marilda Pierro de O. Ribeiro

Palavras-chave: Desenvolvimento – Creche – Criança.

Código de área: 7.07.07.00-6 (Psicologia do Desenvolvimento Humano)

Resumo

Este trabalho teve a finalidade de investigar o papel das ADIs junto a crianças de 0 a 2 anos no ambiente do Centro de Educação Infantil (CEI), considerando a relevância desse período para a criança, em termos do desenvolvimento. O trabalho envolveu uma pesquisa de campo com as ADIs para entender que condições são dadas para o desenvolvimento dessas crianças e qual é sua participação como facilitadora deste desenvolvimento. Buscou-se entender se o CEI ainda atua com enfoque assistencial ou se reconhece a necessidade de estimular o desenvolvimento da criança, passando a ter um enfoque também educacional. Foram realizadas entrevistas dirigidas com ADIs que trabalham com crianças de 0 a 2 anos e observações em um CEI público, de São Paulo. Assim, considerando as reais oportunidades na rotina das ADIs, foi analisado se existe espaço para trabalhar o desenvolvimento infantil e se as ADIs baseiam suas atividades visando este desenvolvimento. A análise dos dados permitiu constatar que as ADIs não têm conhecimentos teóricos que embasem sua atuação como facilitadoras do desenvolvimento. É fato que o CEI vem trabalhando no sentido de municiar as ADIs com informações e propostas que lhes permitam atuar também com objetivos educacionais, além de disponibilizar brinquedos e espaços adequados para o brincar das crianças. Porém, existem fatores importantes de condições de trabalho que impactam diretamente as ADIs, acarretando um acúmulo de funções assistenciais que tomam muito tempo na rotina. Assim, as ADIs acabam por não conseguir atuar mais efetivamente como facilitadoras do desenvolvimento.

Sumário:

Introdução	7
Problema de Pesquisa	15
Contextualização Teórica sobre o Desenvolvimento da Criança de 0 a 2 anos	16
O Desenvolvimento cognitivo:	16
O Desenvolvimento afetivo	19
O desenvolvimento e os fenômenos transicionais.....	21
A Importância do cuidador no desenvolvimento infantil	23
A importância do brincar no desenvolvimento infantil.....	25
O Centro de Educação Infantil (CEI) – seus profissionais e suas propostas educacionais	28
A ADI e suas funções no CEI	28
O CEI como primeira etapa da Educação Básica	29
O Brincar e sua importância no CEI.....	31
Método	32
Resultados	35
Discussão.....	58
Considerações Finais.....	68
Bibliografia utilizada	69
Anexos	72

Introdução

O atual contexto social brasileiro que insere a mulher no mercado de trabalho como pessoa ativa, participante e fundamental na manutenção sócio-financeira de uma família, vem a fomentar ainda mais a necessidade das creches, instituições onde estas mulheres (mães) possam deixar seus filhos de 0 a 3 anos, enquanto trabalham.

Na verdade, o conceito de creche é exatamente este. Conforme histórico apresentado por Sanches (2003), a creche, surgida no final do século XVIII e início do XIX na Europa, tinha o único propósito de cuidar dos filhos das mulheres que necessitavam trabalhar, ou seja, foi uma instituição que nasceu vinculada às necessidades vitais de mão-de-obra do capitalismo. A palavra creche tem origem francesa (*crèche*) e significa manjedoura, como a do presépio de natal (Abramowicz e Wajskop, 1995)

A creche no Brasil surge no final do século XIX nas maiores cidades onde estavam centralizadas as oportunidades de emprego. A creche surgiu também com o intuito de ser um local aonde mulheres de classes sociais mais baixas, que vinham de regiões mais pobres buscando trabalho, pudessem deixar seus filhos durante o dia.

Por vezes, as próprias empresas que contratavam esta mão de obra ofereciam, em suas instalações, creches para atender aos filhos de suas empregadas.

Já no início do século XX, o Estado começou a oferecer incentivos fiscais para a criação de creches para crianças de classes sociais mais baixas. O Governo entendia que estas iniciativas eram uma forma de conter a criminalidade que, em sua análise, era causada pela desorganização familiar e também era uma maneira de permitir a entrada da mulher no mercado de trabalho, como forma de aumentar a renda familiar destas classes baixas.

A partir dos anos 40, há um maior cuidado, por parte do Estado, na fiscalização das creches, que passam a ter que seguir rigorosas regras de higiene, com treinamento fornecido por profissionais da saúde e assistentes sociais. Nesta época não havia nenhuma preocupação com a educação nas creches. Somente décadas depois, foram absorvidas na estrutura da creche as propostas pedagógicas fazendo com que, além de assistência, as creches também oferecessem algum tipo de educação (Sanches, 2003).

As diferenças básicas entre creche e unidade pré-escolar são bem definidas no trabalho desenvolvido por Kappel, 2001. De acordo com o artigo as diferenças básicas são:

Creche	Unidade pré-escolar
Atende a crianças de 0 a 3 anos	Atende a crianças de 4 a 6 anos
Atuação em horário integral	Atuação em turnos ou meio-período
Vinculada a órgãos assistenciais	Vinculada a órgãos educacionais

Já nos anos 60, o rigor na fiscalização diminui e começa também a haver uma maior participação da comunidade na estrutura das creches, devido à dificuldade em se atender as exigências do Estado com relação a estas instituições.

Nos anos 70, a mulher, principal beneficiada destas instituições, passou a reivindicar creches gratuitas e próximas ao local de moradia e/ou de trabalho. Em 1978 é lançado, nos grandes centros urbanos, o Movimento de Lutas por Creches com o objetivo de exigir a modificação das políticas sociais prevendo o acesso às creches gratuitas e também prevendo a ampliação de atendimento à criança por parte do Estado.

A constituição de 1988 vem apresentar a creche como sendo uma “instituição educativa, um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado (artigo, 208, inciso IV)” (Sanches, 2003). Assim fica definido que a educação infantil para crianças até 3 anos de idade deverá ser oferecida em creches ou entidades equivalentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 traz em seu Capítulo IV, Artigo no. 54, Parágrafo IV que: “É dever do Estado assegurar (...) atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”. Estes movimentos fazem com que a creche deixe de ser considerado um benefício para a mulher, ou para a mãe e passe a ser considerado como um direito da criança.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) promulgada em 1996 versa também em seu Artigo 4º., parágrafo IV, que é dever do Estado através de educação pública “atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.” Além disso, coloca a cargo dos Municípios a obrigação de oferecer educação infantil nas creches e pré-escolas.

Ainda na LDB, no Capítulo II, Seção II (Da Educação Infantil), Artigo 30º. a Lei esclarece que a “A educação infantil será oferecida em:

- I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade”.

O Artigo. 31º. Complementa a informação dizendo que “na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

Ainda com relação à Educação Infantil, a LDB reforça em seu Artigo 29º. que a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da Educação Básica e sua finalidade é o “desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (LDB, 1996). Este artigo seria então uma forma de descaracterizar a creche como instituição apenas assistencial, passando esta a fazer parte da Educação Básica.

Considerando a necessidade de um período de transição entre a realidade anterior assistencial da creche e a nova visão educacional, a LDB prevê, no Título IX, Artigo 89º. que “as creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar da publicação desta Lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino”. Sendo assim, esperava-se que, já em 1999, todas as creches brasileiras estivessem adaptadas a essa nova Lei.

Com a promulgação da LDB as creches passaram então a ter um caráter educacional e assim passam também a serem chamadas de CEIs ou Centros de Educação Infantil. Porém conforme relatado por Paparelli [et al] (2007), depois de 11 anos de promulgada a LDB ainda se utilizam as nomenclaturas Creche e CEI para designar esta instituição, conforme dados oficiais da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Devido ao fato deste Trabalho de Conclusão de Curso focar o trabalho de educadoras em um espaço educacional, a partir deste ponto, será utilizado o termo CEI como referência à instituição de ensino infantil.

Pode-se observar que, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Assistência Social de São Paulo, no ano 2000 havia em São Paulo 726 Creches na Rede Municipal, com um total de 127.606 crianças atendidas.

Rede Municipal de Creches Ano					
Ano	1995	1996	1997	1998	1999
No. Creches	696	698	716	723	726
No. Crianças Atendidas	114.570	124.003	123.595	123.243	127.606
Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social de São Paulo 2000.					

Inicialmente pensada para atender às demandas das camadas mais baixas da sociedade, atualmente há também diversas ofertas visando às classes mais favorecidas da sociedade, onde também a mulher está inserida no mercado de trabalho.

O que ocorre, porém, é que existem, por parte destas mães, grandes dúvidas com relação a estes espaços como sendo as melhores opções para

seus filhos. A grande dúvida é: será que o CEI é melhor para o meu bebê do que a minha casa com uma cuidadora?

A melhor resposta que pude obter para esta pergunta, após pesquisar livros e trabalhos sobre este tema seria: o CEI não pode ser vista como um local substituto ao lar. Esta instituição pode e deve ter uma função educativa e deve visar o desenvolvimento da criança nesta faixa etária. “O trabalho de creche deve considerar a criança ser social, cooperativo, ativo na construção do seu conhecimento”... (Sanches, 2003, p. 18)

Além disso, considerando que o CEI é um direito da criança deve, assim, ser pensado para ela. O que acontece na maioria dos casos é que o CEI ainda é pensado como um direito da mãe que trabalha fora, ou seja, uma forma de garantir que sua criança estará sendo assistida enquanto sua mãe trabalha.

É interessante comentar que as próprias mães entendem que os itens referentes à assistência e cuidados são os mais importantes para um bebê pequeno em um CEI. De acordo com depoimentos de mães participantes da Comunidade “Grávidas e Mães de São Paulo” do site de relacionamento Orkut, os itens mais importantes na hora de escolher um berçário são, nesta ordem:

- higiene do local,
- quantidade de ADIs para cuidar dos bebês,
- forma como as ADIs tratam dos bebês,
- horários de visita,
- horários p/ comidinha e mamadeiras,
- número de banhos em dia de frio e de calor,
- segurança do local,
- quem faz o almoço e o jantar e que tipo de alimentação é servida,
- aspecto físico dos outros bebês,
- existem brinquedos, educativos ou não, disponíveis para as crianças,
- formação das ADIs,
- outros profissionais no local como pedagogas e enfermeiras,
- se os funcionários parecem satisfeitos no seu trabalho.

Normalmente, as atividades elaboradas para os CEIs de crianças de 0 a 2 anos são baseadas em noções de puericultura, ou seja, a criança é vista como “um corpo a ser alimentado, cuidado, limpo, agasalhado. Ignoram que a criança é um ser complexo cujo desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, lingüístico, além do físico-motor, já ocorre desde o início da vida.” (Oliveira et al), 1992, p.64).

Este cuidado é função da ADI (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil), nome dado atualmente ao profissional qualificado para o trabalho em CEIs. Este profissional tem que ter, como qualificação obrigatória para a função, Ensino Fundamental completo e curso de habilitação para a função. Um curso de habilitação para ADIs foca seu conteúdo programático em diversas tarefas tais como: aplicação de normas de higiene e segurança visando proteger a saúde das crianças, implementação de atividades que visem a formação pessoal e social da criança de forma lúdica e atuação em conjunto com uma equipe em atividades que respeitem as fases de desenvolvimento da criança. (www.senacrs.com.br)

Essa orientação, porém, não encontra espaço na prática diária dos CEIs. Esta foi uma das constatações de um Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Psicologia em 2006 da PUC-SP, que reforçou o fato de que, apesar das ADIs terem uma preocupação pedagógica, há um predomínio entre as próprias profissionais de focarem seu trabalho em uma perspectiva assistencial, sem se preocuparem com a qualidade de seu trabalho ou mesmo com a educação das crianças. A principal preocupação é mesmo com o cuidado físico, principalmente com as crianças de 0 a 2 anos, que têm sua rotina diária preenchida com atividades que visam o cuidado com o corpo, tais como alimentação, descanso (sono) e higiene. (Boscatte, I., 2006)

Neste sentido, este trabalho visa verificar se existe uma real preocupação por parte das ADIs, conforme o próprio nome da função, com o desenvolvimento infantil. Além disso, caso haja essa preocupação, entender qual espaço é dado dentro da rotina diária das crianças para esse

desenvolvimento, que se daria através de estímulos e propostas de atividades lúdicas, utilizando o brincar como fonte para o desenvolvimento infantil, uma vez que o brincar é uma das atividades mais presentes na infância, que “facilita o crescimento e, portanto, a saúde”. (Winnicott, 1975, p.63)

O brincar exerce papel fundamental e insubstituível na vida da criança, desde o seu início. Esta atividade não pode ser vista como algo apenas externo à criança. Na verdade o brincar possibilita a aquisição de novas experiências, idéias e sentimentos. Através do brincar a criança vivencia seus medos, desejos e trabalha sua imaginação. (Miller, 1992)

De acordo com Boscatte (2006) na conclusão do Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, o brincar é proporcionado basicamente para as crianças de 2 a 3 anos, que já possuem certa autonomia; em sua grande maioria, já apresentam controle dos esfíncteres, já se alimentam sozinhas e, por consequência, não dependem tanto de um cuidador para os cuidados básicos.

Por outro lado, o que ocorre nos CEIs quando se trata das crianças de 0 a 2 anos é que normalmente ficam em seus berços, sem receber muitos estímulos, pois as ADIs gastam grande parte de seu tempo nas tarefas de cuidado com a higiene e de alimentação. Essas crianças passam grande parte de seu dia sem nenhum estímulo ou atividade que estimule o brincar. Conseqüentemente não encontram, no ambiente, oportunidades de desenvolvimento.

Esse cenário também foi constatado durante o Estágio do “Núcleo de Educação e Formação” da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, realizado em um CEI Público, durante o ano de 2007. As estagiárias, alunas de 4º. Ano da PUC-SP, observaram que os bebês, até 1 ano eram pouco ou quase não estimulados e realizaram, como trabalho de intervenção, a confecção de um “tapete de atividades” para os bebês ficarem deitados ou sentados, ao invés de ficarem constantemente em seus berços.

Ao contrário do que se pode imaginar, no período de 0 a 2 anos a criança apresenta um desenvolvimento enorme e complexo. Um pequeno exemplo

disto é que, sabe-se atualmente que a criança recém-nascida já inicia o desenvolvimento de seus relacionamentos sociais. Até recentemente, considerava-se que o relacionamento com companheiros não era importante antes dos 3 ou 4 anos, mas isso se mostrou falso. Crianças de 10 a 12 meses brincarão umas com as outras, imitarão suas ações e sorrirão umas para as outras. (Bee, 1984).

O desenvolvimento da criança pequena é muito rápido e perceptível. As crianças mudam de um mês para o outro e é necessário que as ADIs se adaptem a estas mudanças repentinas. Um bebê que, com 5 meses não conseguia segurar objetos, com 6 meses já consegue manipular objetos grandes e, em poucos meses, já conseguirá manipular objetos pequenos, já apresentando o movimento de oposição do polegar. Este é só um exemplo de como o desenvolvimento da criança pequena se processa rapidamente e, para que a criança consiga organizar-se neste processo, é fundamental também que o ambiente (pessoas que cuidam, o espaço físico, objetos, etc.) propicie e facilite esta organização.

A forma de estímulo e a interação da criança pequena com o ambiente que a cerca, influencia fortemente no seu desenvolvimento. Por exemplo, se a pessoa que cuida de um bebê nos seus primeiros meses de vida entender que este bebê não é capaz de ver, ouvir ou comunicar-se, ela pode cuidar dele (alimentá-la, trocar sua fralda, manipulá-la) sem buscar qualquer tipo de relação ou estímulo. Ao contrário, se a pessoa buscar conversar com o bebê, estimulá-lo visualmente, corporalmente ou através de música, certamente este bebê irá desenvolver-se de forma completamente diferente do primeiro.

Neste sentido, o CEI tem então um papel fundamental no desenvolvimento da criança pequena e é indiscutível a relevância desta instituição na educação infantil. Conforme cita Helen Bee (1984), alguns estudos mostram que crianças de classes sociais mais baixas que freqüentam berçários apresentam um maior desenvolvimento intelectual.

Problema de Pesquisa

Considerando-se que, o desenvolvimento da criança, para ocorrer deve ser facilitado por um outro e que a intervenção do ambiente é fundamental para a promoção do desenvolvimento infantil, pode-se constatar que o papel das ADIs na promoção do desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos é de extrema importância.

Para tanto, faz-se necessário investigar se existe nas profissionais de CEI (ADIs) a consciência de que é necessário prover estímulos que possibilitem a aquisição de habilidades e conseqüente desenvolvimento da criança e, também, de que elas, no papel de cuidadoras, são essenciais para que este desenvolvimento ocorra.

Caso essa consciência exista, é essencial investigar também dentro da instituição educacional “CEI” os três itens abaixo:

1. O CEI, através das suas profissionais, oferece oportunidade para que isso aconteça dentro da rotina diária das crianças de 0 a 2 anos, que ainda demandam muitos cuidados assistenciais?
2. Existe por parte das ADIs uma preocupação real com o desenvolvimento da criança?
3. É possível que estas profissionais pensem no desenvolvimento incluindo-o em suas rotinas assistenciais, através do lúdico?

Contextualização Teórica sobre o Desenvolvimento da Criança de 0 a 2 anos

O Desenvolvimento cognitivo:

A referência ao desenvolvimento da criança remete à forma como Jean Piaget descreve esta fase, denominando-a Estádio da Inteligência Sensório-Motora (Dolle, J.M., 1978). É um período de desenvolvimento bastante rápido e que se caracteriza pelo não uso da representação simbólica bem como pela incapacidade de utilizar a linguagem.

A descrição dos 6 subestádios que compõem este período Sensório-Motor deixa claro que todo o desenvolvimento da inteligência da criança nesta fase baseia-se na percepção do meio que a cerca e da prática da criança em relação a este meio. Ou seja, a inteligência vai se determinar na “presença do objeto, das situações, das pessoas” (Dolle, J.M., 1978, pg. 77).

Configura-se nesta afirmação a importância do cuidador no processo de desenvolvimento da criança nesta fase. Conforme descrito por Dolle, mesmo havendo uma delimitação dos Estágios de desenvolvimento, pode haver um retardamento ou aceleração da aparição de um estágio (e seus subestádios). E este retardamento ou aceleração não dependem apenas da maturação da criança, mas também do meio social que a cerca (pág. 52 e 53). Essa afirmação reforça ainda mais a importância da interação da criança com o meio para desenvolver-se e da necessidade de um facilitador (neste caso, um cuidador) para permitir, incentivar e motivar esta interação.

Uma descrição sucinta e breve dos subestádios de desenvolvimento do Estágio Sensório-Motor conforme descrito por Piaget faz-se importante neste Trabalho de Conclusão de Curso, uma vez que serão observadas interações entre as ADIs e as crianças de 0 a 2 anos e a forma como estes dois sujeitos (ADI e criança) se relacionam nesta interação. Para tal descrição baseei-me no livro de Dolle, J.M. “Para Compreender Jean Piaget” (1978).

Conforme já foi dito acima a interação entre o sujeito e o objeto e a experiência prática caracterizam este estágio de desenvolvimento da inteligência da criança, no qual a criança buscará adaptar-se ao meio em que vive através das suas ações e percepções. É esperado que, ao final do Estádio Sensório-Motor a criança tenha capacidade de representar o mundo mentalmente e pensar sobre ele, sem ter que necessariamente agir sobre ele. Essa seria uma nova maneira de conhecer, através da representação, utilizando o símbolo e a linguagem oral.

O Subestádio I vai desde o nascimento da criança até, aproximadamente, 1 mês de vida. Nesta fase o bebê utiliza mais os seus reflexos como meio de adaptação à sua realidade. Conforme utiliza estes reflexos, os mesmos vão se consolidando pelo exercício e, através destes exercícios, o bebê criará seus próprios esquemas de ação, tais como o ato de sucção e de distinção do seio da mãe.

O Subestádio II vai desde o 1º. mês de vida até o 4º. mês. Aqui as adaptações adquiridas pelo bebê tornam-se hábitos através de sua repetição pela experiência. Assim o bebê apresenta novas condutas de comportamento: a sucção do polegar e a protusão da língua.

Neste Subestádio também o bebê começa a apresentar o que Piaget define como Reação Circular Primária que seria um exercício de reprodução das ações realizadas, diferente do apresentado no Subestádio I uma vez que aquele era reflexo e este é um exercício adquirido. Estes exercícios referem-se basicamente a ações relativas ao próprio corpo do bebê como, por exemplo, a sucção do polegar. Além disso, o bebê começa a apresentar movimentos de preensão de objetos.

Os dois primeiros Subestádios do Sensório Motor são descritos como de atos pré-inteligentes, pois a inteligência só passa a existir quando existe a intencionalidade do ato, ou seja, um ato reflexo não é intencional. A partir do próximo Subestádio o bebê iniciará o processo de transição para os atos intencionais característica de atos inteligentes.

O Subestágio III vai desde o 4º. mês até o 8º. mês aproximadamente. Este Subestágio é o que apresenta a transição entre os atos pré-inteligentes e o início dos atos intencionais. O bebê já apresenta uma coordenação maior entre visão do objeto e apreensão do mesmo. Apresenta também a reação circular secundária descrita por Piaget como o exercício de reprodução de toda ação que o bebê realiza no meio que o cerca onde ele obtém algum resultado. Ao querer reproduzir este resultado o bebê exerce novamente o movimento que, conforme entendido por ele, deu origem ao ato da primeira vez. A criança passa a agir também sobre as coisas e a observar o resultado desta ação e não age mais apenas no próprio corpo.

Os CEIs normalmente matriculam bebês a partir do 4º. mês de vida, uma vez que, antes disso, as crianças permanecem com suas mães em casa devido à licença-maternidade. Assim, esta fase do desenvolvimento da inteligência pode representar para algumas crianças também uma transição entre o final de uma fase de interação e cuidados entre mãe e bebê e o início da introdução de novas cuidadoras nos CEIs, as ADIs.

Os três últimos Subestágios do Estágio Sensório-Motor já se caracterizam pela apresentação de atos inteligentes, ou seja, onde há a intencionalidade da ação.

O Subestágio IV vai desde o 8º. mês até o 12º. mês de vida. Neste subestágio observa-se mais claramente a intencionalidade da ação do bebê para obter um determinado resultado. Aqui a intenção final do bebê impõe-se aos meios para obter este fim e, para tanto, o bebê já coordena intencionalmente os esquemas que possui para atingir seu fim. O bebê já se permite viver situações para atingir objetivos que não são acessíveis diretamente.

O Subestágio V vai desde o 12º. mês até o 18º. mês e representa o ápice da Inteligência Sensório-Motora. Neste subestágio a criança já apresenta reações circulares terciárias, ou seja, ela além de aplicar os

esquemas já conhecidos a outros objetos consegue experimentar através do uso do objeto. Além disso, também já apresenta experimentação ativa com ações tentativas orientadas para atingir a um fim específico, através de um modelo de ensaio e erro.

O último Subestágio VI vai desde o 18º. mês ao 24º. mês e representa uma transição entre a inteligência sensório-motora e a inteligência representativa, característica do próximo Estágio de Desenvolvimento da Inteligência, conforme descrito por Piaget, o Período Operatório-Concreto.

Aqui a criança pequena já é capaz de iniciar o uso da função simbólica e o uso da linguagem oral. Ela não somente atua de modo prático com relação ao meio, mas também passa a atuar de forma representativa, evocando internamente os esquemas já construídos.

O Desenvolvimento afetivo

Além do desenvolvimento da inteligência da criança, é importante também considerar e citar, neste Trabalho de Conclusão de Curso, as questões relacionadas ao Desenvolvimento Social e de Personalidade da Criança de 0 a 2 anos. Conforme descrito por Papalia e Olds (1998) a forma como a criança interage, constrói sua personalidade e vivencia suas emoções na infância têm forte impacto no desenvolvimento da confiança e autonomia do indivíduo em sua infância e idade adulta.

Os bebês têm formas características de reagir a estímulos externos de acordo com sua idade. De acordo com tabela apresentada por Papalia e Olds (1978), estas são as principais características de desenvolvimento da personalidade nas seguintes idades.

0 – 1 mês	Os bebês demonstram pouca reação à estimulação externa.
1 – 3 meses	Bebês estão mais abertos à estimulação. Demonstram interesse e curiosidade para as pessoas que ele vê.

3 – 6 meses	Bebês podem prever o que vai acontecer e demonstram insatisfação quando não ocorrem. Expressam irritação. Sorriem e balbuciam com frequência. É neste período que despertam para o social e é quando as primeiras interações entre bebê e cuidador começam a ocorrer.
7 – 9 meses	Bebês iniciam “jogos sociais” e tentam obter respostas das pessoas que cuidam deles. Conversam, tocam e tentam agradar outros bebês. Expressam emoções como alegria, medo, irritação e surpresa.
9 – 12 meses	Bebês preocupam-se com seus cuidadores e começam a estranhar pessoas novas. Ao final desta fase conseguem comunicar mais claramente suas emoções através de humores, gradações de sentimentos e ambivalências.
12 – 18 meses	Bebês exploram o ambiente e usam as pessoas conhecidas para obterem mais segurança. Tornam-se mais confiantes e ansiosos para se afirmarem.
18 – 24 meses	Podem ficar ansiosas quando se separam de seus cuidadores. Ao final desta fase começam a trabalhar a consciência de suas limitações através de fantasias e brincadeiras. Identifica-se com adultos.

A importância do cuidado e do cuidador nesta fase inicial de vida vem no sentido de que é importante para o bebê perceber-se em um ambiente confiável, onde possa estabelecer ligações afetivas fortes e consistentes. Conforme citado por Papalia e Olds (1978), a Teoria de Erik Eriksson descreve como a primeira das oito crises vividas pelo indivíduo, a “confiança básica versus desconfiança básica”. Esta crise ocorre exatamente do nascimento até cerca dos 18 meses de idade. É nesta fase que o bebê desenvolve a noção de confiabilidade das pessoas e objetos do mundo que o cerca. Assim o bebê precisa desenvolver o correto equilíbrio entre a confiança, que lhe permitiria formar as relações de intimidade, e a desconfiança, que lhe permitiria proteger-se. Se há predomínio da confiança, a criança desenvolve a crença de que pode satisfazer suas necessidades e obter o que desejam. Se há predomínio

da desconfiança, a criança verá o mundo como imprevisível e não-amigável e poderá ter problemas para construir relações mais íntimas.

A importância das ADIs nesse sentido vêm com o fato de que esta confiança não precisa ou deve ser construída apenas pela mãe, mas também pelas pessoas que cuidam desta criança. E este cuidado deve ser feito de forma dedicada e atenciosa visando uma influência positiva no desenvolvimento da criança.

Essa comunicação entre o cuidador e o bebê é parte de um processo denominado por Papalia e Olds (1978) como “modelo de regulação mútua” (pág. 229) que seria o processo onde o bebê e seu cuidador mutuamente comunicariam seus estados emocionais um ao outro e responderiam de forma apropriada a esta comunicação. A estimulação deve ser saudável, no sentido de que o cuidador consegue entender o comportamento de um bebê e responder a ele de forma adequada. A estimulação excessiva ou limitada é danosa ao bebê, pois pode afetá-lo de forma a esgotá-los emocionalmente ou torná-los desinteressados com relação ao meio que o cerca.

O desenvolvimento e os fenômenos transicionais

O desenvolvimento da criança, quando focado pela teoria winnicottiana, também traz diversas questões relevantes para este Trabalho, com relação ao desenvolvimento infantil.

Winnicott (1975) diz que, a partir do momento que uma criança nasce, ela tem uma tendência à maturação que, para ocorrer, precisa de uma relação com o outro. Para ele a criança nasce para o mundo a partir do momento que entra para a comunidade dos seres humanos. Ele afirma também que todas as funções humanas só se constituem na presença do outro. Assim um bebê, que nasce com uma tendência ao amadurecimento, para que tenha um ego forte, depende de um apoio, dado pelo ambiente. Este apoio, na teoria de Winnicott, é reforçado como sendo o apoio materno. Quanto maior e melhor é este apoio

ambiental, mais fortemente e facilmente o bebê é conduzido a ter sua própria organização, ou seja, o bebê é conduzido a tornar-se si mesmo. Isso demonstra a importância que Winnicott dá, em sua teoria, ao ambiente em torno do bebê, que é sempre mediado por outro (pela mãe).

É este outro que irá proporcionar o que Winnicott chama de espaço potencial, que pode ser definido como o terreno da experiência do bebê, aonde ele irá, através da brincadeira e da criação, desenvolver-se e construir sua própria realidade. Esse espaço seria como um terceiro mundo para o bebê, uma área que se situa entre o mundo interno e o mundo externo. Esse espaço é a área da transicionalidade, da experimentação, do brincar.

De acordo com Winnicott, neste processo de desenvolvimento, é fundamental o que ele descreve como fenômenos transicionais, que são fenômenos que facilitam a passagem entre a realidade subjetiva do bebê e a realidade como é objetivamente percebida. Esses fenômenos são caracterizados por Winnicott como “universais” (Winnicott 1975, p.62), como formas de experiências de percepção do bebê que podem incluir tudo o que faz parte da cultura, do lazer, das relações humanas. E essa experimentação é algo que o bebê não pode fazer sem o seu próprio corpo, daí também se ressalta a importância de outro capaz de proporcionar esse espaço a ele.

O conceito de objeto transicional de Winnicott também transita neste espaço potencial. O objeto transicional é interno e externo e a criança o possui, ou seja, ela pode controlá-lo. Esse objeto tem a função de ser um substituto da mãe, ou ao seio da mãe. Ele é importante porque é algo retirado da realidade externa, mas que passa a ter para um bebê um sentido diferente, subjetivo, que enriquecerá seu mundo interno. Esse objeto pode ser qualquer coisa, um paninho, um travesseiro, um bichinho de pelúcia, que representará o objeto da primeira relação do bebê: o seio materno. Dessa forma o bebê passa do controle onipotente (mágico) do objeto para um controle concreto (real) do objeto transicional. Nesse objeto o bebê colocará seus afetos, desejos, medos e necessidades. Ele servirá como um continente de tudo o que existe entre o mundo interno e externo do bebê. A função do objeto transicional é de ser um

substituto da mãe dando ao bebê condições de suportar essa distância e também dando condições de que ele se constitua como si mesmo.

Por fim, pode-se então perceber que o tipo de cuidado que a criança recebe nos primeiros anos de vida afeta diretamente o seu desenvolvimento. Uma cuidadora que ofereça uma atenção de forma estável, constante e com qualidade estará auxiliando o bebê a desenvolver-se de forma positiva.

A Importância do cuidador no desenvolvimento infantil

Conforme cita Freller (1999), “Winnicott explica que o acontecer humano depende da intervenção do ambiente. A tendência à integração e ao amadurecimento só se realiza se pessoas significativas facilitarem o desenvolvimento do indivíduo.” (pág. 3). Esse processo deve ser contínuo visando seu sucesso. E essa facilitação dá-se através das funções de “holding”, “handling” e de apresentação de objetos que devem sempre ocorrer da forma e no momento corretos para serem eficazes. Outra questão importante, conforme cita Freller é que essa facilitação deve sempre respeitar as necessidades e as características do indivíduo que as recebe.

As funções conforme descritas por Winnicott podem ser assim brevemente descritas:

- O “Holding” ou “segurar” seria prover a sustentação do ser. É a responsabilidade do cuidador, no caso a ADI, de olhar essa criança como pessoa. Essa função auxilia na integração da criança no tempo e no espaço.
- O “Handling” ou “manejo” seria como uma especialização do “holding” com foco maior no cuidado corporal do bebê. Essa função auxilia na possibilidade do bebê habitar seu próprio corpo, uma vez que este é conhecido e cuidado, facilitando a tarefa de personalização da criança.
- A “apresentação de objetos” seria uma forma de auxiliar na tarefa do bebê de realização que seria o estabelecimento de contato com a realidade interna e externa do bebê e integrar-se a esta

realidade, uma vez que se o bebê não reconhece que esta realidade existe em si própria, ele nunca poderá alcançá-la.

Corroborando esta afirmação de Winnicott, Freller comenta que Vygotsky também se refere, em sua teoria, à importância de uma pessoa atuando como facilitador do desenvolvimento. Assim “a aprendizagem não ocorre espontaneamente, mas depende da interferência intencional do professor”. (Freller, C., 1999, p. 3)

A relação entre ADI e bebê é de extrema importância para encaminhar e proporcionar o desenvolvimento fornecendo material e estímulos nas fases determinadas do desenvolvimento do bebê, sempre considerando sua faixa etária e suas capacidades, habilidades e, principalmente, necessidades.

Conforme Winnicott (1975), o bebê já nasce com a tendência à maturação e ao desenvolvimento e para que isto ocorra são necessários os fatores internos, que seriam as experiências pulsionais do bebê e os fatores externos, que seria o cuidado de outro.

Ser capaz de proporcionar este desenvolvimento deve ser a principal função da ADI no CEI. E esta facilitação deve ocorrer de forma contínua, considerando a rotina do CEI de cuidados e de atividades pedagógicas.

Cabe aqui definir o que é considerado uma atividade pedagógica neste Trabalho. Não se trata de uma atividade pensada para sala de aula, mas sim de atividades elaboradas para as crianças em instituições de educação infantil que tenham o objetivo de promover experiências satisfatórias, educativas e de desenvolvimento para as crianças, através da oferta de brinquedos, estímulos e atividades que sejam condizentes com a sua faixa etária e fase de desenvolvimento, bem como dosados da forma correta respeitando momentos de descanso e cuidados que uma criança pequena requer.

Assim, as atividades pedagógicas são aquelas que permitem que o bebê / criança brinque, experimente e movimente-se, podendo expressar-se e desenvolver-se em todos os seus aspectos, através de uma gama de

atividades diversificadas e agradáveis onde sejam reconhecidos e considerados o ritmo e disponibilidade de cada bebê / criança.

A importância do brincar no desenvolvimento infantil

O brincar é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança bem como para a sua socialização. A utilização do brincar como forma de proporcionar oportunidades e de estimular o desenvolvimento deve ser amplamente utilizada quando se refere ao trabalho com crianças de 0 a 2 anos.

O brincar em si é uma atividade espontânea e prazerosa para qualquer criança, independente da faixa etária. Ou seja, a criança brinca por brincar, uma vez que esta atividade lhe dá satisfação. É através do brincar que a criança interage com o mundo que a cerca e proporcionar à criança um tempo e espaço para este brincar é tarefa primordial de seu cuidador. Este tem a função de dar a ela a possibilidade de ser si mesmo, espontânea e criativamente através do brincar. Winnicott (1975) ressalta também que a brincadeira para a criança pequena acaba sendo também uma forma de comunicação uma vez que a esta criança ainda não tem pelo domínio da linguagem.

O adulto que cuida deve estar sempre em consonância com a necessidade de brincar da criança, proporcionando a esta oportunidades, brinquedos, estímulos e um espaço apropriado para facilitar este brincar. É essencial também que o adulto cuidador também leve em consideração o desenvolvimento da criança e sua forma de brincar. Uma criança pequena costuma mudar rapidamente de brincadeiras, trocando brinquedos e explorando bastante o ambiente. Isso não significa que ela não goste de brincar ou não tenha necessidade de brincar. Conforme vai se desenvolvendo a criança passa mais tempo brincando com um determinado brinquedo, desempenhando papéis mais elaborados e explorando diversas situações a partir de um determinado brinquedo.

Rosa (2002) ressalta que uma questão bastante importante quando se pensa no adulto como facilitador do brincar da criança é o fato de que o brincar tem a sua história, ou seja, a criança não nasce sabendo brincar. Esse brincar é constituído nas relações, nas estimulações e na medida em que o adulto cuidador proporciona para a criança pequena o espaço potencial necessário para que o brincar se elabore.

Através do brincar a criança é também capaz de elaborar suas ansiedades, medos e angústias. Assim, uma brincadeira que pode parecer sem significado para um adulto pode estar envolvendo uma série de questões relevantes para uma determinada criança, pois a escolha de determinados brinquedos ou objetos tem relação direta com as vivências da criança. Um exemplo disso é o objeto transicional que Winnicott ressalta em sua teoria. Essa busca de um objeto substituto ao seu relacionamento com a mãe visa suprir as necessidades da criança na ausência desta mãe. Desta forma brinquedos podem assumir diversos significados para a criança e isso deve ser, não somente considerado, como também respeitado pelo adulto cuidador.

Conforme cita Silva (2007), além dos brinquedos, muitas vezes a criança também usa o próprio corpo no brincar. Desta forma está aprendendo sobre si, sobre o mundo e sobre as pessoas que a rodeiam.

É muito importante que a criança tenha oportunidades de explorar o espaço que a cerca, bem como os objetos disponíveis neste espaço. Assim é importante sempre considerar não somente o tempo que é disponibilizado para que a criança brinque, que estará aqui sendo definido como a quantidade do brincar, mas também a qualidade deste brincar, ou seja, que o brincar possibilite a criança estabelecer uma relação entre o seu mundo subjetivo e o mundo externo (brinquedo). Conforme apontado por Rosa (2002), o brincar deve ser entendido como “possibilidade de abertura de um campo onde os aspectos da subjetividade se encontram com os elementos da realidade externa para possibilitar uma experiência criativa com o conhecimento” (p. 21).

Por fim, conforme Winnicott (1975), a brincadeira é universal e é própria da saúde. Assim o brincar facilita o desenvolvimento e também à saúde uma vez que através do brincar a criança pode comunicar-se e ver facilitado o seu relacionamento com si mesmo e com o mundo.

O Centro de Educação Infantil (CEI) – seus profissionais e suas propostas educacionais

A ADI e suas funções no CEI

A primeira questão que deve ser enfocada neste capítulo é a própria descrição da função de cuidadora de CEI. O que é ser ADI e quais são as funções que são esperadas dela no dia a dia?

De acordo com a CBO – Classificação Brasileira de Ocupações, disponível na home - page do Ministério do Trabalho, a função ADI ou Auxiliar de Desenvolvimento Infantil também pode ser classificada como Atendente de Creche, Auxiliar de Creche ou Crecheira. A ocupação de ADI é vinculada à de Professor de Nível Médio na Educação Infantil, ou seja, as duas referem-se a profissionais que atuam na Educação Infantil. Estas ocupações possuem a seguinte descrição sumária: “Ensinam e cuidam de alunos na faixa de zero a seis anos; orientam a construção do conhecimento; elaboram projetos pedagógicos; planejam ações didáticas e avaliam o desempenho dos alunos. Preparam material pedagógico; organizam o trabalho. No desenvolvimento das atividades, mobilizam um conjunto de capacidades comunicativas.”

Essa função surgiu em São Paulo, no ano de 1987 como figura substituta ao/à pajem, uma vez que, na mesma época houve uma reprogramação das creches, quando estes espaços passaram a ser descritos como “equipamento social, espaço de convivência e de educação de crianças de 0 a 6 anos” (Sanches, 2003, p. 36). Por essa razão fez-se necessária a reclassificação da função que passou a exigir um profissional mais qualificado com Ensino Fundamental completo e com curso específico que o habilitaria a exercer a função.

Em 1988 através de lei da Prefeitura Municipal o cargo foi novamente descrito e passou a aceitar profissionais com Ensino Fundamental incompleto e com curso de habilitação no próprio serviço.

Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 versa no Artigo 62º, Título VI que “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil (...) a oferecida em nível médio, na modalidade Normal”.

Em contrapartida, considerando as necessidades de um ser em desenvolvimento, é esperado da ADI que ela trabalhe diretamente com as 0 a 2 anos provendo a elas o que lhes é necessário para proporcionar e facilitar o seu desenvolvimento.

O CEI como primeira etapa da Educação Básica

Após a promulgação da LDB em 1996, foi desenvolvido e disponibilizado pelo Governo Federal uma série de publicações denominadas Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Como a LDB instituiu que as Creches e Unidades Pré-Escolares seriam a primeira etapa da Educação Básica, fazia-se então necessário orientar e capacitar essas instituições para passarem a trabalhar com um enfoque educacional, incorporando atividades que visam o desenvolvimento e a educação às já tradicionais atividades assistenciais das Creches.

O principal objetivo destas publicações é a de servir como um guia para educadores (ADIs) dos CEIs para que pudessem planejar e implementar atividades pedagógicas que visem formar a criança enquanto sujeito de direitos abordando as áreas:

- pessoal, visando a formação de um sujeito com autonomia;
- social, visando a formação de um sujeito capaz de pensar e agir de forma solidária e
- produtiva, visando a formação de um sujeito capaz de se inserir no mundo do trabalho.

Desta forma o material é dividido em três livros que versam sobre questões distintas. O primeiro livro discute questões relevantes para a

Educação Infantil, tais como concepções de criança, de educação e dos profissionais que compõem estas instituições. O segundo livro fala versa sobre formas de trabalhar e a importância de se trabalhar com os processos de construção da identidade e da autonomia das crianças. O terceiro livro versa sobre a importância de se trabalhar no sentido de orientar a criança para um conhecimento do mundo que a cerca. Assim, traz reflexões sobre o trabalho em diversas áreas tais como movimento, música, artes visuais, linguagem (oral e escrita), natureza e sociedade e matemática. É importante ressaltar também que há a preocupação nestas publicações de focar de forma distinta os referenciais para crianças de 0 a 3 anos e para crianças 4 a 6 anos.

Esse material está disponível no site do Ministério da Educação com acesso fácil e gratuito. No início o material era disponibilizado gratuitamente em meio físico (em papel e encadernado) através dos correios após ser solicitado eletronicamente via web-site. Atualmente o material é disponibilizado em versão digital para impressão ou para consulta.

A organização dos conteúdos é feita de forma bastante simples e acessível. Assim torna-se fácil para o educador planejar e implementar atividades com o objetivo de trabalhar áreas distintas do desenvolvimento de forma lógica e organizada. São disponibilizadas informações sobre o conteúdo, atividades e formas de trabalhá-las, seqüência de trabalho, espaço físico e materiais necessários, além das formas de registrar e avaliar a atividade.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo disponibilizou no ano de 2007 uma publicação chamada “Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil”. O objetivo desta publicação é o de subsidiar os educadores de Educação Infantil com informações e orientações necessárias para o desenvolvimento de atividades pedagógicas que considerem as necessidades de desenvolvimento da criança até 6 anos. Além disso, versa sobre a importância do cuidado com o espaço físico, materiais disponibilizados, bem como com as relações com as famílias das crianças que freqüentam os CEIs.

Este documento se utiliza de alguns princípios básicos para pensar as áreas de trabalho a serem focadas visando proporcionar às crianças vivências de aprendizado e de desenvolvimento. Tais como listados no material, os princípios são:

- a. “o desenvolvimento da criança é um processo conjunto e recíproco.
- b. educar e cuidar são dimensões indissociáveis de toda ação educacional.
- c. todos são iguais, apesar de diferentes: a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais.
- d. o adulto educador é mediador da criança em sua aprendizagem.
- e. a parceria com as famílias das crianças é fundamental.”
(SMESP, 2007 – p. 16)

Os dois documentos acima citados são orientadores de uma nova forma de se pensar a criança dentro dos CEIs: ela deixa de ser um outro a ser cuidado e passa a ser um outro que, além de cuidado, precisa ser educado de forma coerente, clara e, acima de tudo, com propostas fundamentadas nas especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de crianças de zero a seis anos.

O Brincar e sua importância no CEI

O CEI, através das ADIs, deve proporcionar à criança um espaço onde possa aprender a brincar através da interação com elas mesmas e também com outras crianças. Conforme afirmam Abramowicz e Wajskop (1995), “nenhuma criança nasce sabendo brincar” (p. 56). Assim, se a proposta dos CEIs é a de ser um espaço educacional, é imprescindível que se ensine a brincar e se ensine através do brincar. Ao aprender a brincar a criança aprende a representar e a experimentar.

Uma das primeiras formas de brincar que a ADI pode oferecer para um bebê é movimentá-lo e estimulá-lo através de contato físico, gestos e expressões faciais. Aparentemente é a ADI que parece estar brincando com o bebê, mas este jamais é passivo nesta atividade uma vez que reage aos

estímulos olhando, sentindo e, dependendo do seu estágio de desenvolvimento, até mesmo repetindo os gestos e expressões do adulto.

A ADI também pode ensinar a criança a brincar com o faz-de-conta, imaginando e criando situações e personagens que venham a suprir a criança com novas formas de se expressar física e emocionalmente.

Abramowicz e Wajskop (1995) também ressaltam que brincar também “é uma atividade social” (p. 57). Através de brincadeiras proporcionadas pelas ADIs nos CEIs a criança pode aprender regras, valores e condutas sociais.

Criar e valorizar espaços para o brincar no CEI podem ser um excelente instrumento para trabalhar repetidamente questões importantes para o desenvolvimento físico, emocional e social da criança sem que esta seja exposta a uma atividade educacional cansativa. Porque mesmo não tendo um objetivo educacional, o brincar pode e deve ser utilizado nos CEIs como forma de aprendizado.

Brincar é uma experiência que envolve a imaginação e a comunicação, seja ela verbal ou física. Mas é importante que o CEI proporcione tempo e espaço para que este aprendizado ocorra, fazendo com que estas experiências sejam extremamente prazerosas e construtivas.

As ADIs podem intervir de forma direta ou indireta no brincar. Ao intervir diretamente ela deverá estar junto à criança, organizando as brincadeiras, proporcionando um horário dentro do planejamento de atividades para que este brincar ocorra e nomeando para as crianças o que ocorre no brincar. A intervenção indireta prevê apenas uma observação do brincar ou ainda a elaboração de atividades que venham a desencadear brincadeiras, tais como a contação de histórias e passeios. (Abramowicz e Wajskop, 1995)

Método

Para conduzir a investigação foram realizadas entrevistas com ADIs que trabalham diretamente com crianças de 0 a 2 anos.

Com o objetivo de melhor entender e analisar o resultado das entrevistas foram realizadas observações, prévias às entrevistas, nas duas salas separadamente. Em cada sala foram realizadas 2 observações: uma no período da manhã e outra no período da tarde, em dias separados, de forma a poder obter uma visão geral de toda rotina de atividades das ADIs e das crianças. Para guiar as observações foi elaborado um roteiro de orientação (anexo 4) considerando questões importantes que deveriam ser consideradas, tais como: espaço físico, planejamento das atividades, relação ADI x pais, ADI x ADI, ADI x criança e criança x criança, rotina diária, atividades realizadas (incluindo atividades pedagógicas e assistenciais), hora da chegada e hora da saída.

A transcrição integral das entrevistas realizadas bem como a descrição das observações encontram-se anexas a este trabalho (anexos 5 e 6).

As entrevistas foram realizadas com duas ADIs que atuam em salas distintas de um CEI. Uma trabalha com crianças de 0 a 1 ano, e a outra com crianças de 1 a 2 anos. Neste trabalho serão identificadas como ADI-1, que trabalha com o primeiro grupo de crianças e ADI-2, que trabalha com o segundo grupo de crianças.

Foi solicitada formalmente à Diretora do CEI a realização da pesquisa na instituição.

Elas foram realizadas no próprio CEI, na sala de reuniões, que ficou exclusiva para nosso uso, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética de Pesquisa da PUC SP.

Apresentei-me e expliquei o objetivo da entrevista, enfatizando que o material coletado seria para uso acadêmico. Foi disponibilizada para cada uma delas uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado por elas e por mim, bem como um Termo de Compromisso do

Pesquisador, assinado por mim e pela orientadora deste trabalho (Anexos 1 e 2).

Os tópicos da entrevista (Anexo 3) foram elaborados tendo como fundamentação teórica os dados pesquisados na contextualização deste Trabalho além das observações previamente realizadas. Assim a entrevista foi dividida em 4 grupos que enfocavam buscar: dados pessoais do entrevistado, dados profissionais e histórico profissional do entrevistado, dados sobre a função atual de ADI e dados sobre a visão do entrevistado da função da ADI, do desenvolvimento infantil e da importância do brincar para a criança. A entrevista foi pensada, em princípio como semi-dirigida, com o objetivo apresentar tópicos que pudessem levar o entrevistado a um mais livre e elaborado de acordo com suas vivências. Porém, durante a entrevista o processo foi modificado tornando-se dirigido devido ao fato de que os entrevistados limitaram-se a responder aos questionamentos evitando prolongar-se nas respostas.

Tentei deixá-las à vontade para falar sobre o que quisessem. Além disso, solicitei a concordância delas para gravar as entrevistas.

Resultados

Foram entrevistadas duas ADIs, uma que trabalha no B1 e outra no B2.

A ADI-1 é paulistana, tem 28 anos, é solteira e tem um filho de 7 anos, Pude conhecê-la durante as observações realizadas e ela foi convidada a participar da entrevista pela Diretora do CEI.

A entrevista com a ADI do B1 foi bastante tranqüila. É bastante articulada e entendia bem o enunciado das perguntas que lhe eram feitas e respondia sem dificuldade. Porém, ateu-se sempre ao conteúdo das perguntas, dificultando uma reflexão maior acerca dos temas que lhe eram apresentados. Parecia sempre estar preocupada com a forma como respondia a questões que se referiam à organização do CEI e a rotinas e regras definidas pela direção e pela coordenação pedagógica da instituição. Apresentava uma visível preocupação em não ressaltar questões negativas do CEI, e a enfatizar conceitos pedagógicos, tais como, a importância de se trabalhar o educar e cuidar com as crianças. Entendi essa preocupação como sendo relacionada ao receio de que seu relato pudesse vir a ser ouvido pela direção do CEI, mesmo que tenha sido esclarecido no início da entrevista que o material seria utilizado apenas por mim, para fins acadêmicos e tratado de forma anônima.

O Berçário 1, onde ela trabalha, é uma sala grande que conta com um banheiro específico para uso dos bebês com um trocador e local de banho. Há também uma cozinha (lactário) onde são preparados os alimentos. Localiza-se no final do corredor de do CEI, o que diminui bastante o ruído externo do local. A sala conta com duas janelas: uma interna que abre para o corredor e uma externa (basculante) com grades. Há duas portas na sala: uma interna, para o corredor. É um espaço bastante agradável com muitos enfeites que são regularmente trocados. Nas duas observações realizadas o Berçário 1 contava com enfeites diferentes dispostos de forma a facilitar o acesso do bebê a eles. Além disso, possui também colchões dispostos no chão e forrados com lençol. Há apenas 2 berços que não são utilizados. Um deles tem um colchão e lençol e o outro serve como local de armazenamento de brinquedos. Há muitos

brinquedos disponíveis no espaço, sendo grande parte deles de sucata. Além disso, uma barra para apoio e espelho em uma das paredes da sala. Há 6 ADIs e atualmente 34 bebês matriculados. A ADI-1 diz que nunca ocorreu de estarem todos os bebês na sala. Durante as observações também não foi visto este número completo.

A ADI-2 é baiana, tem 31 anos, é casada e tem uma filha de 9 anos. Também pude conhecê-la durante as observações realizadas e ela também foi convidada a participar da entrevista pela Diretora do CEI.

Na entrevista com a ADI do B2, percebi uma dificuldade maior em responder as perguntas devido ao não entendimento, em um primeiro momento, do que o enunciado queria dizer. Por diversas vezes foi necessário reformular a pergunta de forma mais clara e até com exemplos. Foi percebida também nesta entrevista uma preocupação com o teor das respostas de forma até mais perceptível do que na primeira entrevista, uma vez que a entrevistada preocupava-se em falar sobre as questões pedagógicas que ela deduzia que interessariam e questionava sempre sobre a necessidade de relatar também sobre os cuidados assistenciais que tinha com as crianças durante sua rotina. Preocupava-se bastante em usar termos mais técnicos para explicar as atividades tais como: “jogo simbólico” e “linguagem oral” querendo significar “brincar de casinha” e “chamada” (atividade de identificação de almofadas com o nome da criança). Contudo pode-se perceber uma grande dificuldade da entrevistada em expressar-se oralmente, cometendo diversos erros de concordância e de pronúncia durante todo o seu discurso. A segunda entrevistada também se limitou a responder às perguntas que lhe foram feitas.

A Sala do Berçário 2 onde ela trabalha é uma das três voltadas para esta faixa etária que o CEI possui. Enquanto as duas outras salas contam com um banheiro para uso próprio, este Berçário 2 não possui banheiro. As trocas de fralda são realizadas em duas bancadas com colchões com tamanho apropriado para a realização da tarefa. Além das bancadas há uma mesa e duas cadeiras, para uso das ADIs, um armário para guardar material das crianças, vários colchões que são usados para a hora do descanso após o

almoço e durante o resto do tempo permanecem empilhados embaixo das bancadas dos trocadores. A sala possui um espelho em uma das paredes, pequenos ganchos com o nome de cada criança em cima, onde ficam penduradas as mochilas durante todo o dia. Os brinquedos não ficam dispostos em locais de fácil acesso para as crianças. O que ocorre é que, em cada atividade proposta as ADIs colocam os brinquedos e materiais no chão para uso e depois os recolhem e guardam nos armários. A janela também é basculante e gradeada. Possui uma cortina que é fechada deixando o ambiente menos iluminado na hora do descanso. Durante o dia e após algumas trocas de fraldas, pode-se sentir na sala o cheiro das fezes das crianças, uma vez que o lixo não pode ser trocado constantemente. Atualmente a sala tem 21 crianças.

A idéia inicial das entrevistas era de terem um caráter semi-dirigido, ou seja, de utilizar perguntas como grandes temas que poderia mobilizar nas ADIs um relato mais espontâneo de suas vivências. Porém, devido à forma como as duas entrevistadas reagiram ao processo, foi necessário realizar uma coleta de dados diferente da inicialmente pensada. Assim a entrevista foi realizada de forma dirigida.

Síntese das Entrevistas à Luz das Observações

Após a transcrição das entrevistas, os dados coletados foram categorizados e divididos em grupos, conforme o resultado obtido. As categorias a serem analisadas são:

- Configuração familiar
- Experiência profissional
- Formação profissional
- Conhecimento teórico sobre desenvolvimento infantil
- Conhecimento prático sobre desenvolvimento infantil
- Vivências interferindo na profissão / atitudes
- Atividades desenvolvidas e relações internas
- Relações interpessoais:

- Com outras ADIs
- Com os pais
- Com as crianças
- A Rotina (Assistencial e Educacional)
- O Espaço do Brincar
- Condições de trabalho

Configuração Familiar:

Na fala da ADI-1 pode-se perceber uma preocupação com a sua condição familiar. Ela é mãe-solteira de um menino de 7 anos, portador da Síndrome de Rubenstein-Taybi. Seu discurso é então permeado, em diversos momentos por informações que referem-se ao filho, sua preocupação e os cuidados que ela, como mãe, tem com o seu desenvolvimento: colégio particular, fonoaudiólogo, neurologista, psicomotricista e pedagogo. Relata inclusive ter deixado um de seus empregos, há alguns anos, por causa dele.

Por outro lado, a ADI-2 refere-se à sua família: marido e uma filha de 9 anos, porém sem aprofundar-se em questões pessoais que sejam mobilizadoras para ela.

Experiência profissional:

A ADI-1 relata experiências como educadora durante 10 anos de sua vida profissional, onde teve oportunidade de trabalhar com crianças de faixas etárias diversas: de 0 a 9 anos em 4 instituições educacionais, incluindo o CEI que trabalha atualmente, desde fevereiro deste ano. Essa gama de experiências que incluem, desde o trabalho no berçário até o processo de alfabetização, faz com que a ADI-1 tenha tido a oportunidade de entrar em contato com diversas fases do desenvolvimento infantil. A ADI-2, por sua vez, tem uma experiência profissional bastante diferente. Seu contato com a prática educacional e com crianças tem somente 4 anos e foi, praticamente todo, com a mesma faixa etária, de 1,4 ano até 2 anos de idade. Apenas por 3 meses teve a oportunidade de trabalhar com os bebês do Berçário 1. Antes disso, a sua experiência profissional foi como doméstica, auxiliar de cozinha, funcionária de restaurante e de padaria. Seu ingresso no próprio CEI foi como

auxiliar de cozinha. Segundo seu relato, tendo a oportunidade de ter contato com as crianças ela foi “pegando o gosto” pelo trabalho de ADI e fez então o Magistério, para estar minimamente habilitada para trabalhar com crianças, de acordo com a LDB em vigor.

É interessante aqui confrontar o discurso das ADIs com as observações realizadas nas salas em que cada uma delas trabalha. A ADI-1 mostra-se mais atenciosa com alguns bebês do que com outros e demonstra habilidade ao segurar as crianças, trocá-las e alimentá-las. Porém todo esse processo é realizado de forma muito rápida já que o número de crianças sob responsabilidade da ADI é muito grande. O cuidado mais próximo, respeitando o ritmo de cada criança é desconsiderado. Já a ADI-2, demonstra um distanciamento maior das crianças. As ADIs do Berçário 2 não preocupam-se em dar atenção especial para qualquer criança. As poucas tentativas são logo descartadas no momento em que as crianças buscam um contato físico maior.

Formação Profissional

A formação profissional da ADI-1 é basicamente focada em educação, tendo focado seus estudos visando o trabalho em escola. Relata também ter realizado alguns cursos, sempre na área de educação. É importante ressaltar que buscou fazer um curso ligado à fonoaudiologia e pretende fazer pós-graduação em psicomotricidade. Essas duas áreas relacionam-se diretamente questões referentes ao seu filho que, devido à Síndrome, realiza tratamentos nestas áreas. Foi mencionado também pela ADI-1 o trabalho realizado por uma psicomotricista especificamente com o Berçário 1 onde, através de atividades e aulas práticas no próprio CEI, as ADIs estão sendo capacitadas no sentido de criarem um ambiente mais acolhedor e propício para o desenvolvimento dos bebês, bem como no sentido de estarem habilitadas a desenvolver atividades diversas, tais como: estimulação motora e relaxamento, entre outras. A ADI-2 tem apenas a formação no magistério, requisito mínimo para a atuação profissional como ADI em CEI, de acordo com a LDB e um curso de “berçarinho”.

Durante as observações, pode ser comprovado muito do que esta categoria de análise aponta. É visível a falta de conhecimento teórico da ADI-2

para o trabalho com crianças da faixa etária de 1,4 a 2 anos. Não há respeito pelo ritmo individual de cada criança. Além disso, a ADI-2 e a outra ADI com quem divide a sala gritam muito com as crianças e não se preocupam com a forma de comunicar-se com elas.

Conhecimento teórico sobre o desenvolvimento infantil

A ADI-1 relata não ter feito nenhum curso teórico sobre o desenvolvimento infantil. Em seu relato, porém pode-se perceber um conhecimento básico sobre esta questão. Ela relata entender que a criança pequena (de berçário) requer mais do que somente os cuidados assistenciais e que deve haver uma proposta pedagógica no trabalho com eles. Além disso, ressalta que o profissional de educação deve entender que “cuidar” e “educar” são ações que devem ocorrer de forma simultânea e com a mesma medida. Ao seu conhecimento teórico, deve também ser acrescentado seu relato sobre a importância do trabalho realizado pela psicomotricista no CEI que reforça não somente o foco no trabalho motor com o bebê, mas também a necessidade das próprias ADIs criarem esse espaço facilitador e os recursos nele disponíveis, tais como: material de sucata como caixas de papelão para a criança apoiar-se e caminhar, garrafas pet transformadas em brinquedos que correm no chão estimulando a movimentação do bebê, barras de apoio na parede e espelhos também para facilitar a locomoção e o contato com si mesmo e com o outro. Contudo ela não soube explicitar qual é a sua função como ADI dentro do berçário. Mostra um discurso um pouco confuso quando tenta explicar o que deve fazer, remetendo-se novamente à unidade brincar / cuidar.

Já a ADI-2 não teve a oportunidade de ter quaisquer tipos de informação ou acesso a materiais que tratassem de desenvolvimento infantil. Esse fato pode ser observado durante a entrevista no momento em que foi questionada sobre sua função com relação às crianças e ela respondeu: “ficar desenvolvendo as crianças, coordenação motora, é isso?” Essa resposta pode significar que ela não se apropriou de suas funções como ADI ou ainda que ela não tem noção de que o desenvolvimento infantil vai além do aprender a andar e pegar objetos. De qualquer forma fica claro que existe uma lacuna maior nesta questão com relação à ADI-2.

Durante as observações fica claro que a oportunidade de estar sendo realizado um trabalho prático com a orientação de uma psicomotricista veio a contribuir muito para a disponibilização de um espaço adequado para o bebê de até 1 ano. Tudo o que está disposto em termos de brinquedos e estímulos visuais é utilizado pelas crianças que exploram bastante o ambiente. Nesse sentido fica explícito que as ADIs do Berçário 1 estão tendo oportunidade de entrar em contato com questões relacionadas ao desenvolvimento infantil. Mas também fica explícito que falta às duas ADIs (1 e 2) o conhecimento teórico no sentido de mobilizá-las à prática correta com as crianças. Pode-se observar que os estímulos são utilizados porque estão ali, mas não há uma preocupação da ADI de servir como mediadora para a exploração dos estímulos e nesse sentido percebe-se que não há o conhecimento teórico necessário que fundamentaria essa mediação.

No caso da ADI-2 é ainda mais explícito, pois durante as observações ela somente buscou manter com as crianças um contato, sem afeto nenhum, na hora dos cuidados (na alimentação, troca de fraldas, lavagem das mãos). Nas atividades observadas ou a ADI-2 e a outra ADI da sala não participavam da atividade com a criança, ou o faziam esperando que as crianças entendessem, sem nenhuma mediação ou estímulo, qual era a atividade, o que devia ser feito e se haviam feito corretamente. Na atividade de “movimento” analisada durante a 1ª. observação, a ADI andava sobre um tapete de números e letras (de E.V.A.) disposto como uma trilha. Enquanto ia andando, ao som de uma música infantil tocada no CD, tentava encaixar as letras e números previamente retirados dos tapetes e deixados no centro da “trilha”. Poucas crianças participavam da atividade, pulando e dançando e apenas uma tentava encaixar as letras e números no lugar correto. Apesar de andar sobre o tapete, a ADI-2 não falava com as crianças e enquanto encaixava não explicava o que estava fazendo. Faz-se necessário comentar aqui que não é feito no Berçário 2 um trabalho com a psicomotricista, assim como ocorre com a sala do Berçário 1.

Conhecimento prático sobre o desenvolvimento infantil

Nesta categoria, o conhecimento prático foi dividido em duas partes: uma relatando questões da prática diária onde pode ser constatado que a ADI entende e considera questões relacionadas ao desenvolvimento infantil e uma relatando questões da prática diária onde pode ser constatado que a ADI não considera questões relacionadas ao desenvolvimento infantil.

1) ADI considera questões relacionadas ao desenvolvimento infantil:

Mesmo não tendo o conhecimento teórico, no discurso da ADI-1 percebe-se algumas atitudes tomadas por ela que reforçam um conhecimento das fases do desenvolvimento do bebê. Ela relata que as atividades desenvolvidas devem ser curtas, pois nesta fase a criança dispersa-se com facilidade buscando outros estímulos interessantes. Outra questão relatada diz respeito à importância do cuidador no desenvolvimento da criança: o cuidado no manejo, o olhar, o toque e o estímulo através da fala. Além disso, refere-se à importância do cuidador no desenvolvimento das interações sociais, na mediação do contato com o outro. Por fim, relata situações que consideram a importância do bebê experimentar através do uso de objetos adequados à manipulação, vivenciar através de tentativas de ensaio e erro novas experiências e reconstruir suas vivências através da modificação destas experimentações e descobertas. Durante as observações, pode-se observar que a ADI-1 tem bastante habilidade no trato com os bebês, mas o faz de forma rápida, quase automática, precisando acabar logo para pegar outro bebê.

Não foi visto, durante as observações, quaisquer atividades dirigidas pelas ADIs. O que pode ser visto era um espaço bastante adequado onde a criança buscava, por si só, explorá-lo, mesmo que isso significasse agredir outro bebê.

Apesar da falta de conhecimento teórico a ADI-2 apresenta preocupação, em seu discurso, em desenvolver atividades que permitam à criança experimentar, através do tato, o contato com materiais gráficos que a permitam elaborar questões diversas (no caso a tinta guache). Além disso, relata a importância e o cuidado necessários para com a criança no período de adaptação, respeitando o tempo de elaboração

desta nova vivência tanto para as crianças quanto para os pais destas crianças. Relata também experiências práticas que reforçam a importância do brincar como facilitador do desenvolvimento e que utiliza-se do brincar como instrumento de comunicação que facilita o acesso à criança e o acesso da criança a questões sociais e regras de convivência. A ADI-2 também relata ter identificado, através da prática, que as atividades com crianças de 1,4 anos a 2 anos devem ser curtas e diversificadas, pois após um tempo a criança costuma dispersar-se dificultando o andamento da atividade, principalmente com atividades que requerem uma maior concentração e que são pouco sinestésicas, tais como “conto de fadas”, que ela costuma alternar com outras que permitem mais mobilidade, tais como “jogos de movimento”. As observações mostraram que as poucas atividades dirigidas realmente tiveram curta duração, mas a interação entre a ADI-2 que foi observada e o que foi relatado diferem drasticamente. Todas as intervenções com as crianças eram realizadas verbalmente e de forma ríspida e a ADI-2 não buscou, durante nenhuma das observações realizadas brincar com as crianças. O único momento em que isso seria possível (durante a atividade de “movimento”) ela parecia mais estar brincando sozinha do que com as crianças. Também não foi observada nenhuma atividade com tinta guache.

2) ADI não considera questões relacionadas ao desenvolvimento infantil:

A ADI-1 relata que a hora da mamadeira no berçário 1 é um momento muito confuso, pois as crianças que já conseguem segurar a mamadeira, mamam durante um tempo e logo jogam a mamadeira, saem andando, enquanto outras menores são amamentadas pelas ADIs. Fala de uma situação “tumultuada” em um momento de extrema importância para o bebê, que é a amamentação. Ao amamentar os menores preocupando-se e realizando intervenções com os maiores acaba por não permitir que se crie um vínculo entre ela, enquanto cuidadora, e o bebê. A ADI-1 relata uma situação em que as ADIs enquanto cuidadoras não provém esta experiência para os bebês de

forma dedicada e atenciosa, preocupando-se com o manejo do bebê. Esta falta pode ser devido ao fato de que não conseguem agir de forma diferente dentro da rotina ou porque não têm os conhecimentos teóricos necessários que reforcem a importância deste contato entre bebê e cuidador na hora da alimentação. De fato essa constatação da ADI-1 pode ser confirmada na observação. Somente os bebês menores são amamentados pelas ADIs que o fazem prestando atenção nos outros bebês que estão correndo, brincando ou até mesmo brigando. O bebê que está sendo amamentado não é olhado e a fala da ADI que o amamenta é para as outras crianças ou para as outras ADIs.

Vivências interferindo na profissão / atitudes

A ADI-1 traz em seu relato profissional um grande traço de sua dedicação e cuidado que também demonstra ao relatar as questões relacionadas ao filho, criança com necessidades especiais. O cuidar atencioso que precisa ter com o filho, reflete seu discurso sobre a importância do cuidar para com os bebês. Chega inclusive a dizer que a forma como fala com os bebês, na hora dos cuidados assistenciais, como o banho, é tão instintiva que de sua parte é “espontâneo falar como a mãe”. Isso se reflete na sua postura ao descrever o processo de adaptação do bebê ao berçário. Sente que a presença das mães atrapalha a sua convivência com os bebês. Sente-se observada e avaliada pelas mães que permanecem no berçário durante o período de adaptação de seus bebês. Isso pode significar que ela como mãe, não necessita de outras mães por perto, pois é capaz de dar conta dos bebês sozinha. E o fato das mães dos bebês estarem presentes serve como um estímulo que reforça o fato dela não ser a mãe daqueles bebês. Sem a presença das mães, ela poderia então assumir o papel de “mãe” e agir como tal.

Além dessa questão, pode-se constatar que seu discurso reforça muito a prática profissional que tem. Relata ter escolhido a profissão de educadora, pois desde pequena sempre quis dar aula. Fala sobre a importância de educar e cuidar como unidade que permeia o trabalho do educador, reforçando

sempre que para ser ADI é necessário dedicação e amor pela profissão, pois é importante ter um cuidado especial, principalmente no trabalho com os bebês. Possivelmente essa relação cuidador x criança é a realidade que ela vive com relação ao filho que, mesmo com 7 anos, requer um cuidado e dedicação diferenciados.

Seu relato fala também de uma preocupação com a criança que vai além de seu papel como ADI. Ao lembrar que algumas crianças só tem acesso a brinquedos e a cuidados de higiene no CEI ela remete à sua preocupação com esta criança e como ela está sendo cuidada em seu meio familiar. Ainda estabelece com a criança uma relação mais familiar e próxima e tem dificuldades em trabalhar com a forma como o CEI orienta no trato com as crianças. Coloca-se como a “tia” dos bebês, mas sente que precisa corrigir sua forma de falar, pois o CEI as chama de “prô” (apelido para professora). Assim relata que conversa com o bebê: “...vem pegar aqui pra tia!” E logo se corrige: “É, não pode falar tia...”

Já a ADI-2 traz vivências diferentes que refletem no seu discurso com relação à sua função de ADI. O fato mais marcante em seu discurso está relacionado a suas experiências profissionais anteriores à de ADI. Relata que o “balcão” da cozinha a deixava distante das crianças e não permitia que ela sentisse o carinho que as crianças tinham para com ela, e não o contrário. Fala também de como sente-se bem durante a atividade de “jogo simbólico” quando pode brincar de “fazer comidinha”, referindo-se novamente a suas experiências profissionais. Percebe-se claramente que este é o momento onde mais consegue trocar com as crianças: ao cozinhar para elas e quando elas cozinham para ela também. Ela sente-se bem ao brincar de cozinhar, referindo-se à este ato como sendo “o imaginário que vai além”, ou um momento onde a criança pode pensar “no adulto que eu vou ser”.

As experiências profissionais da ADI-2 também influenciam negativamente na sua prática de ADI. Ela relata como atividade que menos gosta a de levar as crianças para o refeitório, onde eles alimentam-se. Fala sobre a dificuldade das crianças em concentrarem-se na comida e na conseqüente irritação que ela sente devido a isso. A atitude da ADI-2, durante as observações feitas no refeitório, corroboram com a sua fala. Ao levar as crianças para o refeitório ela não busca interagir com elas e, quando o faz, é

para agilizar a alimentação, dando a comida na boca da criança em grandes colheradas que parecem impossíveis de serem mastigadas e engolidas no curto espaço de tempo entre uma e outra. A pressa em terminar com essa parte da rotina faz pensar sobre uma possível dificuldade da ADI-2 em permanecer em um ambiente que remete a uma época passada em que exercia uma função (de Auxiliar de Cozinha) que com certeza tem um status menor do que a função da ADI dentro de um CEI.

Fala também da importância que dá aos pais das crianças. Fala positivamente do fato de ter um bom relacionamento com eles e da necessidade de relatar o que fez com as crianças, dar explicações aos pais e responder a tudo prontamente. Refere-se aqui, mais uma vez à sua condição profissional onde o adulto é o “patrão” e a ele deve ser tratado bem e com respeito.

Fala sobre o que recebe das crianças e não sobre o que pode dar em termos de afeto. Relata como foi importante sair de trás do “balcão” para poder sentir de perto o carinho das crianças com ela e também da alegria em ver que as crianças querem alimentá-la (dar comidinha para ela) durante o brincar, o que pode significar um reforço à sua necessidade de também ser servida e não apenas de servir.

Relações Interpessoais:

- 1) ADIs – A ADI-1 relata ter um bom relacionamento com as outras ADIs do Berçário 1. São, ao todo, seis ADIs que, conforme o relato dividem as tarefas, trocam idéias e sempre chegam a um consenso. No trato com as crianças, elas diariamente dividem entre si um número igual de crianças para cada uma. Essa divisão diz respeito apenas aos cuidados assistenciais: troca de fraldas, banho e alimentação. No resto do tempo, todas são responsáveis por todo o grupo. No seu discurso fala sobre o ano passado quando as ADIs no berçário tinham muito conflito, mas diz que esse ano está tudo bem. A ADI-2 também relata uma boa relação com a ADI que divide a sala com ela, já que no Berçário 2 atuam apenas duas ADIs. Diz que sempre conversam e concordam sobre as atividades a

realizar. Como a ADI-1 fala de dificuldades que aconteceram no passado, tal como a falta de uma das ADIs e sobre a responsabilidade da sala ficar somente com ela, mas nada que se refira ao momento atual. Durante a observação não foi observado nenhum tipo de interação ruim ou atrito entre as ADIs dos dois grupos. No Berçário 1 elas realmente procuram dividir as crianças considerando a opinião de cada uma e auxiliam umas as outras durante o tempo que ficam na sala e as crianças brincam e até mesmo nos momentos de cuidado assistencial. No Berçário 2 as ADIs conversaram normalmente nas poucas oportunidades que tiveram de falar entre si.

- 2) Crianças – a ADI-1, em todo o seu discurso, fala de uma maneira muito carinhosa dos bebês. Demonstra uma grande preocupação com eles e com os cuidados que tem ao cuidar e ao se comunicar com eles: “Ah, vem cá, vem cá bebê, vem cá. Vem cá pequenininho, vem cá meu bonitinho.” “Vamo papá? Vamo brincá?” Preocupa-se muito em demonstrar carinho pela criança de quem cuida, descrevendo uma relação bastante próxima com os bebês, como a de mãe com seu filho.

Já a ADI-2, apesar de relatar que se preocupa em manter um contato com as crianças, não parece empenhar-se muito para estreitar a relação. Usa termos como fazer massagem para “pegar a confiança e o carinho” das crianças. Ou seja, ela não descreve o dar e sim o receber, ou o “tomar”. Quando exemplifica sua intervenção com as crianças demonstra preocupação com aspectos sociais da criança: “Vamo, deixa agora o amiguinho brincar um pouco.” Porém, a forma como relata essa intervenção durante a entrevista dá sinais de um possível distanciamento dela com relação às crianças, conforme percebido pela entrevistadora. Porém, ela fala sobre a importância de sua relação com as crianças através do brincar, onde relata conseguir uma aproximação e acesso

maiores em relação à criança. Relata conseguir fazer intervenções sem brigar e sem gritar, apenas através do brincar, o que facilitaria bastante o entendimento por parte das crianças.

A ADI-1 realmente demonstrou carinho e afeto, principalmente com alguns bebês menores. Mas na hora de alimentá-los durante o almoço não buscou interagir com eles, alimentou-os rapidamente e em colheradas enormes. Dizia para as crianças: “Anda logo.” “Come isso!” “Você só reclama!” “Não quer? Não vou dar mais.” O número de crianças sob a responsabilidade de cada ADI inviabiliza qualquer tentativa de uma interação mais tranqüila e adequada.

Com relação à ADI-2, pode-se perceber nas observações uma situação bem distinta da relatada. A ADI não demonstrou preocupação em manter contato com as crianças, realizou intervenções pouco adequadas e parecia não conseguir entender a necessidade de algumas crianças de receber um pouco de atenção ou apenas um olhar. Um exemplo disso aconteceu durante a 2ª. observação, quando um menino do grupo chorava porque seu tênis havia saído do pé. Ele então pegou o tênis e levantou-o em direção da ADI-2. Ela não o ajudou. Ele então olhou para a observadora ainda chorando. A observadora pega seu tênis e diz a ele que vai ajudá-lo e que entende que ele deve estar triste. Diz também que agora ele pode parar de chorar, faz um carinho em seu cabelo e sorri para ele. O menino pára de chorar. Logo a observadora ouve o menino chorando novamente e olha para ele que está com o tênis na mão, estendendo-o para ela. Novamente conversa com ele e ajuda-o a calçar-se, faz um carinho e sorri. Ele pára de chorar, tira novamente o tênis e o estende para a observadora. Enquanto ela calça seu tênis, diz a ele que não é preciso tirar o tênis para que ela lhe faça um carinho e lhe dê atenção. Ele entende o que ela diz e senta-se ao seu lado.

3) Pais – A ADI-1 percebe os pais, no caso ela fala da mãe, como não necessários e até como elementos que atrapalhariam seu trabalho e sua relação com os bebês. Ela sente-se constrangida com a presença da mãe, sente-se avaliada: “a mãe está olhando, o que ela vai pensar de mim?” Talvez porque sintam-se tão apropriada de seu papel de cuidadora, como substituta da mãe, que não vê necessidade alguma na presença desta. É bastante interessante confrontar essa percepção da ADI-1 com as observações realizadas. Durante as duas observações, havia mães adaptando seus bebês e pode-se perceber que as ADIs agem como se a mãe não estivesse lá e como se a criança também não. Ou seja, tudo fica a cargo da mãe (troca, alimentação, banho, brincadeiras). Não há uma busca de interação entre as ADIs e a mãe o que poderia proporcionar à criança uma adaptação gradual a uma nova cuidadora. Um fato bastante interessante que ocorreu em uma das observações que pode ser citado aqui é de que a mãe do bebê em adaptação, após conseguir fazer a filha dormir, precisou sair da sala para ir ao banheiro, beber água e descansar um pouco. Ao invés de solicitar que alguma das ADIs olhasse sua filha ela pede a ajuda da observadora que é quem toma conta da bebê, impedindo que outras crianças importunem seu sono e chamando a mãe de volta quando ela acorda chorando.

Já a ADI-2 relata ter uma relação de maior confiança com relação aos pais. Fala da importância da mãe participar da adaptação da criança ao CEI e também que entende o valor de se pensar atividades que integrem a mãe (e a criança) à sala, aos outros alunos e ao CEI. Mostra-se aberta para explicar e responder a tudo que os pais querem saber: “eu tento o máximo ficar falando, se está perguntando estou respondendo”. Essa interação não pode ser observada com a ADI-2, apenas com a sua parceira de classe, que, ao receber uma criança que chora na sua chegada ao CEI comenta

inadequadamente: “ele só chora quando vem com você. Ontem não chorou” sem preocupar-se com a forma que a mãe poderia entender esse comentário.

Rotina (Assistencial e Educacional)

Esta categoria visa identificar dentro das rotinas, conforme descritas pelas ADIs, qual é o espaço que é dado para os cuidados assistenciais e para as atividades educacionais, uma vez que as crianças do Berçário 1 e 2 são pequenas e requerem um cuidado constante.

A ADI-1 descreve uma rotina equilibrada onde são respeitados os momentos de cuidados assistenciais sem deixar de serem valorizadas as atividades pedagógicas. Ao chegarem pela manhã, as crianças são recebidas e já têm à sua disposição brinquedos dispostos em “cantinhos” de acordo com a faixa etária. Por exemplo: há uma preocupação em dispor mordedores e brinquedos de material mais mole para os bebês menores, mas também dispor pecinhas de montar para os bebês de 1 ano. Tudo isso com uma música tranqüila para criar um ambiente agradável para os bebês. Depois dão a mamadeira para os bebês, fazem a troca e dão banho. Em seguida vão para o solário onde fazem atividades com brinquedos ou com materiais de pintura, tais como giz de cera, brincam com bolinha de sabão ou bexigas. No próprio solário ou na sala eles tomam suco. Ao final das atividades no solário voltam para a sala e iniciam o processo de almoço. Depois do almoço são colocados para dormir em colchonetes. Eles acordam e as ADIs fazem outra troca de fraldas e mais uma atividade que pode ser pintura ou disponibilizar brinquedos na sala para que eles explorem. Depois eles jantam, trocam as fraldas, trocam a roupa e arrumam para a saída que é às 16:00.

Durante as observações realizadas pode-se observar que algumas das rotinas citadas não ocorreram: as atividades dirigidas realizadas no solário pela manhã ou à tarde na própria sala do Berçário 1. Pelo contrário, durante todos os momentos em que os bebês ficam na sala e não estão sendo cuidados, eles buscam sozinhos explorar o ambiente e brincar com os brinquedos disponíveis. No dia da 2ª. observação pude observar também que a hora do banho não

pode ser realizada, pois haviam faltado duas ADIs. Apenas os bebês que chegaram de casa muito sujos foram banhados. Na verdade ocorreu que, o horário disponível durante a rotina para as atividades dirigidas eram sempre combinados com os cuidados assistenciais. Pode-se perceber que as ADIs levam muito tempo nas trocas de fraldas e banho. Assim, durante esse tempo os bebês que não estão sendo trocados ou banhados estão brincando e explorando o ambiente. Há sempre ADIs presentes na sala, mas não existe uma ADI que esteja focada em promover uma atividade pedagógica com foco no desenvolvimento dos bebês. Outro fator observado é que tudo é feito com muita rapidez, devido ao número de bebês que cada ADI tem que cuidar. A alimentação e a mamadeira são dadas rapidamente sem considerar ou respeitar o ritmo de cada bebê. Um outro ponto observado que cabe ressaltar é o fato de que não existe uma preocupação maior com as condições de saúde dos bebês. Nas duas observações realizadas havia diversos bebês apresentando quadros alérgicos ou gripais, com conseqüente coriza e dificuldade de respiração. Apesar de esses sintomas atrapalharem a criança até mesmo para alimentar-se não foi percebida nenhuma preocupação por parte das ADIs de agirem de forma a minimizar o sintoma ou auxiliar as crianças. Na verdade elas agiram reativamente após serem alertadas pela observadora de que as crianças precisavam limpar o nariz ou até mesmo que uma criança estava chorando porque estava com visível dificuldade de respirar devido à secreção aumentada que apresentava.

A ADI-2 também descreve uma rotina equilibrada, mas onde a criança é deixada mais livre e as ADIs trabalham poucas atividades dirigidas. Ao contrário do Berçário 1, há uma grade definida com a Coordenação Pedagógica e as atividades são diferentes, dependendo do dia da semana. A descrição da ADI-2 refere-se a uma rotina de 5ª. feira. Na chegada pela manhã (07:00), as crianças têm acesso aos cantinhos onde permanecem até às 08:00 quando se encaminham para o refeitório para o café da manhã. De lá, voltam para a sala e iniciam a troca de fraldas ou levam as crianças ao banheiro, uma vez que metade da turma já foi desfraldada. Depois levam as crianças para a quadra onde brincam ao ar livre, sem uma atividade dirigida. Voltam então para a sala para a atividade de “linguagem oral” onde fazem chamada relacionando o nome de cada criança a uma padronagem de tecido

diferente. Cada criança tem a sua padronagem que é a mesma da almofada que usam para dormir. Depois desta atividade eles fazem o “jogo simbólico” que são “cantinhos” conforme definido pela ADI-2 de brinquedos onde as crianças podem escolher o que querem fazer. Lá elas deixam que eles brinquem até a hora do almoço. Antes de saírem da sala, uma das ADIs arruma os colchões no chão onde as crianças vão dormir. Vão então lavar as mãos e se encaminham para o refeitório onde almoçam. Escovam os dentes e voltam para a sala onde dormem por aproximadamente 2 horas. As ADIs realizam nova troca de fraldas ou encaminham as crianças ao banheiro. Arrumam a sala e levam as crianças para o lanche. Voltam para a sala e realizam a atividade de “conto de fadas” onde uma das ADIs conta uma história. Depois disso vem a atividade de “movimento” onde elas colocam um CD de música e deixam que as crianças dançam livremente ou conduzem uma atividade dirigida com movimento corporal. Um pouco antes das 16:00 elas realizam nova troca de fraldas e deixam as crianças prontas para a saída.

O confronto da fala da ADI-2 com as situações observadas nas duas oportunidades dentro do Berçário 2 mostram um distanciamento do que foi dito e do que foi observado. Nas observações percebe-se um pouco cuidado e foco nas atividades pedagógicas. Quando estas são propostas, não há preocupação em envolver a criança na proposta. Como resultado as crianças acabavam dispersas ou eram duramente repreendidas por não estarem comportadas ou em silêncio, o que era esperado pelas ADIs para conduzir as atividades. Não foi observada uma preocupação com o ritmo das crianças e com aspectos relacionados à sua higiene pessoal. Pelo contrário, na primeira observação e na segunda observação realizadas no refeitório pode-se constatar que o alimento é disponibilizado para as crianças sem que se utilize qualquer tipo de suporte (prato ou guardanapo) ficando o mesmo em cima da mesa. Além disso, durante a segunda observação não foi realizada a higiene bucal (escovação de dentes) após o almoço. Neste dia o almoço previsto, de acordo com o planejamento, para durar das 10:20 às 10:50, terminou às 10:40. A escovação de dentes deveria ser feita das 10:50 às 11:10 e não foi realizada pois, de acordo com a fala da ADI-2a, elas (as ADIs) estavam “muito cansadas”.

O Espaço do Brincar

A ADI-1 coloca durante sua fala a importância de se disponibilizar brinquedos para o bebê considerando a fase que eles se encontram onde necessitam de estímulos que possam manipular e explorar. Ressalta a importância dessa questão dentro do Berçário 1 onde, com o auxílio do trabalho que estão realizando com a psicomotricista, conseguem criar materiais visando o brincar da criança, bem como estimular o seu desenvolvimento. Cita como exemplo o trabalho que fizeram montando caixas encapadas e com peso dentro para que o bebê possa apoiar-se utilizando-a como apoio para ficar de pé e caminhar. Cita também as “garrafas sonoras” feitas com garrafa pet e diversos materiais tais como: grãos diversos, contas, papéis coloridos, entre outros. Além disso, mostra a preocupação de disponibilizar brinquedos adequados para todas as idades de bebês do Berçário 1, tais como: mordedores, bolinhas, brinquedos mais macios para os bebês menores e peças de montar e brinquedos maiores de pano e de borracha para os bebês maiores. Fala também sobre as atividades lúdicas com guache, bexigas e com bolinha de sabão. Durante as observações realizadas pode ser comprovado que a sala do Berçário 1 conta com diversos brinquedos adequados à faixa etária dos bebês, bem como possui um visual agradável ao bebê. Por exemplo, na ocasião da primeira observação a sala do Berçário 1 estava equipada com uma espécie de móvel que ocupava toda a extensão da sala com tecidos bem leves e coloridos pendurados e pequenos brinquedos. Quando uma das partes do móvel era puxada, todo ele se mexia criando um efeito interessante e bonito na sala.

A ADI-2 também reforça a importância e prioridade que ela dá para o brincar apresentando um discurso coerente considerando questões importantes com relação ao trabalho com desenvolvimento infantil. Relata que, através do brincar, é possível ter um acesso maior à criança fazendo com que seja possível fazer intervenções de uma forma mais efetiva do que através de palavras ou de uma ordem. Fala que o brincar também a ajuda a aproximar-se das crianças. Cita o exemplo do jogo simbólico onde pode brincar de casinha com as crianças e fazer comidinha para eles. Diz que todos querem partilhar o mesmo fogão e é nesses momentos que ela consegue interagir mais com as

crianças, brincando e, ao mesmo tempo, dando a eles noções de respeito ao outro e da importância de se partilhar os brinquedos. Relata que o brincar tem espaço privilegiado dentro da rotina das crianças e que este brincar pode ser livre ou em companhia das ADIs. Percebe-se na ADI-2 um discurso pertinente e de acordo com as necessidades da criança. Porém, nas observações, foi verificada uma postura diferente.

Durante as observações realizadas, houve oportunidade de se verificar apenas o brincar livre. De fato havia muitas oportunidades para que as crianças brincassem e também havia uma oferta de brinquedos adequada à faixa etária das crianças. Na recepção dos alunos no CEI pela manhã foram dispostos diversos brinquedos de plástico da marca “Little Tikes” tais como, escorregador, cavalinhos de balanço, bem como algumas revistas em um canto da sala. Em outro momento cuja atividade era de “cantinhos” havia quatro cantinhos dispostos na sala e cada um tinha um monte de peças de montar diferentes. Além dos brinquedos disponíveis na sala, pode-se também verificar que as crianças têm acesso a brinquedos e a um espaço bem adaptado para brincar na Brinquedoteca do CEI. Cada turma do CEI tem um espaço semanal pré-definido para utilização do espaço. Lá estão disponíveis diversos brinquedos tais como: bonecos, fantoches, carrinhos pequenos e grandes, fantasias, peças de montar, entre outros. O acesso aos brinquedos é liberado para as crianças e as ADIs são responsáveis por deixar o espaço arrumado ao final de cada período de uso.

Uma questão importante para ser ressaltada neste grupo é que todo o brincar foi livre, ou seja, as ADIs não participaram das brincadeiras com as crianças. Na maior parte do tempo realizavam outras atividades, tais como troca de fraldas na sala ou a mediar as brigas por disputa de brinquedos na brinquedoteca. Cabe aqui observar que a mediação foi feita verbalmente e de forma bastante ríspida com as crianças. Uma situação bastante interessante ocorreu na observação da brinquedoteca com a ADI-2a. Ela estava sozinha com as crianças, pois a ADI-2 estava arrumando os “cantinhos” na sala. A ADI-2a pegou um fantoche de jacaré e sentou-se no chão para brincar com as crianças. Algumas se sentaram à sua frente e ela começou a cantar: “sou um jacaré, sou um jacaré, e vou dar um beijo na (nome da criança)!” Outras crianças vieram brincar também, bastante animadas. As crianças queriam ser

“beijadas” pelo jacaré e acabavam se empurrando ou jogando-se na frente uma das outras. A ADI-2a disse que não estava mais conseguindo brincar e que eles estavam caindo por cima dela e ela não estava gostando, encerrando assim a brincadeira.

Condições de Trabalho

Durante a entrevista das ADIs algumas questões relativas a condições de trabalho foram levantadas e questionadas. Algumas delas influenciam diretamente na possibilidade de se realizar um trabalho com as crianças que favoreça o desenvolvimento e, portanto, sua descrição faz-se importante.

A ADI-1 fala sobre a proporção de crianças por ADI no Berçário 1. O CEI segue as regras da Prefeitura que define um número máximo de 7 crianças por ADI no Berçário 1. Ela diz que é muito raro acontecer de uma ADI cuidar de 7 crianças sozinha, mas que caso isso ocorra não é impossível de se lidar. Seria talvez mais trabalhoso. Ela entende, que um número ideal de crianças seria 5 por ADI para poder realizar um trabalho mais cuidadoso com as crianças. Esse número refletiria aproximadamente, conforme relato da ADI-1, a média de crianças com que elas trabalham diariamente: 4 ou 5 crianças por ADI. Curiosamente, nos dois dias de observação o quadro de ADIs não estava completo. Na primeira observação havia 5 ADIs (uma faltando) e na segunda observação havia 4 ADIs (duas faltando). Nesta 2ª observação pode-se perceber que, na prática, não é tão facilmente aceito pelas ADIs cuidar de 7 bebês. Neste dia, cada uma teria que ficar com 7 bebês, sem contar com uma que estava em adaptação em companhia da mãe. Esse fato realmente fez com que a rotina ficasse mais trabalhosa, como disse a ADI-1, mas não apenas isso. Elas ficaram muito mobilizadas com a situação, disseram que, devido ao fato de estarem com 7 bebês não realizariam nenhuma atividade pedagógica neste dia e também não daria banho nos bebês. Uma das ADIs ficou inconformada, chegando a dizer que iria embora pois não tinha condições de trabalhar daquela maneira. Foi até a sala da Diretora e, ao voltar, colocou uma peruca de palhaço e pintou o nariz de vermelho em um gesto de revolta com a situação querendo mostrar a todos como estava se sentindo. Na verdade

alguns bebês maiores adoraram a novidade e brincaram muito com o “palhaço” que havia dentro da sala. Mas, ao mesmo tempo em que ela vestiu-se de palhaço, ligou um CD com uma música em volume médio e os bebês menores que estavam dormindo começaram a movimentar-se demonstrando desconforto. Ou seja, uma situação que, a princípio estaria relacionada apenas a condições de trabalho foi tão intensa que alterou toda a rotina planejada e interferiu no espaço dos bebês, para alguns de forma positiva e para outros, negativa. Mas mesmo os bebês que brincaram com o palhaço tiveram a brincadeira bruscamente interrompida, aliás da mesma forma que foi iniciada, pois a ADI foi chamada de volta para a sala da Diretora e, ao voltar de lá, tirou a peruca na frente dos bebês e, sem dizer mais nada, deixou de ser palhaço e voltou a ser ADI. Ficou claro, portanto, que não se trata apenas de ser uma questão mais ou menos “trabalhosa” cuidar de 7 bebês, mas é algo que mobiliza fortemente as ADIs e que isso interfere diretamente nos bebês.

A ADI-1 relata também uma mudança realizada na rotina do almoço. Até o mês de julho, cada ADI dava o almoço para os bebês que estavam sob sua responsabilidade. Todos comiam ao mesmo tempo, sentados em colchões, cadeirinhas de PVC, bebês-conforto ou cadeirões de alimentação. Cada criança recebia então uma colherada de comida de cada vez. Quando chegava à última, a ADI voltava ao primeiro bebê e reiniciava o processo. Atualmente o processo foi mudado e, de acordo com seu relato, essa mudança foi devido ao fato de que a comida ficava fria e que a criança acabava comendo apressadamente. Assim elas dividem-se da seguinte forma: os bebês ficam todos na brinquedoteca (outro espaço do CEI) sob os cuidados de duas ADIs. A Auxiliar de Enfermagem do CEI vai levando os bebês e duas ADIs dão o almoço. Cada uma fica com 3 bebês. Quando estas acabam a Auxiliar de Enfermagem traz mais 6 bebês. Os bebês que já almoçaram vão para os colchões dormir com mais duas ADIs que ficam responsáveis por eles. Essa mudança só ocorreu no almoço. O jantar permanece igual ao que era até o mês de julho.

Essa mudança no formato do almoço parece bastante adequada, pois durante a observação foi constatado que o momento da alimentação era muito confuso e apressado para os bebês. Claramente não se respeitava o ritmo de cada um deles. Porém o momento do jantar permanece igual ao que era

antes. Se a rotina foi modificada com o objetivo de alimentá-los com menos pressa e para que o alimento não esfriasse, porque os mesmos cuidados não foram adotados para a hora do jantar? Cabe aqui trazer um fato bastante grave ocorrido em uma creche de São Paulo há alguns meses. Um bebê morreu na creche, enquanto dormia. As causas da morte ainda não foram esclarecidas mas uma das hipóteses é a de que o bebê foi alimentado e posto para dormir. Enquanto estava deitado teve um refluxo e morreu asfisiado. O fato é que este episódio foi bastante comentado na mídia e provavelmente também deve ter chamado a atenção dos profissionais que trabalham em creches e CEIs. Como garantir que o bebê seja alimentado e que, ao dormir, haja sempre uma ADI próxima a ele observando se ele tem refluxo e provendo os devidos cuidados? Justamente essa nova rotina permite que haja sempre duas ADIs exclusivamente acompanhando o sono dos bebês que acontece após o almoço. Após o jantar não há hora de descanso e não é necessário que haja nenhuma ADI acompanhando o sono dos bebês. Fica então registrada a hipótese de que a mudança do almoço ocorreu não porque os bebês precisavam ser respeitados no seu ritmo e não comerem a comida fria, mas sim porque a rotina antiga não permitia que nenhuma ADI ficasse exclusivamente acompanhando o sono dos bebês.

Outra questão que ela coloca é a falta de tempo para realizar algumas atividades com os bebês, tais como massagem (shantala). Ela fala sobre a necessidade de organizar-se para conseguir encaixar tudo o que tem que ser feito e com a quantidade de bebês que elas devem cuidar. Fala, porém que é somente uma questão de organização de tempo, uma vez que algumas rotinas vêm sendo aperfeiçoadas desde o início do ano e cita a ida ao solário e os banhos nos bebês que não aconteciam ou que aconteciam de uma forma desorganizada.

Por fim ela fala sobre uma questão importante que é a falta das ADIs e como isso interfere na rotina dos bebês. Cita o exemplo recente de um dia que faltaram duas ADIs e que então a Diretora do CEI teve que pedir às mães que não trabalham que não deixassem seus filhos naquele dia para que elas ficassem com um número adequado de bebês por ADI. Esse fato pode realmente ser constatado durante a 2ª observação.

A ADI-2 fala sobre o fato da sala onde trabalha não ter banheiro. Na verdade o CEI tem 3 turmas de Berçário 2 e a única sala que não tem banheiro é esta. Ela discorre sobre o processo de desfraldar as crianças e sobre como a falta de um banheiro próximo à sala ou dentro da sala impacta neste processo. Durante a observação pode-se constatar que esse é realmente um fator impactante não apenas para garantir o processo de desfralda, mas também por deixar na sala um odor bastante desagradável ao final do dia, uma vez que as fraldas sujas são deixadas no lixo da sala que é sem tampa, para serem retiradas mais tarde. Além disso, há apenas dois banheiros coletivos no CEI, um para meninos e outro para meninas, que não ficam próximos da sala do Berçário 2. Assim, uma das ADIs tem sempre que estar disponível para levar a criança ao banheiro e leva algum tempo nesta atividade. Se cada uma das crianças quiser ir ao banheiro em horários diferentes ela acabará dispensando um tempo razoável para essa atividade.

Sobre a quantidade de crianças por sala, ela fala claramente que entende ser demasiado o número de crianças em sua sala e que antes, quando eram somente 18, o trabalho era facilitado. Apesar da ADI-2 considerar seu número de crianças alto, ela tem uma das salas com menor número de crianças do CEI. As outras turmas de Berçário 2 tem uma média de 25 a 30 crianças.

A ADI-2 também fala sobre a questão das faltas de ADIs dizendo que, se uma falta, as atividades pedagógicas ficam prejudicadas. Relata uma situação do passado onde teve que ficar sozinha por uma semana com uma turma de 18 crianças, pois a outra ADI havia faltado. Diz que foi “pavoroso” ficar com 18 crianças “para trocar, fazer escovação” e tudo sozinha. Fala que “foi horrível, foi uma experiência assim, que eu não desejo pra ninguém”.

Discussão

As entrevistas, apesar de não terem decorrido conforme o esperado, trouxeram bastante informação que auxilia no levantamento de considerações para discussão acerca da questão que motivou a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Além dos dados obtidos através das entrevistas, ficou claro que as observações puderam servir de instrumento de comprovação ou de confronto do que foi ouvido das ADIs.

Com relação ao problema de pesquisa deste Trabalho pode-se inferir que as ADIs, em seu relato, descrevem ter consciência de que é necessário que se provenham estímulos que possibilitem a aquisição de habilidades e conseqüente desenvolvimento da criança. Principalmente a ADI-1 reforça muito em sua fala essa questão e mostra-se ciente de que sua função é essencial para que esse desenvolvimento ocorra.

Ao confrontar-se essa visão das ADIs com as teorias previamente citadas neste Trabalho, pode-se inferir que elas estariam em consonância com as idéias de Piaget, citado por Dolle (1978), Vygotsky, citado por Freller (1999) e Winnicott (1975) que reforçam a importância do meio externo e de um facilitador / cuidador para que o desenvolvimento ocorra. Winnicott (1975) enfatiza mais ainda o fato de que o bebê já nasce com a tendência ao desenvolvimento que deve ser estimulado pelo meio externo e pelo adulto que dele cuida.

Acontece, porém que, na prática, o que se observa é uma realidade um pouco diferente. O CEI parece estar preocupado, através de sua Diretora e Coordenadora Pedagógica em prover para as crianças atividades pedagógicas planejadas e dirigidas. Isso realmente se observa, por exemplo, quando se constata que cada sala, tanto o Berçário 1 quanto o 2, disponibiliza os “cantinhos” no início do dia, com brinquedos variados, permitindo que a criança chegue ao CEI percebendo este espaço como acolhedor, prazeroso e cheio de brinquedos que lhe instiguem a vontade de explorar, experimentar, brincar e crescer. Assim como ressaltam Abramowicz e Wajskop (1995) essa disponibilidade por parte do CEI é fundamental para que a criança possa ter acesso ao brincar e que esse brincar leve espontaneamente ao aprendizado, experimentação e desenvolvimento.

Mas esses “cantinhos” acabam servindo como distração para a criança e oportunidade para a ADI não precisar interagir com ela. Cada um brinca sozinho, da forma que quer e com o que quer. As interações acabam ocorrendo apenas nas horas em que se faz necessário realizar uma intervenção para apartar uma briga entre crianças e é sempre feita de forma ríspida e sem investimento afetivo nenhum por parte da ADI. Essa realidade observada no CEI foge completamente às questões importantes com referência à importância do brincar e da atenção que o cuidador deve dar a este momento. Se, conforme cita Winnicott (1975) é através do brincar que a criança acaba também se comunicando, uma vez que ainda não domina parcial ou totalmente a linguagem, se o cuidador não olha para o brincar, perde um meio fundamental de comunicação com a criança. Além disso, conforme cita Rosa (2002) se o brincar se constitui também nas relações e estimulações, se o cuidador não se relaciona com a criança durante o brincar, não se cria o contato, dificultando o desenvolvimento. Rosa (2002) também ressalta que a criança deve aprender a brincar e a ADI perde então a oportunidade de dedicar-se à essa tarefa de forma a torná-la importante, construtiva e significativa para a criança.

Coloca-se aqui então a hipótese de que a ADI não tem de fato essa consciência de que é uma pessoa extremamente importante no desenvolvimento infantil. No caso das ADIs entrevistadas fica claro que elas acabam utilizando, na função de ADI, vivências e experiências trazidas de suas próprias vidas e nesses momentos conseguem interagir com as crianças da melhor forma que conseguem. No caso da ADI-1, agindo como mãe cuidadora, assim como é com seu próprio filho que, por ser uma criança especial, necessita de cuidados e atenção especial. No caso da ADI-2, agindo como a cozinheira, que se reconhece no fogão, fazendo comidinha, mesmo que de brincadeira, assim como fez em grande parte de sua vida profissional.

A questão é que as duas ADIs não possuem o conhecimento requerido por lei (LDB Artigo 62º, Título VI), possuindo o mínimo indispensável para exercer a função de ADI. Além disso, não possuem conhecimento teórico sobre o desenvolvimento infantil, que as possibilite trabalhar com objetivos e

foco claros de garantir um desenvolvimento saudável para os bebês e as crianças.

Faz-se necessário discutir neste momento a própria Lei de Diretrizes e Bases que, por um lado, cerca-se de cuidados para que a função de ADI seja exercida por educadores, mas, uma vez que admite que a formação mínima seria o nível técnico (“Normal”). Assim não parece ser reconhecida a importância de que estes cuidadores devem possuir um conhecimento que é não só necessário, mas fundamental para a criança, que seria o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e da importância sua participação ativa e constante no desenvolvimento.

Cabe aqui, ressaltar o trabalho que foi pensado e disponibilizado pela Diretora e Coordenadora Pedagógica e que é realizado por uma Psicomotricista especificamente com o grupo do Berçário 1, de bebês até 1 ano. É questionável ainda porque este trabalho focado não é oferecido também para o grupo de educadores do Berçário 2, já que é notória a diferença de investimento no espaço físico dos dois ambientes. A proposta mostra-se muito válida e pertinente, no sentido de que está auxiliando na criação de um espaço onde a criança possa obter estímulos diversos e possa ser auxiliada no seu desenvolvimento, principalmente o motor. Porém, acaba se pensando muito no desenvolvimento da criança priorizando o desenvolvimento motor e de linguagem. Esse foco é relevante, uma vez que conforme citado por Dolle (1978) com base na teoria de Piaget, é nesta fase, Estágio Sensório-Motor que o bebê começa a interagir com o mundo, buscando relacionar-se com ele através dos objetos, prensão, busca, ensaio e erro e repetição. Ou seja, é nessa fase que o bebê inicia a apresentação de ações caracterizadas como atos intencionais. No CEI, a priorização de aspectos motores e de linguagem pode ser percebida no discurso das ADIs que, ao falar de desenvolvimento, falam sobre coordenação motora, sobre o “andar” e o “falar”.

Outras questões significativas tais como o desenvolvimento afetivo e social não são consideradas. Pelo contrário, se avaliarmos a forma como as ADIs falam com os bebês e com as crianças na maioria das vezes, percebemos um discurso frio e ríspido e uma postura distanciada que em nada auxilia a criança na construção de relações amigáveis e confiáveis com o mundo que a cerca. O manejo da criança não é o ideal, prestando-se para que

a criança seja alimentada e esteja limpa, mas não existe por parte da ADI a busca de um contato mais próximo com os bebês e as crianças visando facilitar a personalização da criança, conforme teoria de Winnicott (1975). Cabe apontar questões fundamentais no desenvolvimento infantil, conforme apresentadas por Freller (1999) citando teoria de Winnicott que reforçam que as funções de “holding” e “handling”, quando bem realizadas, ou seja, respeitando as necessidades e características do indivíduo que as recebe, auxiliam na integração e personalização da criança.

Uma conduta das ADIs que atravessa todos os momentos de rotina diária observadas diz respeito à falta de preocupação com a criança como sujeito único, com características e necessidades que lhe são próprias e que devem ser respeitadas. Os cuidados são corridos, a alimentação administrada de forma rápida, as questões emocionais das crianças não são consideradas ou respeitadas. Aqui cabe questionar como se está sendo construída a confiança e autonomia destas crianças para sua vida? Considerando a teoria de Papalia e Olds (1998), a confiança e autonomia que o indivíduo apresenta em sua vida é impactada fortemente pela forma como a criança interage, vivencia emoções e constrói sua personalidade na infância. Se, conforme descrito por Papalia e Olds (1998), um bebê entre 7 e 9 meses inicia os “jogos sociais” e tenta buscar respostas de seus cuidadores, como se construirão suas vivências se a resposta de seu cuidador é inexistente ou inadequada às suas necessidades?

Com relação à alimentação, cabe aqui citar também Klein (1982) que apresenta em sua teoria a questão de que, o melhor critério para o estudo de bebês e seu comportamento é tendo como base a alimentação. Ao considerar os padrões de atitude do bebê em relação ao alimento, pode-se também falar sobre sua capacidade de estabelecer relação com a mãe ou substituta da mãe e, por conseguinte, com os objetos em geral. Se considerar-se que a ADI atua como substituta da mãe em termos de cuidado e de administração do alimento (em mamadeira), percebe-se a importância de sua função para o desenvolvimento emocional do bebê e para a construção de suas futuras relações com as pessoas. Klein (1982) reforça que a gratificação tal como a

criança a percebe está tão relacionada com o objeto que lhe dá o alimento, como com o próprio alimento. Conforme o relato da ADI-1, o momento mais complicado é justamente a hora das mamadeiras quando ela e as outras ADIs devem amamentar os bebês menores ao mesmo tempo em que conversam e chamam a atenção dos maiores. Ou seja, acabam fazendo esta função sem o devido cuidado, dando a impressão de que olham a criança como se esta fosse uma tarefa e não um indivíduo.

Faria (1999) citando Winnicott diz ainda que uma provisão do ambiente suficientemente boa auxiliaria o bebê a começar a existir, a construir seu ego e a dominar suas pulsões. E uma das formas de expressar essa provisão ambiental seria através da alimentação. Isso faz pensar sobre as próprias vivências das ADIs que são trazidas para a relação delas com os bebês e as crianças. A hora mais difícil para a ADI-1 é a hora da mamadeira. A hora mais difícil para a ADI-2 é a hora do refeitório. O almoço administrado para os bebês do Berçário 1, conforme constatado nas observações, é tumultuado, rápido e desconsidera o ritmo das crianças. Por que será que estes momentos são vividos de forma tão conturbada e negativa?

Voltando à teoria de Winnicott, um fato constatado durante as observações é que nenhuma criança possuía, ou pelo menos não portava ou usava em nenhum momento nenhum objeto transicional. Pelo contrário, as crianças, ao chegar às salas não ficam com seus objetos. Apenas os bebês pequenos usam chupeta. Mas até mesmo esta chupeta acaba tornando-se objeto de uso coletivo, uma vez que, conforme observando se um bebê pequeno a deixa cair, outro maior pega a chupeta, coloca-a na boca ou a tira do alcance do bebê menor. Assim quando uma ADI resolveu averiguar de quem era uma chupeta que estava na boca de um bebê que “não chupa chupeta”, ela acaba descobrindo que era de um bebê pequeno que, impossibilitado de mover-se, perde um objeto que é seu, onde pode talvez acalmar-se através da sucção. Porque os bebês e as crianças do CEI não trazem e permanecem com seus objetos transicionais? Seu uso seria importante, uma vez que, conforme Winnicott (1975) o objeto transicional que tem a função de ser um substituto da mãe, algo que o bebê pode controlar

concretamente e que passa a ser o depositário dos afetos, desejos, medos e ansiedades do bebê, que permanece durante 9 horas no CEI sem a presença da mãe.

A questão da presença dos pais influenciando as ADIs também é uma questão que foi percebida no discurso das ADIs e na observação do Berçário 1. Para a ADI-1 a presença da mãe a constrange e ela entende que a adaptação, tal como realizada no CEI, ou seja, com a presença da mãe pelo tempo necessário, acaba impactando na rotina e na relação das ADIs com os bebês. Faria (1999) da importância da relação mãe x ADI, uma vez que a primeira está preparada biologicamente para a tarefa de cuidar de um bebê e a segunda deve cercar-se de conhecimentos para poder exercer sua função. Assim, seria de vital importância para a ADI respeitar e observar a forma como a mãe cuida de seu bebê e trocar informações com as mães com objetivo de adquirir os conhecimentos necessários sobre um determinado bebê ou criança. Provendo um cuidado dedicado, correto e com respeito à criança a ADI estará auxiliando-a a desenvolver-se afetivamente e socialmente.

Conforme a teoria de Eriksson citada por Papalia e Olds (1978), até os 18 meses o bebê desenvolve a noção de confiabilidade nas pessoas e objetos do seu mundo. Deve então ser proporcionado a este bebê / criança um equilíbrio entre confiar, para formar suas relações interpessoais e desconfiar, para formar suas defesas. Se o bebê / criança não consegue estabelecer com a ADI enquanto cuidadora uma relação confiável, poderá vir a perceber o mundo como não-amigável e a ter dificuldade na construção de suas relações futuras. Assim entender o bebê é essencial e, para isso, a manutenção do contato e observação das mães é também essencial. Conforme Papalia e Olds (1978) se a cuidadora entende o comportamento do bebê / criança e responde a ele de forma adequada, ela o estará estimulando de forma saudável. Quando isso não ocorre, por excesso ou por falta, que é o caso mais observado as ADIs, os bebês podem tornar-se desinteressados com relação ao mundo que o cerca.

Algumas questões foram colocadas neste Trabalho de Conclusão de Curso que serviriam como base para entender o espaço que é dado no CEI e por suas profissionais ADIs visando o desenvolvimento. Após todo o processo de trabalho realizado, cabe tecer algumas considerações acerca de cada uma delas.

A primeira diz respeito às oportunidades que o CEI oferece para que o desenvolvimento aconteça dentro da rotina diária das crianças de 0 a 2 anos. Pode-se perceber que essas oportunidades são oferecidas, pois são desenvolvidos planejamentos pedagógicos contando com atividades dirigidas, intercaladas aos cuidados assistenciais que se fazem necessários para a criança. O que ocorre é que existem dois pontos institucionais que interferem diretamente na concretização destes planejamentos. De acordo com informações obtidas com a Diretora do CEI, existe, por parte da Prefeitura de São Paulo, um parâmetro do número de crianças que cada sala do CEI deve ter e quantas ADIs devem ser disponibilizadas para cuidar dessas crianças. No caso das crianças de Berçário 1 o número é de sete bebês por ADI e no Berçário 2 é de nove crianças por ADI. Ao confrontarmos a fala das ADIs e mesmo o que foi constatado durante as observações pode-se concluir que o tempo dispensado nos cuidados assistenciais é muito grande e que estes cuidados são priorizados na rotina em detrimento das atividades pedagógicas. Por isso pode-se dizer que as oportunidades existem no CEI, mas suas próprias condições de trabalho inviabilizam que estas oportunidades sejam consideradas de forma prioritária, pois em um dia inteiro resta pouco tempo para uma dedicação devida às atividades pedagógicas. Quando alia-se à este fato a realidade de que as ADIs não tem conhecimento de que são figuras importantes para facilitar o desenvolvimento infantil, chega-se a um quadro de que elas acabam realizando o que conseguem e, por vezes, de forma pouco adequada em termos de cuidado e respeito ao bebê e à criança.

O segundo ponto institucional grave que interfere na possibilidade de oferecimento de uma proposta séria e constante de atividades pedagógicas é o número de faltas de ADIs observado no CEI. Como o quadro de funcionários é muito enxuto, nos casos de falta de qualquer ADI, o trabalho de todo o grupo

fica muito prejudicado. Com isso deixa-se de realizar as atividades pedagógicas e, conforme foi observado, deixa-se até de prover cuidados assistenciais, como no caso do banho dos bebês do Berçário 1 que foi retirado da rotina no dia em que faltaram duas ADIs. Fica claro no discurso das ADIs que a falta de uma profissional atrapalha e interfere na rotina que já é corrida e que já não permite um respeito ao ritmo de cada bebê e criança. Em casos de falta, a situação fica ainda mais complicada o que acaba comprovando que, apesar de haver um esforço teórico para planejar e disponibilizar atividades, a prática habitual do CEI não facilita na implementação deste planejamento.

A segunda questão deste Trabalho busca investigar se existe, por parte das ADIs uma preocupação real com o desenvolvimento da criança. Com relação a isso, pode-se constatar que existe, no discurso da ADI-1 uma preocupação com a importância da unidade educar-cuidar, que devem ser indissociáveis nas práticas educacionais do CEI. Mas, na prática, ao buscar essas dimensões no trabalho diário das ADIs pode-se perceber que não existe uma preocupação real com essa prática. Se considerarmos, por exemplo, a definição de educar e cuidar que consta em uma das referências disponibilizadas pelo Governo para as ADIs que trabalham em CEI, pode-se perceber que não existe uma preocupação com o acolhimento da criança em momentos difíceis, tais como a chegada no CEI e a adaptação, não foram observadas ações no sentido de fazer o bebê e a criança sentirem-se seguros e confortáveis e nem tampouco no sentido de orientá-las na apresentação do espaço, da sociedade e da cultura em que estamos inseridos (Secretaria Municipal de Educação, 2007). Neste mesmo material, Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil (Secretaria Municipal de Educação, 2007), explica-se que o profissional que trabalha com educação infantil, no caso as ADIs, está educando e cuidando na medida em que fortalece a auto-estima e os vínculos afetivos das crianças ao mesmo tempo em que as ajuda a ampliar suas possibilidades de aprendizado e de compreensão de si e do mundo que a cerca. Esta ADI deve promover a educação visando a paz, o respeito à vida e a formação de vínculo entre a criança e as pessoas que a cercam. Com base nesses referenciais considero que existe um distanciamento entre o discurso e

a prática que é devido não somente à falta de conhecimento teórico que possa embasar o trabalho das ADIs mas também às condições de trabalho que o CEI apresenta, tais como faltas constantes de profissionais e à proporção definida pelo Governo de crianças por ADI que faz com que qualquer trabalho seja realizado rapidamente e sem possibilidades de uma dedicação mais focada e personalizada.

A terceira e última questão refere-se à possibilidade das ADIs pensarem no desenvolvimento, incluindo-o em suas rotinas assistenciais através do lúdico. É um questionamento pertinente, na medida em que podemos considerar que os cuidados assistenciais são indispensáveis nessa fase da vida dos bebês e crianças e que o CEI prioriza sempre os cuidados em detrimento das atividades pedagógicas quando precisa optar entre um e outro. Pode-se considerar que, com a realidade do CEI e com o perfil das ADIs que foram entrevistadas para esse trabalho, seria preciso primeiramente equipá-las de ferramentas e informações acerca do desenvolvimento infantil e de sua participação neste desenvolvimento. Feito isso deve-se também informá-las sobre o que é o brincar e sua importância para a criança e, por fim, fazê-las perceber, através da prática, que incluir o brincar nos cuidados assistenciais poderia fazer com que experiências que não são agradáveis até mesmo para as ADIs, tais como a hora da amamentação para a ADI-1 e a hora do refeitório para a ADI-2, se tornem mais tranquilas e prazerosas para elas e para os bebês e as crianças, fortalecendo assim os vínculos afetivos e incitando as ADIs a enxergarem-se como cuidadoras responsáveis, facilitadoras e influenciadoras diretas do desenvolvimento infantil.

Considerações Finais

Pode-se, portanto, considerar que ADIs não têm conhecimentos teóricos que embasem sua atuação como facilitadoras do desenvolvimento da criança de 0 a 2 anos. Existe, porém, um esforço perceptível por parte do CEI no sentido de disponibilizar planejamentos pedagógicos e cursos internos com uma psicomotricista com o objetivo de capacitar as ADIs com informações e propostas que as permitam atuar com objetivos educacionais. O CEI oferece brinquedos e um espaço adequados para o brincar dos bebês e das crianças. Porém existem fatores importantes que impactam diretamente no trabalho das ADIs que são: o número de ADIs por sala em comparação com a quantidade de bebês e crianças e a constante falta de ADIs ao trabalho. Esses dois fatores acarretam em um acúmulo de funções assistenciais que acabam tomando muito tempo dentro da rotina diária das ADIs. Com a preocupação de dar conta dos cuidados assistenciais, as ADIs acabam por não conseguirem atuar como facilitadoras do desenvolvimento. É fato que elas observam e ressaltam questões relacionadas a um desenvolvimento motor e cognitivo, tais como: andar, comunicar-se, retirar as fraldas, entre outros. Mas essa observação parece ser baseada em dados empíricos, sem o necessário embasamento teórico. Além disso, não existe uma preocupação real com o desenvolvimento afetivo e social da criança, uma vez que existe pouco investimento afetivo da própria ADI com relação à criança e as interações e intervenções realizadas nem sempre são feitas de forma adequada.

Bibliografia utilizada

Abramowicz A. e Wajskop G. (1995) **Creches – Atividades para Crianças de Zero a Seis anos** – Editora Moderna – São Paulo.

Bee, H. (1984) **A Criança em Desenvolvimento** – Editora Harper & Row do Brasil – São Paulo.

Boscatte, I. (2006) **A creche e o brincar : o que as profissionais de educação infantil falam sobre o brincar** – Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Dias, E. (2003) **A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott** – Imago Editora – Rio de Janeiro.

Dolle, J.M. (1978) **Para Compreender Jean Piaget** – Zahar Editores – Rio de Janeiro.

Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no. 8069) (1990) – <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>

Faria, M.C. (1999) **A Criança no Olhar de Klein e Winnicott** – Palestra proferida durante a Semana de Educação da UNESP de Presidente Prudente – São Paulo.

Freller, C. (1999) **Pensando com Winnicott Sobre Alguns Aspectos Relevantes ao Processo de Ensino e Aprendizagem** - Psicologia USP, vol19, n.2 - www.scielo.br.

Gesell, A e Amatruda (2002) **Psicologia do Desenvolvimento do Lactente e da Criança Pequena** – Editora Atheneu – São Paulo.

Kappel, M. D. [et al] **Perfil das crianças de 0 a 6 anos que freqüentam creches, pré-escolas e escolas: uma análise dos resultados da Pesquisa sobre Padrões de Vida/IBGE** – Revista Brasileira de Educação – no. 16 - Jan/Fev/Mar/Abr 2001
(<http://www.dreamscanbe.org/Reasearch%20Page%20Docs/Bombardelli%20Kappel%20-%20Perfil%20das%20Crianças.pdf>)

Klein, M. (1982) **Os Progressos da Psicanálise** – Editora Guanabara Koogan – Rio de Janeiro

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei no. 9.394) (1996) – <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>

Miller, Lisa (1992) **Compreendendo Seu Bebê** – Imago Editora – Rio de Janeiro

Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. (1998) **Referencial curricular nacional para a educação infantil**— Brasília: MEC/SEF,.3v.: il.Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo.

Oliveira, V. B. de (2005) **O Brincar e a Criança do Nascimento aos Seis Anos** – Editora Vozes – Petrópolis.

Oliveira, Zilma de M [et al] (1992) **Creches: Crianças, Faz de conta & cia.** – Editora Vozes – Petrópolis.

Papalia, D. e Olds, S. (1998) **O Mundo da Criança** – Mc Graw Hill – São Paulo.

Paparelli R. [et al] **Contribuições da saúde do trabalhador à educação infantil: o sofrimento mental de educadoras de uma creche paulistana** – Cadernos de Psicologia Social do Trabalho - v.10 n.2 São Paulo dez. 2007
(http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172007000200002&lng=pt&nrm=is#sdfootnote4sym)

Pereira, Melissa S. (1997) **Relações de Cuidado em Creche: uma proposta de análise segundo Winnicott** – Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Rosa, S. (2002) **Brincar, Conhecer, Ensinar** – Cortez Editora – São Paulo.

Sanches, E (2003) **Creche – Realidade e ambigüidades** – Editora Vozes – Petrópolis.

Secretaria Municipal de Educação (2007) **Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil** – São Paulo

Silva, M. C. (2007) **Sexualidade Começa na Infância** – Casa do Psicólogo – São Paulo.

Site de relacionamento www.orkut.com na Comunidade “Grávidas e Mães de São Paulo”.

Site do SENAC – Rio Grande do Sul www.senacrs.com.br.

Winnicott, D. W. (1975) **O Brincar & a Realidade** – Imago Editora – Rio de Janeiro.

Anexos

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,

R.G: _____,

declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada para a pesquisa de campo da pesquisadora Alice Falcão Leal Luzes, desenvolvida na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). Fui informada, ainda, que a pesquisa é orientada pela Prof^a Dra. Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 3670.8320 ou e-mail psicopuc@pucsp.br

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, consistem em entender o trabalho da ADI (Assistente de Desenvolvimento Infantil) no CEI com crianças de 0 a 2 anos.

Fui também esclarecida que a utilização das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-dirigida a ser gravada, a partir da assinatura desta autorização, observação e aferição. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicada, poderei contatar a pesquisadora ou sua orientadora, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP - PUC/SP), situado na Rua Ministro de Godoy, 969 - Térreo, Perdizes, São Paulo (SP), CEP:05015-000, Telefone: 3670.8466.

A pesquisadora principal da pesquisa me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimento.

São Paulo, 21 de agosto de 2008.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do(a) pesquisador(a):

Anexo 2



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Termo de Compromisso do(a) Pesquisador(a) Responsável

Título da

Pesquisa: _____

Os(as) pesquisadores(as), abaixo assinados(as), se comprometem a:

- Respeitar e cumprir a Teoria Principlialista que visa salvaguardar a **autonomia, beneficência, não maleficência e justiça** (Res. 196/96 CONEP/CNS/MS);
- Atender aos deveres institucionais básicos da honestidade; sinceridade;
- competência; discrição; sigilo; etc.;
- Pesquisar de forma adequada aos princípios éticos, além de buscar o aprimoramento e promoção do respeito e desenvolvimento à sua profissão;
- Não fazer pesquisas que possam causar riscos aos sujeitos de pesquisa envolvidos;
- Não violar as normas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Não converter recursos públicos em benefícios pessoais;
- Não prejudicar o meio ambiente, evitando erros previsíveis ou evitáveis;
- Comunicar ao sujeito da pesquisa todas as informações necessárias para um adequado “consentimento livre e esclarecido”;
- Propiciar ao sujeito da pesquisa plena oportunidade e encorajamento para fazer perguntas, bem como respeitá-lo em seus posicionamentos;
- Excluir a possibilidade de engano, influência indevida e intimidação;
- Solicitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apenas quando o sujeito da pesquisa tenha conhecimento adequado dos fatos relevantes e das conseqüências de sua participação, e tenha tido oportunidade suficiente para considerar livremente se quer participar da pesquisa;
- Obter de cada sujeito de pesquisa um documento assinado como evidência do consentimento livre e esclarecido;
- Renovar o consentimento livre e esclarecido de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa;
- Respeitar a dignidade da pessoa humana;
- Cumprir na integralidade todas as resoluções da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa CONEP/CNS/MS, as quais temos pleno conhecimento.

Assinatura do(a) Orientador(a) Assinatura do Autor(a)

Nome: _____ Nome: _____

CPF Nº _____ CPF Nº _____

Anexo 3

Roteiro de Entrevista – ADI's

1ª. parte: Dados Pessoais e de Família

1. Nome:
2. Idade:
3. Estado civil:
4. Cidade de origem:
5. Número de filhos:
6. Idade dos filhos:
7. Nome da Escola ou CEI que freqüentam:

2ª. parte: Dados Profissionais

1. Escolaridade:
 - a. 1º. Grau (completo ou incompleto)
 - b. 2º. Grau (completo ou incompleto)
 - c. Nível Superior (completo ou incompleto)
2. Cursos:
3. Cursos sobre desenvolvimento infantil:
4. Experiência Profissional:
 - a. Local de Trabalho:
 - b. Ano de início e término:
 - c. Função:
5. Como foi feita a escolha profissional? Porque ser ADI?
6. Porque trabalha neste CEI?

3ª. parte: Sobre a Função Atual

- a. Qual é a carga horária de trabalho?
- b. Qual é a remuneração?
- c. Que grupo de crianças atende?
- d. Há quanto tempo está nesta função?
- e. Quais são as suas funções específicas?
- f. Com quantas ADIs dividem o mesmo espaço?
- g. Como é o relacionamento com estas ADIs?
- h. Com quantas crianças trabalha?
- i. O grupo de crianças que atende é sempre o mesmo ou há troca de crianças entre as ADIs?
- j. Como é a rotina de trabalho?
- k. O que é feito e o que não é feito e por quê?
- l. O que gosta de fazer e o que não gosta de fazer?
- m. Com que faixas etárias já trabalhou?
- n. Com qual gosta de trabalhar?
- o. Atuar com bebês pequenos neste CEI foi uma escolha?
- p. Existe um número definido de ADIs por crianças em cada sala. Você o considera ideal? Como costumam agir quando essa proporção aumenta e excede o número definido? Isso ocorre com freqüência ou excepcionalmente?

- q. Como é adaptação da criança nova? Existe um procedimento padrão? Como é realizada a orientação para esse momento? Você pensa ser importante essa fase para a criança? Por quê?
- r. Você considera que é papel da ADI iniciar trocas afetivas com a criança bem como incentivar trocas afetivas das crianças entre si? Você consegue realizar isso dentro de sua rotina diária? Caso negativo, por quê?

4ª. parte: Sobre o Trabalho da ADI, Desenvolvimento Infantil e o Espaço do Brincar

- a. O que você entende ser importante para o desenvolvimento infantil?
- b. Como você entende que seu trabalho pode auxiliar no desenvolvimento infantil?
- c. Quais funções desempenhadas por você na sua rotina são facilitadoras do desenvolvimento infantil?
- d. O que entende por brincar?
- e. Qual é o significado do brincar para a criança?
- f. Consegue brincar com as crianças?
- g. Em que momentos dentro da rotina isto ocorre?
- h. Qual é o lugar que o brincar ocupa na rotina das crianças?
- i. Que tipo de brincadeiras faz (ou são possíveis de fazer) com as crianças?

Anexo 4

Guia de Orientação para Observação

Data da observação:

Hora da observação:

Duração da observação:

- 1) Espaço físico:
 - a. Como está arrumada a sala antes da chegada das crianças.
 - b. Organização do espaço físico (móvel, brinquedos disponíveis)
 - c. Quantas ADIs estão presentes
- 2) Planejamento das atividades / rotina:
 - a. Existe um planejamento ou rotina claramente descrito e disponível na sala.
 - b. Planejamento é seguido.
 - c. Caso negativo qual foi a mudança e qual a razão da mudança.
- 3) Chegada:
 - a. Como é feita a recepção das crianças.
 - b. Percepção sobre a reação da criança.
 - c. Percepção sobre a reação do adulto responsável.
 - d. Percepção sobre a reação da ADI.
- 4) Atividade (modelo padrão de observação):
 - a. Descrição da atividade proposta e duração da mesma.
 - b. Como estava a criança no momento anterior à atividade.
 - c. De que forma a atividade foi proposta.
 - d. Como a criança aderiu ou não à atividade.
 - e. Reação da criança à atividade.
 - f. Reação da ADI à atividade.
- 5) Rotina de cuidado (modelo padrão de observação para troca de fralda, roupa e banho):
 - a. Como a criança é conduzida para o cuidado.
 - b. De que forma este é realizado.
 - c. Onde e quando é realizado e duração do cuidado.
 - d. Reação da criança ao cuidado.
 - e. Reação da ADI ao cuidado.
- 6) Rotina de alimentação (modelo padrão de observação para lanche, mamadeira, almoço e jantar):
 - a. Qual é o tipo de alimentação oferecida e duração.
 - b. De que forma é realizada a alimentação.
 - c. Onde é realizada a alimentação.
 - d. Reação da criança à alimentação e ao alimento oferecido.
 - e. Reação da ADI à alimentação.
- 7) Rotina de descanso:
 - a. Como é proposto o momento de descanso.
 - b. Onde é realizado e duração.
 - c. Como é aceito pela criança.
 - d. Como é aceito pela ADI.
- 8) Saída:
 - a. Como é feita a saída das crianças / contato com o adulto responsável.
 - b. Percepção sobre a reação da criança.
 - c. Percepção sobre a reação do adulto responsável.
 - d. Percepção sobre a reação da ADI.

Anexo 5

Transcrição das Entrevistas

1ª Entrevista: E. – ADI-1 (Berçário 1)

P: Qual a sua idade?

R: 28

P: Estado Civil?

R: Solteira.

P: Você é daqui de São Paulo?

R: Sim.

P: Tem Filhos?

P: Tenho um filho é um menino de 7 anos.

P: E ele estuda em EMEI?

R: não, o C., ele estuda num colégio particular, que é onde eu trabalhava antes de vir pra cá, porque ele é portador de uma Síndrome, chamada Rubenstein-Taybi, ele é uma criança especial, eu trabalhava numa escola e aí eu fui mandada embora, porque ela teria que estar diminuindo o meu salário e ela não queria que eu trabalhasse registrada, acho que por problemas financeiros da escola, eu não aceitei e ela me demitiu, porém, assim, minha preocupação em relação ao C., é justamente isso, escola pública pra uma criança deficiente do tipo dele não tem aparato nenhum, entendeu. Aí eu prefiro deixar ele lá, porque ele sempre freqüentou lá desde pequenininho, ele já conhece tanto as educadoras, quanto as crianças e a própria direção, então eu resolvi deixar ele lá. E de sexta-feira, ele faz acompanhamento na APAE. Toda sexta-feira ele faz a parte de fono, psicomotricidade e pedagogia, além de neuro, geneticista, todos os médicos que eu precisar, eu também tenho esse amparo lá na APAE.

P: Onde fica a Escola?

R: Fica na Rua Solemar.

P: É próxima daqui do CEI?

R: Fica sim.

P: É uma Escola para crianças especiais?

R: não, é uma escola regular, normal.

P: ele está bem, está adaptado?

R: Está. Nossa, ele conhece todo mundo, fica super bem, então eu fico mais tranqüila de saber que lá ele está bem.

P: Ele fica o dia inteiro?

R: Fica o dia inteiro. Período integral: das 8 as 4, saindo daqui eu já passo na Escola e pego ele.

P: Qual a sua formação?

R: Eu me formei no magistério e estou fazendo pedagogia

P: Você estuda onde?

R: Então, esse ano, eu parei. Terminei o terceiro semestre, vou voltar o ano que vem, por motivos financeiros. Mas eu estava fazendo na UNIFAI. Eu pretendo no ano que vem voltar, mas não sei se vou voltar pra lá, porque lá estava muito caro, muito caro mesmo. Mas eu pretendo voltar. Eu fiz até o terceiro semestre lá, depois se tudo der certo, eu queria fazer pós em psicomotricidade.

P: Que outros cursos você fez além do magistério?

R: Eu fiz curso de informática, né. Foi um ano. Um curso básico e eu fiz cursos voltados à pedagogia mesmo. Eu me lembro que eu fiz dois quando eu estava no magistério, agora não me lembro qual era o título. E fiz dois anos atrás lá na escola onde eu trabalhava também voltado ao professor. E na faculdade, porque no ano passado a gente fez um simpósio. Então a gente ganha um certificado e passa por uma semana de palestras, sobre a educação, sobre tudo. Sobre informática, sobre modernidade. Mas como eu estou na área de pedagogia, eu procurei pegar tudo que falasse relativo à educação. E aí alguns eu fiz sobre fono. Ela explicou sobre a fala, tudo relacionado à fala, mas o foco era voltado à educação.

P: E algum destes cursos era voltado ou tinha informações sobre o desenvolvimento infantil?

R: Não, sobre o desenvolvimento infantil não. Um que... Algo que realmente eu vim presenciar, que realmente serve pra estar lidando lá no berçário, é especificamente um com a Marta, que a gente faz aqui. Esses encontros a gente acaba utilizando lá: a parte de desenvolvimento, de massagem, a gente acaba utilizando lá, mas fora daqui, eu não fiz.

P: Com relação ao seu histórico profissional, desde que você começou, onde você trabalhou? O que você fez?

R: Eu comecei em 98, quando eu estava pra terminar o magistério. Eu peguei uma turma de Jardim I, há 10 anos atrás. Depois eu fiquei com o Jardim II, por 3 anos, na primeira escola que eu trabalhei que era uma escola particular. Nessa escola particular fiquei 3 anos lá e aí sai, por causa do C., sai. Depois eu vim pra uma aqui perto, chamada N.E., na Marechal. Fiquei alguns meses lá. Trabalhei com o antigo pré. Depois, fui chamada na S.R. que é onde o meu filho fica. Fiquei lá 5 ou 6 anos. Eu trabalhei no Jardim I, Jardim II, fiquei uns 2, 3 anos no antigo Pré, trabalhei com a primeira série, que agora é o primeiro ano, na terceira série também trabalhei. Depois

comecei com o berçário. Aí lá eu fiquei acho que 1 ano e meio trabalhando com o berçário. E aí eu vim pra cá.

P: Porque você escolheu trabalhar como ADI, como Educadora?

R: Bom, vem desde pequena, de brincar de dar aula, de lousa. E sempre lendo e sempre escrevendo. Não sei assim, te dizer o porquê me fez escolher isso, mas foi algo que eu sempre quis. Eu não consigo te explicar o porquê, mas sempre me atraiu. Eu me lembro que quando eu estava na quinta série, a professora falava: vai passar um texto na lousa. Então, eu sempre, tinha um contato de ficar lá na frente passando. Eu nunca tive problema de me expressar em público e aí decidi fazer o magistério. Terminei a oitava série e aí falei: não, vou fazer o magistério, porque é isso que eu quero. Aí comecei o primeiro ano, segundo ano, procurar emprego, procurar emprego. Foi aí que eu comecei no finalzinho do curso. Eu comecei e de lá pra cá, não parei mais. E até a Diretora aqui, em uma das reuniões, surgiu exatamente essa pergunta. Aí falei pra ela: eu não consigo me ver fazendo outra função, outro serviço. Aprender a gente aprende. Mas eu não sei se eu seria feliz fazendo outra coisa. Eu gosto de ficar aqui com as crianças mesmo. E especificamente com o berçário. Eu me identifiquei demais com o berçário. Eu já trabalhei com os maiores, eu já trabalhei com todas as fases, né? E o berçário é o que eu gosto. Eu me sinto bem.

P: Aqui no CEI você começou quando?

R: Eu comecei em fevereiro.

P: E sempre trabalhou no B1?

R: Sempre no B1.

P: E como você veio trabalhar aqui?

R: Eu fui mandada embora. Aí uma amiga minha que trabalhava aqui, que fazia faculdade comigo, falou: olha, parece que vai ter seleção, você não quer mandar o seu currículo? Eu falei: lógico que quero. Preciso trabalhar. Aí eu vim, fiz a seleção, passei e me chamaram. E aí eu já comecei, foi bem rapidinho assim o processo.

P: Agora vamos falar um pouquinho de seu trabalho aqui. Primeiro informações pessoais da função e depois a gente vai falar do trabalho diário. Qual a sua carga horária de trabalho?

R: Eu entro as 7 e saio as 4. De segunda a sexta, com uma hora de almoço.

P: E a sua folga?

R: Sempre de sábado e domingo.

P: E férias?

R: Férias a gente sempre pega sempre em janeiro, eu acho. Não, eu tenho certeza. Porque a gente no meio do ano não parou. Então, acho que em janeiro, é quando a creche fecha.

P: Você poderia me dizer qual é a sua remuneração salarial?

R: Até o mês passado era R\$750,00, o piso. Veio agora um aumento de 2%, aí vai dar R\$810,00.

P: Você trabalha com B1 e está aqui desde fevereiro.

R: Isso

P: Quando você entrou, o que foi definido como sendo suas funções, trabalhando no B1?

R: Olha, na verdade eu não sei assim, te falar o que ficou definido. Porque perguntaram. Avisaram, melhor dizendo, que iria ser B1. Perguntaram se tinha algum problema, eu falei pra mim não, porque eu já tinha esse contato com o berçário. E assim, lá dentro a gente acaba definindo nós mesmos. Lógico, a parte de direção, coordenação, ela está sempre tentando nos orientar, para não fugir também. Pra não ficar só no cuidar e sim no educar. Tanto que eu lembro isso, até no momento em que eu fui fazer a entrevista foi falado exatamente isso, que os dois têm que andar juntos, não é... E as pessoas falam muito isso: berçário é só dar banho, trocar fraldas, alimentar, por pra dormir. Não é só isso. Tem também o lado pedagógico. A gente pensa que eles não têm essa capacidade, mas eles têm e muito né? Então, nós mesmos acabamos definindo isso lá. E lá nós somos em 6. A gente pega e divide as crianças. Essa divisão é o que? É pra facilitar a organização. Vamos supor: se não tivesse: ah, você trocou o fulano? Não, eu não troquei. Aí pra não esquecer e não ficar ninguém de fora da rotina. Mas a gente utiliza só pra que? Pra troca, banho e alimentação. O resto é todo mundo junto. O resto que eu falo é o que? No solário vai todo mundo junto. A atividade que vai ser feita no solário, vai todo mundo junto. Tanto as crianças quanto as educadoras. Alguma atividade dentro de sala de aula, também é todo mundo junto, entendeu? Então acho que é isso. Que a gente acaba definindo. Mas eu não sei te dizer ao certo, o que a parte da direção e coordenação me passou.

P: É importante que você possa falar o que você sabe.

R: sim, são essas.

P: Você me falou que trabalham em seis ADIs. Como é seu relacionamento?

R: olha, a gente... Não estou mentindo nem... A gente se dá muito bem até o momento. Quando eu entrei, teve vários boatos de brigas, no ano passado. Até minha amiga que me indicou, falou: olha E., você vai viver um... Não, fica tranquila. Se Deus quiser vai dar tudo certo, porque realmente teve alguns desentendimentos no ano passado. Mas esse ano o grupo está super bem. A gente conversa: vai fazer isso, vamos fazer assim, não vamos. Então, uma sempre acaba acatando a idéia da outra. Tanto no planejamento, quanto no diário. Vamos supor: hoje, esse mês é seu, outro mês sou eu. Pra todo mundo passar pelo processo de diário e planejamento. Pra não

deixar sobrecarregar numa pessoa só. Então a gente se dá super bem. A gente divide as tarefas. Na hora de ir pro solário vai 3, fica 3, pra arrumar a sala pro almoço. Agora a gente está com uma mudança de rotina até a gente conseguir achar qual a melhor rotina pra ambos, tanto pra nós, quanto pra eles. Então faz um revezamento. Está sempre se revezando pra não sobrecarregar nunca só uma ou outra, entendeu? Eu acho que a gente se dá bem, até agora está fluindo. Estamos em mais da metade do ano e não houve problema algum entre nós lá dentro.

P: E vocês trabalham com quantas crianças?

R: São trinta e quatro. Mas não tem os trinta e quatro. E agora parece que vai sair também alguns. E aí vai estar abrindo a vaga. Mas vem numa faixa de 28, de 29. Já chegou vir 32, mas não é sempre que vem, entendeu? Hoje mesmo, tem acho que 22 ou 23.

P: E as crianças vocês normalmente ficam com as mesmas?

R: A gente sempre tem aquele que a gente se apega mais e eles também se apegam mais. Então a gente procura, ficar, variar, né? Pra todos terem o contato. Mesmo que ficar junto, vamos supor: o ano inteiro vou ficar com esse, você fica com aquele. Mas no fim, acho que todo mundo acaba tendo um contato com todo mundo, porque essa divisão que a gente faz, é só na hora de trocar, de banho, de alimentar. No resto, no restante, de solário, de brincadeira, de atividades, é todo mundo junto. De dar um suco, de dar uma mamadeira, é todo mundo junto. É só mesmo na hora da troca e da alimentação, porque tem o almoço e a janta, né? A gente procura estar variando, mas você sempre acaba tendo aquela afinidade um pouco maior, né? De querer ficar. Mas no fim, quando você vai ver, está todo mundo junto de novo, né?

P: E um dia de rotina normal, como é essa rotina?

R: Bom, eu vou pegar o exemplo de hoje. Nós chegamos. A gente faz a entrada às 07h00min. Nós montamos os cantinhos. São 3 cantinhos. A gente procura colocar o cantinho praqueles menorzinhos com mordedores, bolinhas, coisas mais molinhas, né? E aí põe: nós colocamos hoje as pecinhas de montar e as garrafas sonoras. Então são 3 cantos diferentes, até mais ou menos 8 horas. As crianças ainda estão chegando. Os professores que entram as 7 e meia e as 8 também vão chegando. Então até às 8 a gente ainda está recepcionando as crianças. A gente coloca uma música, pra eles estarem naquele ambiente mais gostoso. Depois já vem a mamadeira. Por volta de 08h10min, 08h15min vem a mamadeira. Eles mamam. Terminou a mamadeira, a gente começa a trocar e a turma do banho começa a tomar banho. Termina o banho, por volta de mais ou menos, 9 e meia, vinte pras 10. Aí a gente vai pro solário. Vem o suco. Ou a gente dá o suco no solário ou eles só vão lá. Eles ficam no solário até mais ou menos 10h15min, 10h20min. Ou alguma atividade,

né? Algum brinquedo, depois eles vêm. Aí eles vão almoçar, 10h30min. Daí a Cr., agora está fazendo assim: vai todo mundo pra brinquedoteca. Fica duas educadoras, dando almoço, com três crianças cada uma. Duas no sono e duas na brinquedoteca e a Socorro de intermediária, entendeu? Aí vamos supor: está todo mundo lá na brinquedoteca, e seis almoçando. Se esses seis já almoçaram, as duas que estão no sono vão colocá-los pra dormir. Aí a Socorro vem e pega mais seis. Leva, almoçam, até todos almoçarem.

P: Porque houve esta mudança? Nas minhas observações eu vi uma rotina diferente.

R: Via diferente, né? A Cr. Resolveu fazer assim, devido ao tempo de espera. Nós fazíamos duas turmas. Você chegou a ver com duas turmas ou com todo mundo?

P: Eu vi quando vocês dividiam as crianças e ficava todas as ADI...

R: cada uma com o seu? Ah, você pegou a primeira fase. Então nós ficávamos em média com 5 a 6 crianças. E aí a Cr. Colocou em pauta exatamente isso. Você dá pra um, dá pro outro, dá pro outro e dá pro outro. Então quando você volta, a comida daquele último já tá fria, entendeu? Aí nós fizemos em duas turmas. A primeira almoça, põe pra dormir. Depois vêm a segunda turma. Aí também deu esse problema de tempo de espera. Da criança não comer apressadamente, e não esfriar. Diminuir a quantidade de criança que a gente está dando, pra não acontecer exatamente isso. Aí a Cr. Colocou assim.

P: E agora funciona bem?

R: Isso. Aí mais ou menos 11h15min, bota todo mundo já pra dormir. A gente acompanha o sono, depois faz as trocas do almoço. Quando eu volto, de almoçar é o horário de mamadeira. Aí eles tomam mamadeira. A gente troca os nossos. Naquele horário, a gente faz a troca. As meninas chegam e já trocam os dela também. Aí a gente dá atividade, entendeu?

P: Quais são as atividades?

R: Ou a gente dá pintura, né? A gente pega o Kraft, estica um espaço razoável pra eles, pra eles pintarem com giz. Como agora teve bastante data comemorativa, então a gente fez um mural com eles. Pintaram o saci, pintaram a sereia. Da festa junina também, vamos supor, tudo que é... O convitinho é com eles. É tinta, é carimbo de mão, carimbo de pé. Fizemos brincadeiras com bexigas, bolinhas de sabão. Então é esse tipo de atividade. Agora que chegou bastante brinquedo. Elas compraram bastante brinquedo, bastante coisa pra estar trabalhando com ele. Até ontem: a gente trabalha assim: com caixas, para eles estarem empurrando, empilhando, assim, garrafas. É assim, um dia a gente dá tinta, outro dia a gente dá o giz...

P: E as crianças?

R: Eles gostam. Mas a gente tem que estar sempre com uma carta na manga, porque eles não se fixam por muito tempo. Então não adianta você dar meia hora de um Kraft para eles desenharem porque eles o máximo que eles vão ficar ali é 10 minutos e só. Então a gente sempre tem que estar nessa meia hora que é relacionado a atividade. Sempre tem que dar, pelo menos, umas três diferentes pra eles não se cansarem, entendeu? Aí depois, vem o jantar de novo. Eles jantam as três. Senta todo mundo pra jantar. A gente faz a última troca, a parte de arrumar cabelo, trocar a roupa.

P: E o jantar funciona como o almoço?

R: Não.

R: Aí é o modelo antigo?

P: Sim, é o modelo antigo.

R: Terminando a janta, a gente já deixa eles prontinhos pra ir embora. Coloca todo mundo mais calminho e as 4 horas já abre o portão, já começa a sair.

P: O que vocês conseguem fazer ou não conseguem fazer, que você acha que seria importante e porque entende que não conseguem?

R: Olha, algo que até a nossa coordenadora colocou no planejamento, né? Falando que a gente tá fazendo algo que ainda não deu é relacionado às massagens. Porque assim, no começo do ano a gente não estava conseguindo ir pro solário. Acho que estava muito tumultuado. E aí foi, passou um tempo. A gente foi encaixando daqui, encaixando de lá. Já estamos conseguindo ir pro solário. Eles não conseguiam ir pra brinquedoteca, por falta de tempo. Toda essa rotina demorou. Ela está praticamente ficando pronta agora. Demorou, eles foram pra brinquedoteca, conseguiram ir. Os banhos também, estavam no horário de banho... Então foi várias coisas. Se você for notar, desde o começo do ano até agora, a gente não conseguia ir pro solário e agora já estamos indo. Não conseguíamos ir pra brinquedoteca, agora já estamos indo. Os banhos eram trabalhosos. Assim, tudo em relação a tempo. O que agora, o que ainda não foi colocado, é com as massagens. Por falta de tempo também, eu sinto isso. É muito. Parece que não, mas é muito corrido né? O espaço de uma atividade pra outra passa muito rápido e é pouco entendeu. Então a gente ainda não conseguiu estar introduzindo do jeito que a S. passa pra gente as massagens.

P: E dentro dessa rotina, o que você gosta e o que você não gosta?

R: O que eu gosto? Eu gosto de dar banho. Eu acho que é um momento ali que a gente acaba dando um pouco mais de atenção pra eles. Que nem no caso da massagem. Não acontece como deveria, mas na hora do banho, você acaba por estar

tendo um toque diferente neles. Pra mim, eu gosto de dar banho. Colocar pra dormir, eu gosto. Então assim, na hora de dar a mamadeira, eu acho que é um pouco tumultuado, ainda. Porque ainda tem a turma do N2 e a turma do Ninho. Acho que quando todo mundo estiver no Ninho, estiver mais crescidinho, acho que talvez dê uma melhorada, mas na hora da mamadeira.

P: O que é Ninho?

R: O Ninho é o leite das crianças um pouco maiores. O N2, é o leite dos pequeninhos. Então pra turma do Ninho, a gente... Eu coloco eles no bebê conforto. Eu coloco eles sentadinhos. Eles se viram sozinhos, eles conseguem tomar. A outra (ADI) ainda não. Eles tem sentar, colocar. Aí quando você vai ver, um ou outro do Ninho já levantou, jogou o leite no chão porque não quis mais. Então, eu acho que é um pouco tumultuado. Mas de resto, é a única coisa assim que me dá uma incomodada.

P: Você já trabalhou com crianças de faixas etárias diversas desde bem pequenos até 9 anos?

R: Isso.

P: O que você mais gostou? De que faixa etária?

R: Do pré. Eu gostei muito mesmo. De trabalhar com o antigo pré.

P: O Pré seria?

R: Seria o primeiro ano. Alfabetizar né, no caso.

P: Existe um parâmetro da Prefeitura de numero de crianças por ADI.

R: É. Sete para cada ADI.

P: Você acha que esse número é adequado?

R: Desde que o quadro de ADIs dentro do berçário esteja completo, eu acho que esse número não causa stress, na verdade. Quanto está as seis lá sempre ficam 4, 5 crianças. Sete dá pra ficar, você fala assim: não. Dá. Mas se torna um pouco mais trabalhoso.

P: E já aconteceu de vocês ficarem com mais de 7 crianças?

R: Não. Que eu me lembre não. O que aconteceu foi um caso com oito, mas foi uma educadora só. Mas é mais trabalhoso. Eu prefiro ficar com cinco. Ah, mas são dois só a mais... Mas faz a diferença, entendeu? Na hora de uma atividade, na hora do banho, na hora da comida, faz a diferença. Eu acho que o ideal seriam cinco pra cada, mas tem como ficar.

P: Mas o que acontece mais, os sete ou menos do que sete?

R: Menos do que sete. Se o quadro estiver completo. Que nem, semana passada... Passada ou retrasada, não me lembro. Nós estávamos com duas funcionárias a menos. Então, faz falta duas funcionárias. Aí a gente ficou, meio que...

la passar dos sete. Aí a Cr. Conversou com as mães. As mães que poderiam estar ficando em casa. E as mães compreenderam. Então veio na faixa de 20 bebês, para poder ficar melhor. Agora se faltar duas, três, aí já fica complicado a situação lá dentro. E pra todo mundo, pras crianças e pra gente também. Mas pro quadro ficar completo, é difícil acontecer de ficar sete, só se tivesse 35 bebês. Mas aí, nunca vem os 34. Hoje mesmo eu estou com quatro faltando.

P: Durante as observações, pude presenciar adaptações de dois bebês. Como é feita a adaptação do bebê quando chega?

R: Então, pra mim essa adaptação também foi muito nova, porque eu nunca tinha passado por esse tipo de adaptação. Demorou. Que nem: nós começamos em fevereiro. Em março ainda tinha criança se adaptando. Pelo que eu me lembro. Vamos supor: no primeiro dia de aula, vinha uma turminha, de quatro ou cinco bebês e saiam as 10:00. O segundo dia vinha... Não. Ficavam esses quatro... Ah, eu não me lembro direito... E aí, saiam as 11:00. Já no terceiro dia, vinha mais uma turminha. Essa primeira turminha, saia as 10:00. A outra, essa turminha que já tinha ficado os dois dias, saia as duas. E ia introduzindo assim, até todo mundo começar a sair às quatro. É que nem, a Pr.(ADI do B1) mesmo já colocou isso em parada pedagógica. Pra mim, foi completamente diferente. O que eu sinto, é que às vezes, não acho que elas não façam nem por mal. As mães, ali dentro. Porque elas ficavam com os bebês. Elas acabam acho que atrapalhando um pouco. Criando uma situação. Não sei, elas ficam tão vulneráveis também. Tudo novo: professora nova, a primeira vez que coloca a criança, a criança pequena... Enfim, o que eu acho que atrapalhava mais, foram as mães, ali. Mas eu também não sei qual a outra maneira que seria melhor. Porque nos outros lugares que eu já trabalhei, nunca teve essa coisa de adaptação. A criança ia, a mãe ficava uns minutinhos e ia embora. A criança no primeiro dia já saia no horário normal. No outro dia a mãe só entregava. Não teve esse processo.

P: E como era?

R: Ah, choradeira né? Choradeira. Eu me lembro que na outra escola eu ficava com 15, 16 no berçário. Não chegava a ter bebês como tem aqui, de 1 ano, 1 ano e pouquinho. Sozinha. Então eu não sabia se ficava com os bebês que já estavam adaptados, que já vinham da escola do outro ano, ou se eu pegava os que estavam vindo. Era aquela loucura. Eu não achei ruim essa maneira. Mas eu sinto que algumas mães acabam ficando constrangida. E a gente também acaba, se sentindo um pouco... Poxa, será que eu tô fazendo certo? A mãe está olhando: o que ela vai pensar de mim? Porque passa isso na cabeça da gente, né. Mas acho que é isso, pra mim também foi muito novo. Falei pra você, eu não sei te dizer por que é a primeira vez que eu passo por esse tipo de adaptação.

P: Você acha que a ADI deve proporcionar trocas afetivas com a criança ou até mesmo incentivar essas trocas? Da criança com outras crianças e da ADI com o bebê.

R: Com a ADI.

P: Você percebe que este também é um papel da ADI?

R: Ahã, eu acho. Eu acho. Assim, é difícil você lidar com o bebê, e você não transmitir alguma troca de carinho pra ele. A minha função: eu vou dar banho. Deu banho. Agora eu vou dar banho, sem demonstrar nada? Eu acho que isso não acontece. Sai tão espontâneo. Pelo menos, da minha parte, é tão espontâneo falar como a mãe: ah, vem cá. Vem cá bebê. Vem cá. Vem cá pequeninho. Vem cá meu bonitinho. Palavras diminutivas, vamo papá, vamo brincá. E chamar, e cantar. Acho que isso sai espontâneo. Se realmente é uma pessoa que está voltada pra área da educação. É que nem eu te falei, aí entra o cuidar junto com o educar. A nossa função hoje em dia, acho que nem só da ADI, mas de qualquer profissional em educação é cuidar e educar. Eu acho que não tem nada a ver. E estimular também um ter essa troca de carinho com o outro também é nosso papel. Senão eles vão. Eles já se batem, que é uma fase normal, a fase das mordidas. Então, se a gente não fizer nada em relação a isso, vai virar o que lá dentro? Então, acho que a gente tem sim que: não, é o amigo... Esse procedimento que eu vejo as meninas fazerem e que eu também faço: não, é carinho... Até tem a professora L., ela tem uma musiquinha que fala sobre isso. Ela fica... Toda hora, ela canta. Eu acho que tem que... Esse é o nosso papel aqui.

P: O que você considera importante para favorecer o desenvolvimento do bebê?

R: Eu acho que, além de tudo, você tem que ter carinho. Não adianta você querer estimular o bebê ou alfabetizar a criança maior, se você não tiver carinho no que vai estar passando pra ela. Se você não tiver certeza daquilo que você quer. Acho que você primeiro tem que se aceitar: não, eu sou educadora. Eu não estou aqui só para ensinar, mas eu tô aqui pra passar muito mais coisas. Eu acho que o principal é você ter carinho com o que você faz. Estar aqui realmente com propostas de levar isso a sério e seguir, entendeu? Eu acho que o resto vem tudo por consequência disso.

P: E como que você acha que a ADI pode ajudar nesse desenvolvimento?

R: Como que eu posso ajudar? Eu acho que é o acabei de te falar. Estando presente, fazendo a diferença. Porque na faculdade a gente vê tanta teoria. Teoria, a gente tenta trazer isso pra prática. Mas eu já vi, profissionais que estudou 4 anos pra fazer isso aqui... Não é assim, entendeu? Eu acho que a gente tem realmente que se dar de corpo e alma e coração pra fazer esse desenvolvimento acontecer. Vir com

vontade, entendeu? Fazer a diferença. Ser a diferença né? É que nem: eu já trabalhei, com crianças que por mais que eu fizesse nunca estavam satisfeitas. Na terceira série. Nossa, eu não me cansava de buscar, de ir atrás e trazer. Alguma hora, eu vou encontrar a solução. Eu acho que é isso, pra você conseguir o desenvolvimento de um aluno, você tem que saber o que você quer. Saber o caminho que você vai e acreditar. Tem que ter força de vontade e batalhar, pra que esse desenvolvimento aconteça. Ai. Eu não consegui e ai você não conseguiu... E a criança vai ficar sem se desenvolver? Eu acho que a gente tem que ter essa força de vontade em querer fazer.

P: Dentro da rotina que você me descreveu você consegue auxiliar no desenvolvimento?

R: Eu acredito que sim. A gente vê assim. Que nem no começo do ano. Pra mim, tudo aqui é muito novo. Completamente diferente do colégio particular que eu estava habituada a trabalhar. Então pra mim aqui é tão novo quanto pras crianças. Eu acredito que sim, dentro dessa rotina, a gente vem... Aí é que tá, eu acabei de falar. Junto com as meninas e junto com a Cr., com a S., com a direção e coordenação, nós estamos o quê? Cada vez mais buscando, o melhor. Porque eu acho que toda essa mudança... Que nem, eu te falei: a gente não ia pro solário, agora a gente já consegue. Se a gente ficasse de braços cruzados e não procurasse o caminho, essas crianças não iriam circular? Por quê? Porque não estava dando certo? Não. Elas têm que ir para o solário. Não esta dando certo assim, vamos buscar de outra forma. Então, eu acho que é isso. Eu acredito que a gente está no caminho certo, eu pelo menos me sinto realizada, saio daqui tranqüila com o que eu faço.

P: Nós falamos sobre desenvolvimento e agora vamos falar sobre o brincar. O que é brincar para você?

R: Brincar pra mim é se sentir bem, livre, explorar, eu acho que é isso. E ainda mais na fase deles, eles estão muito isso, né? Não adianta você: olha nós vamos brincar com esse carrinho tá? Tá. E aí, eles não vão ficar só ali. Então eu acho que pra eles, inicialmente, tem que ser muito variado, explorar. Deixar mexer, deixar pegar. Vai quebrar? Vai. Foi por isso que até a gente falou pra S.: traz bastante coisa de pano, de borracha, porque não adianta dar um carrinho lindo e maravilhoso, que vai quebrar. Então eles tem que explorar. Eu acho que eles estão numa fase que o brincar deles, é exatamente isso. Às vezes, eles não se interessam nem pelos brinquedos. Mas se eles vêem uma caixa, aquilo pode se tornar um brincar pra eles. Porque eles estão muito assim, na fase de explorar, de conhecer, de curiosidade, entendeu?

P: Dentro da rotina que você me descreveu, em que momentos isso pode acontecer?

R: Então, dentro da rotina, a gente procura estar colocando um horário pra eles. Então, quando a gente vai pro solário, é um momento, né? A gente leva as atividades propostas ou a gente leva brinquedos ou bexiga que eles adoram. A bolinha de sabão, que é uma coisa tão simples e eles amam pegar, explorar, correr atrás da bolinha. Enfim, a gente está levando dentro deste horário. Ou é no solário, ou à tarde a gente propõe dentro da salinha. Ou é uma atividade mais dirigida, no caso, um desenho, uma pintura. Ou realmente a gente pega os brinquedos que a gente sabe que eles gostam, espalha e eles brincam a vontade.

P: Dentro dessa rotina de cuidados e atividades que você me descreveu, qual é a importância de um e de outro?

R: Olha, eu acho que os dois são realmente, muito importantes. A gente vê crianças aqui: em geral não tem isso em casa. Nem esse lado do cuidado, e nem o do brincar. Então, se ele não tiver isso aqui, eles vão ter onde? Infelizmente é a realidade. Cuidar e educar, de novo. Esses dois têm que caminhar juntos, senão não funciona. Ainda mais com os bebês. Não dá pra você, vamos supor: as crianças chegam às 7 horas e você: ah, eu vou lembrar-me de trocar a fralda, sei lá 2 horas da tarde? Isso não existe. Se você quer realmente, for uma educadora de berçário, tem os horários: a gente troca, por volta de 4, 5 vezes. Ah, ele tá de cujo. Depois eu troco. Então, quer dizer, isso não é cuidar. Então, já não se encaixa pra um berçário. Por isso, que existem profissionais que falam: ai, eu não gosto de trabalhar com berçário, porque eu vou ter que ter esse cuidado e eu não sei lidar com isso. Então por isso que trabalham com crianças maiores porque não vai ter que ter tudo isso. Então pra quem trabalha com B1, B2, no caso, tem que ter noção que vai passar por isso, tanto a parte de alimentação, enfim. E o educar também. Acho que tem que ter, porque eles estão assim, eles pegam as coisas rápido. Do começo do ano pra agora, tá quase todo mundo já andando. Andando, começando a falar. Então tem que estimular diariamente essa criança. Acho que os dois são importantíssimos, têm que andar juntos.

P: Vocês propõem atividades que estimulem esse desenvolvimento motor e da linguagem?

R: sim, então. O grupo da Marta. Quando a Marta vem, a gente estava vendo exatamente sobre isso. Sobre o movimento. Então ela passou as caixas. Então a gente encapou várias caixas de papelão, colocou peso. Para eles, o quê? Estar se apoiando. Estar levantando. Foi colocada a barra que não tinha. O espelho pra eles estarem se olhando. E a fala, agora alguns estão começando a falar. Então a gente está a todo o momento falando, mostrando. Agora eles já recolhem os brinquedos, então: vamos ajudar a por a recolher os brinquedos, vamos guardar. A gente está sempre chamando pelo nome. Então: Renata, vem pegar aqui pra tia. É, não pode

falar tia... a prô. Guarda aqui Então eu acho que tudo isso também faz parte do desenvolvimento. Então, eu acho que isso é diário. Por mais que não tenha nada ali no planejamento, você acaba por fazer, que é como é que eu posso dizer? É automático, é uma coisa automática, que você acaba fazendo, entendeu? É isso.

2ª Entrevista: V. – ADI-2 (Berçário 2)

P: Qual a sua idade V.?

R: 31 anos.

P: Estado civil?

R: Casada.

P: Tem filhos?

R: Tenho uma menina de nove anos.

P: Você é daqui de São Paulo?

R: Sou da Bahia.

P: Veio pra cá com quantos anos?

R: Eu tinha 12 anos.

P: E sua família?

R: Eu vim com meus pais e também minha família toda mora aqui.

P: A sua filha, ela estuda aonde?

R: Demóstenes Marques de Maricá, aqui no Sacomã mesmo.

P: É colégio particular ou é do Estado?

R: É do Estado.

P: Agora vamos falar sobre suas atividades profissionais. Qual a sua formação?

R: No momento eu só tenho magistério.

P: Você fez algum outro curso? Além do magistério você fez algum outro curso? De especialização?

R: Eu fiz de berçário.

P: Muito bem. E sua experiência profissional? Antes de vir pro CEI, onde você trabalhou?

R: Eu trabalhava de auxiliar de cozinha. Eu entrei aqui como auxiliar de cozinha.

P: Ah, me conta...

R: É. Aí eu nunca tinha experiência. Assim, eu jamais pensava né? Aí eu sempre trabalhei em cozinha. Agora eu não esperava também vir trabalhar nessa área. Aí depois eu tive a oportunidade de trabalhar aqui na cozinha como auxiliar.

Depois eu fui pegando o gosto e aí falei: ah não, eu quero trabalhar com as crianças, diretamente com as crianças. Aí eu falei pra Cr. Não, eu quero trabalhar diretamente com as crianças, aí ela disse: então vai estudar. Aí eu fui fazer magistério. Aí surgiu uma vaga e eu vim. Estou aqui há 6 anos.

P: Eu já observei que aqui na Creche os profissionais da cozinha também estão sempre muito preocupados com as crianças, sempre procuram conversar, interagir de alguma forma. Então me conta você trabalhou só aqui ou trabalhava em algum outro lugar antes?

R: Com criança?

P: Qualquer trabalho...

R: Ah, não. Em outro lugar não. Eu sempre trabalhei desde os meus 14 anos. Eu sempre trabalhei. Mas sempre assim: eu também trabalhei como domestica. Depois eu trabalhei em um restaurante, em padaria. Mas faz 6 anos que eu trabalho aqui.

P: E porque você escolheu ser ADI?

R: Ai eu peguei um amor assim... Eu vi, sei lá, o carinho que as crianças passam pra gente. Eu falei: ai não, eu tenho que ficar mais presente. Ter mais contato diretamente com a criança. Naquele balcão ali no meio, isso me atrapalhava. Eu me sentia afastada. Eu ficava perto. Eu ia lá e servia o almoço. Mas daí eu falei: não, eu quero estar próxima. Aí eu sentia essa vontade. É isso que eu quero e eu vou. Aí eu acho que consegui e hoje estou realizada, né? E faço uma coisa que eu gosto. Foi isso que eu escolhi, então.

P: Com relação a sua função, qual é a sua carga horária de trabalho?

R: 9 horas.

P: Você trabalha de segunda a sexta

R: De segunda a sexta das 8 às 17 horas, aí tem uma hora de almoço, né?

P: Você poderia falar sua remuneração?

R: Meu piso salarial é R\$750,00. Mas assim, antes a gente recebia um bônus. Mas teve um congelamento agora, aí meu salário é 800 reais.

P: Em qual berçário você trabalha? Trabalha no Maior, B2, não é isso? Com crianças de qual faixa etária?

R: De 1 ano e 4 até 2 anos.

P: E quantas crianças são?

R: Vinte e uma.

P: E você sempre esteve no B2 ou você mudou nesses 6 anos?

R: Como ADI vai fazer quatro anos que trabalho.

P: Quatro anos. E você trabalhava em que sala?

R: Eu comecei com B2. O ano passado eu fiquei, assim, 3 meses só no berçário (B1). Aí eu voltei pro B2, porque faltava professor. Eu achei melhor voltar. E esse ano eu continuo no B2.

P: Quais são as suas funções na sala, o que você faz?

R: Ficar desenvolvendo as crianças, coordenação motora, é isso?

P: Tudo o que você faz incluindo os cuidados, como trocas...

R: Sim, também troco fraldas, né? E trabalho bastante essa parte da coordenação motora. Trabalho muito a identidade deles. A gente trabalha bastante. E a que a gente tem um projeto da retirada de fralda. A gente trabalha. Então a gente precisa trabalhar muito a identidade deles.

P: Todos ainda usam fraldas?

R: Eu já tenho 10 crianças sem fraldas.

P: É quase metade da turma.

R: Mas está um processo lento por causa que não tem banheiro na sala.

P: É verdade. A sala de vocês não tem banheiro.

R: É não tem. É um ponto mais complicado. Você tem que ficar saindo da sala.

P: E você trabalha, normalmente com mais uma ADI? Vocês duas dividem a sala?

R: É.

P: E como é o relacionamento entre vocês?

R: Com a minha parceira? É normal, a gente não tem nenhum atrito. Assim, a gente faz o máximo pra entrar sempre num acordo sobre o trabalho.

P: Então, vocês todas trabalham com o mesmo número de crianças ou tem uma divisão?

R: Não...

P: Com relação a troca, por exemplo, como é que se dá?

R: É assim: como não tem banheiro na sala, então uma fica pra ir ao banheiro acompanhar as crianças até o banheiro e a outra fica fazendo as trocas. Quando ela termina de trazer as crianças do banheiro, aí ela ajuda a terminar com as trocas.

P: Mas é sempre você que faz as trocas?

R: Não. A gente reveza.

P: Então me conta um dia de rotina na sua sala, por exemplo a de hoje desde o início do dia.

R: a A., ela recebe as crianças sete e meia. Aí assim, quando as crianças chegam na sala, já tem os cantinhos prontos. Tem uma educadora, que chega as sete, e ela prepara os cantinhos. Aí, como já tem os cantinhos prontos ela fica recebendo as crianças até dar 8 horas. Aí às 8 a gente vai tomar o café. Aí terminou o café, a gente

volta pra sala e começa a troca. A troca é: uma leva as crianças no banheiro e a outra fica fazendo a troca. Acabou a troca vem o horário de quadra.

P: Do lado de fora?

R: É. E assim, quando faz... Hoje, por exemplo é 5ª. feira, hoje não tem sala de TV, então a gente volta pra sala. Aí tem a linguagem oral. A gente trabalha com ficha, pra fazer a chamada. Eles conseguem identificar o nome deles através de um tecido que tem, que é o mesmo tecido da almofada. A gente pegou um pedaço de tecido e colocou na ficha. Aí na frente tem o tecido e o nome deles. Então ele consegue identificar o nominho dele através do pedaço de tecido. Aí depois da linguagem oral, vem o jogo simbólico, que é cantinhos, vários cantinhos que a gente monta casinha, carrinho... E aí deixa eles brincarem até o horário de almoço. Aí... Precisa falar da arrumação dos colchões?

P: Sim, se faz parte da rotina.

R: Aí depois, tem a arrumação do colchão. Uma fica com as crianças e a outra vai arrumar os colchões. Depois a gente vai pro almoço. Aí do almoço, escovar os dentes. Aí coloca pra dormir. Aí eles dormem até 1, 1 e 20 mais ou menos. É a hora deles acordar. Aí a A. fica fazendo um horário de almoço, né? Ela vai fazendo as trocas sozinha, até eu voltar. Aí quando eu volto, eu ajudo ela a arrumar os colchão, arrumar a sala. Aí a gente vai pro lanche. O lanche até 2 e 20. A gente fica no refeitório, termina o lanche. O pessoal vai pra sala e é o conto de fadas, né? A gente conta uma história. Depois do conto de fadas é o movimento. Hoje, geralmente a gente coloca um CD pra eles dançar livre ou a gente monta alguma atividade com movimento. Depois, acabou o dia.

P: Vocês os preparam para a saída?

R: Até 4 horas a gente arruma eles. Troco novamente, arruma e 4 horas é a saída.

P: O que vocês planejam e não conseguem fazer ou conseguem fazer e, é muito bom dentro dessa rotina?

R: Assim, o que é bom, é quando você prepara a atividade diária. Mas o que eles mais gostam, a atividade que eles mais gostam de fazer e, que é mais complicada também, é a pintura com tinta guache no papelão. Eles adoram. Eles pintam o chão, pinta tudo e gostam muito. Mas é bem complicado porque não tem banheiro na sala então tem que sair com criança pelo corredor, tudo sujo. Faz muita bagunça, mas eles adoram, é a atividade que eles gostam muito.

P: Tem algo que você faz que não dá certo por alguma razão?

R: Uma atividade que não dê certo, acho que não. Não, porque a gente faz o máximo assim, pra colocar na rotina, o que a gente vai e consegue desenvolver. Mas

que eu me lembre não. Só uma vez. Assim, quando falta a parceira. Aí fica complicado você estar desenvolvendo. Mas eu e a minha parceira, a gente nunca teve essa coisa de assim: ah não vai dar prá aplicar essa atividade... Então assim, hoje tem que fazer isso e a gente faz o máximo pra realizar essas atividades. Então não tem muito.

P: Dentro dessa rotina que você descreveu: da hora que eles chegam, incluindo tudo, atividades e cuidados: fraldas e escovar dentes, qual é a parte que você mais gosta ou que você menos gosta?

R: Ah, o refeitório. Porque eles não conseguem concentrar sentados. Aí então é onde você acaba estressada. Aí senta Gabriele! Por exemplo. Ela não fica parada. Então, você acaba se estressando. É nessa hora do almoço, do refeitório.

P: Você já trabalhou no B1 e no B2. Onde você sente-se melhor?

R: B2.

P: E você está no B2 por escolha ou você gostaria de trabalhar com faixas maiores como Mini grupo ou 1º Estágio?

R: Eu, assim, quando no final do ano assim elas nos chamam, aí eu falei que eu gostaria de continuar com essa faixa etária e elas deixaram. Deram essa oportunidade de eu continuar e eu gosto. Foi uma opção minha e elas aceitaram.

P: Existe um número que é definido pela Prefeitura de crianças por ADI em cada sala. Vocês até tem um número abaixo das outras, não é isso? Você acha que esse número é adequado pra vocês? No seu caso, dá uma média de 10 crianças por ADI.

R: Acho muita criança. Eu acho muito, porque antes era, se não me engano, eram 18 pra duas ADI. Então facilitava mais. Agora com muita criança na sala... 21 eu acho muito.

P: E quando falta alguma ADI. Por exemplo, quando a sua colega de sala falta. Como é que você faz?

R: Geralmente tem a Volante. Ela está ajudando.

P: Normalmente na rotina ela ajuda na hora de lavar a mão antes do almoço, e também no almoço ela ajuda vocês.

R: Ela ajuda.

P: Tem uma volante na hora do almoço?

R: Tem, tem. Ela também ajuda na escovação.

P: As faltas de ADIs são muito comuns?

R: É muito comum. Assim, eu e a A. não temos esse problema. Graças a Deus! Mas eu já passei por isso, de ficar assim, uma semana sozinha. Foi horrível. Foi uma experiência assim, que eu não desejo pra ninguém. Coitada da parceira que fica sozinha.

P: O que acontece?

R: Você fica desesperada, né?

P: Por quê?

R: Porque foi estressante. Criança chorando, criança pra fazer troca sozinha. A gente estava com um número de funcionário faltando o quadro. Estava faltando funcionário, não tinha volante e minha parceira faltava direto. E eu aí, assim, fiquei apavorada. Foi um momento assim, que eu passei, que foi pavoroso. E você com 18 crianças sozinha, criança pra trocar, fazer escovação, fazer tudo sozinha. Foi complicado. Tanto eu e as crianças ficou todo mundo apavorado. E não sabia pra quem pedir socorro.

P: E dá pra fazer tudo ou não?

R: Não, não dá. Você faz ali o básico. As atividades mesmo não dava pra desenvolver. Era simplesmente dava brinquedos a vontade. Enquanto você estava fazendo a troca, fazendo tudo.

P: Pude observar um exemplo de adaptação no B1, mas como é que é essa adaptação da criança nova no B2? Existe um procedimento padrão?

R: Assim a gente pede a participação dos pais. Ele ficar vindo, tá ficando com a criança, até vê que ela está bem. Aí ela sai. Vai saindo aos poucos. A hora que a criança consegue dar tchau.

P: Tem um tempo específico para isso acontecer?

R: Não. Pode estar ficando. Teve uma criança esse ano que a mãe assim: deu o mês de março, abril e a mãe ainda tava aí. Faz pouco tempo que ela conseguiu. Agora ela dorme bem, tá tranqüila. Mas de vez em quando que ela tá precisando, tá chamando a mãe, porque ela não conseguiu se adaptar. Então a mãe participa. A gente desenvolve atividade da mãe com a criança na sala. Antes, eu já ouvi falar de outras creches que não tem. Que a mãe não pode estar participando e eu achei interessante essas mães estarem participando. Aí ela está conhecendo o nosso trabalho e passando segurança pra criança, né?

P: Como que é seu relacionamento com os pais? Você não tem contato com eles na hora da entrada, mas na hora da saída você tem.

R: Ai, sei lá. Assim, eu me dou super bem. Até hoje graças a Deus, eu não tive nenhum atrito com os pais. Há 4 anos que trabalho com isso e nunca tive. Eu sempre faço o máximo de estar conversando, de estar explicando como que foi. Tem professora que não gosta de estar falando. Se a mãe faz muita pergunta, já acha que a mãe fala muito. Não, eu tento o máximo ficar falando. Se está perguntando estou respondendo. Eu dou a maior atenção. Não sei se por causa disso que eu consigo ter um bom relacionamento com os pais. Graças a Deus sempre tive.

P: Facilita que a criança também te aceite.

R: É... Ô... Aceita...

P: Você acha que é importante para uma ADI, incentivar as trocas afetivas entre as crianças, incentivar a troca afetiva da criança com relação a você?

R: Ah, sim com certeza.

P: E como é que você consegue fazer isso?

R: Quando eles começam a brigar muito. Você está falando dessa parte assim? Quando eles começam a brigar muito, eu estou interferindo. Estou falando, conversando o que pode, o que não pode. Que você tem que fazer um carinho na criança, que é seu amigo. A gente fala bastante isso com ele. E através da brincadeira. Eu brinco muito com eles. A gente brinca muito. Então no movimento, eu adoro fazer massagem. Gosto muito de fazer massagem. Então, eu acho que na massagem, você consegue passar muita segurança pra criança. E aí eu acredito que nesta parte eu consigo pegar a confiança deles e o carinho. E eles também, através dessa atividade. Eu sinto assim, que quando eles fazem massagem, tem uns que não gostam de você estar pegando, principalmente o amiguinho. De estar muito... Tocando muito. Aí um já começa a estranhar o outro. Mas é através da massagem, eu acredito que consigo transmitir pra eles mais confiança.

P: Agora vamos falar mais um pouquinho sobre a criança. O que você acha importante nessa faixa que você trabalha, o que você acha que é importante pra promover o desenvolvimento da criança?

R: pra estar desenvolvendo?

P: É pra estar estimulando, principalmente a criança nessa fase dela.

R: Eu acho que é através da brincadeira mesmo. De brincar. E assim, quando a gente brinca do jogo simbólico mesmo. O jogo simbólico eu adoro. Estou ali o tempo todo participando. Então você, na hora de dividir um brinquedo, é nessa hora que você está ali no meio. E você consegue falar pra ele: Vamo, deixa agora o amiguinho brincar um pouco. Você estar desenvolvendo mudanças na área do movimento também. Você consegue, sei lá assim, na hora que a gente dança. Pra ele ter mais segurança que eu tô falando, né? Pra ele conseguir andar, essas coisas.

P: Me dê um exemplo de jogo simbólico.

R: A gente brinca muito de casinha, por exemplo. Quando a gente faz, brinca de fazer comidinha. Todos querem dá a comida pra você: vamos fazer comidinha? Se eu tô fazendo a comidinha, eles também querem ficar todos no mesmo fogãozinho. Lá tem vários fogão, mas ele só quer ficar no mesmo fogãozinho e aí ali começa a sair os atrito, né? Aí é a hora que a gente para pra conversar com eles: não, espera um pouco, agora é a vez dele de fazer a comida. Aí é a hora que eu acho que eles vêm

a... Que a gente coloca o limite. Um pouco, né? Tudo tem seu tempo. Aí a gente brinca muito de casinha, de fazer comidinha. Todos querem dar comida. É assim comigo, com a A..

P: Você acha que seu trabalho ajuda, estimula. O desenvolvimento da criança?

R: Eu acredito.

P: Através de que funções que você desempenha?

R: Se você falar pra criança... Não através de brincadeira. Por exemplo: se eu sou ríspido com ele, eu acredito que não adianta nada você ficar: Pára! Tem hora que você acaba falando, mas se você começar a trabalhar através da brincadeira, aí você consegue mais, né. Do que colocar um limite, é assim, por exemplo, tô brincando: ah, mas vamos fazer isso diferente... Vamos tentar fazer assim... Sem você gritar com a criança. Sem você brigar com ela. Mas através da brincadeira você consegue. Eu acredito muito nisso.

P: O que você entende por brincar?

R: Brincar é um imaginário que vai além. Assim... Sei lá. É um momento ali que eu posso estar, por exemplo, se eu estou brincando de casinha, que eu adoro brincar, que eu brinquei tanto na minha infância. Se eu tô brincando, eu penso no adulto que eu vou ser... Se eu estou brincando ali de casinha, eu tô imaginando que quando eu crescer, eu vou ser assim. Então ao brincar assim, eu estou pensando no meu futuro, no meu imaginário, eu acho.

P: Qual o significado que você acha que brincar tem para uma criança de um ou dois anos?

R: Eu vejo que significa você passar segurança. De você. Eu acho que é segurança que você consegue. Tá brincando com eles.

P: Vocês brincam juntos?

R: Sim.

P: Em que momentos? Têm momentos na rotina para o brincar?

R: Tem a... É tem momentos. Não é toda hora que a gente está brincando.

P: Dentro da rotina tem horas específicas?

R: Tem, tem.

P: Dentro dessa rotina o brincar tem prioridade?

R: Com certeza. Brincar, acho que é o principal. O ponto mais principal é o brincar. Por exemplo, o conto de fadas, ele tem que ser rápido. O conto de fadas não pode ficar muito tempo. E o brincar não. Se você dá o jogo simbólico, você pode deixar eles ali, que eles ficam um bom tempo. E o, por exemplo, o conto de fadas é mais rápido. Que eles ficam menos tempo concentrado, sentado em rodas.

Concentrado ouvindo a história. É bem mais rápido. Então brincar é bem mais livre pra eles estar ficando mais tempo.

P: E nesse brincar, nesse momento. Vocês costumam deixá-los mais livres na brincadeira ou vocês sentar brincar juntos com eles?

R: Sentar brincar juntos e também deixar eles livres. Mas também a gente senta pra brincar, mas, deixar eles mais livres. Cada um brinca da sua maneira, não é necessário estar dirigindo o tempo todo.

Anexo 6

Observações Realizadas

As observações foram realizadas em duas turmas: Berçário Menor (B1), com crianças até um ano de idade e no Berçário Maior (B2), com crianças de 1,4 a 2 anos de idade. O CEI tem apenas 1 turma de Berçário 1, mas tem 3 turmas de Berçário 2. A turma a ser observada foi escolhida pela Diretora do CEI.

Foram realizadas duas observações em cada turma: uma no período da tarde e uma no período da manhã. Em cada uma delas a observadora permaneceu dentro da sala ou dos locais onde estavam as crianças, tais como: brinquedoteca ou refeitório tentando, o máximo possível não interferir no ambiente observado. Deve-se considerar, porém, que a presença da observadora foi motivo de curiosidade das crianças que buscaram, por diversas vezes, interagir ou apenas chamar sua atenção.

1ª. Observação – Berçário 2

Horário: 14:00 às 15:30

A tarde estava ensolarada e quente. Ao chegar à sala indicada encontrei as duas ADIs (uma é a responsável pela turma – ADI-2 e a outra é a Auxiliar – ADI-2a) realizando uma atividade com música com as crianças. O objetivo era passar o tempo enquanto aguardavam a hora do lanche da tarde.

Esta turma, hoje com 10 alunos, é toda formada por alunos novos no CEI. Apenas um, porém, chorava muito. Assim que cheguei à porta ele começou a falar “Mamãe!” e algumas vezes, dentro da sala ele veio até mim chamando sua mãe.

Esta sala não possui banheiro, mas há um trocador grande em um canto da sala para as trocas de fralda. A sala possui poucos recursos visuais, um cartaz com as fotos das crianças na parede, as mochilas penduradas em pequenos cabides, um para cada criança, identificado com o nome de cada uma e alguns brinquedos, uma mesa e duas cadeiras pequenas (para uso das ADIs). Há também um espelho em uma das paredes.

A ADI-2a me ofereceu uma cadeira para sentar. A atividade, conduzida pela ADI-2 consistia em andar sobre um tapete de números e letras (de EVA) disposto como uma trilha. Enquanto ia andando, tentava encaixar as letras e números previamente retirados dos tapetes e deixados no centro da “trilha”. Uma música infantil

tocava na sala. Poucas crianças participavam da atividade, pulando e dançando e apenas uma tentava encaixar as letras e números no lugar correto.

Depois de algum tempo do aluno chorando, uma das ADIs veio até ele para acalmá-lo. No caminho para o refeitório ele já não chorava mais, permanecendo assim até o final do lanche.

Na hora do lanche 3 turmas de Berçário Maior e uma de Mini-Grupo permanecem juntas no refeitório. Cada uma delas possui 2 ADIs. O lanche era composto de 1 pão de queijo, leite achocolatado e $\frac{1}{4}$ de pêra para cada aluno.

As ADIs colocam as crianças sentadas à mesa e servem seu lanche. As mesas são adequadas para o tamanho das crianças. São quadradas, de plástico e com 4 cadeiras em cada uma.

Com relação à turma que eu observava, apenas uma das ADIs (ADI-2a) preocupava-se em dar o lanche na mão das crianças, cuidando para que elas segurassem a comida com firmeza. Não havia prato, guardanapo ou qualquer tipo de proteção sobre a mesa para que as crianças apoiassem seu lanche.

As ADIs ficam próximas umas das outras conversando e lanchando também. Muitas crianças apresentam dificuldade, principalmente para beber o leite nos copos e acabam se molhando e derramando a bebida na mesa. ADI-2a e ADI-2 preocupam-se em auxiliar as crianças com seu lanche.

O lanche dura aproximadamente 15 minutos e as crianças são novamente conduzidas para a sala.

2ª. Observação – Berçário Maior

Horário: 7:00 às 11:00

A manhã estava fria, porém o dia estava claro e fazia sol. A sala ainda está vazia quando chego para a observação. Há apenas 1 menino em companhia de uma senhora que o levou até o CEI. A ADI-2a chega e arruma a sala para a recepção das crianças. São dispostos diversos brinquedos de plástico da marca “Little Tikes”: escorregador (1), cavalinho de balanço (2), além de algumas revistas em um canto da sala. Os brinquedos ficam dispostos das 07:00 às 08:00 que é a hora de chegada das crianças. Neste tempo diversas crianças chegam trazidas pelos adultos responsáveis. A grande maioria chega em companhia da mãe. Todas elas choram por alguns instantes ao serem deixadas. Não foi observada nenhuma preocupação do adulto que deixa com relação ao choro da criança. A ADI-2a faz um comentário com uma das

mães: “ele só chora quando vem com você. Ontem não chorou.” A mãe não responde ao comentário.

Às 08:00 as crianças são encaminhadas pelas ADIs ao refeitório para o café da manhã. São sentadas às mesas e as ADIs servem o lanche: leite achocolatado e pão com margarina. Todas as crianças comem sozinhas e algumas delas apresentam dificuldades com o copo de leite, derramando-o em suas roupas e na mesa. Não há disponível nas mesas nenhum tipo de apoio para o pão, tal como prato ou guardanapo. Às 08:30 as crianças são conduzidas pela ADI-2a para a Brinquedoteca onde permanecem até às 09:15.

A Brinquedoteca é uma sala de tamanho médio com diversos brinquedos dispostos. Alguns estão em caixas grandes no chão, outros estão em prateleiras nas paredes. Há também uma “arara” com fantasias penduradas, uma mesa pequena e 1 cadeira. Uma televisão de 14 polegadas colocada em um suporte no teto.

As crianças entram no espaço e cada uma pega um brinquedo diferente. Há apenas 2 velocípedes disponíveis, o que gera briga e disputa entre as crianças. Há pouca interação da ADI no sentido de orientá-los quanto ao uso dos brinquedos e com relação às brigas.

As crianças buscam brincar sozinhas, não havendo interação nenhuma entre elas. Há muita disputa por brinquedos e as crianças se batem, machucam, puxam os cabelos e algumas vezes, se mordem. Uma das crianças foi mordida com força nos dedos e, como só havia uma ADI na brinquedoteca com as crianças, ofereci-me para levá-la até a Auxiliar de Enfermagem. A menina, que chorava muito, parou de chorar assim que a segurei no colo. Levei-a até a Auxiliar de Enfermagem que a pegou também no colo para ajudá-la.

Ao voltar para a brinquedoteca pude sentir o forte odor de fezes que havia no local, pois diversas crianças já haviam defecado nas fraldas. A ADI-2 vinha até a brinquedoteca pegar as crianças para trocar as fraldas na sala.

A ADI-2a pegou um fantoche de jacaré e sentou-se no chão para brincar com as crianças. Algumas se sentaram à sua frente e ela começou a cantar: “sou um jacaré, sou um jacaré, e vou dar um beijo na (nome da criança)!” Outras crianças vieram brincar também, bastante animadas. As crianças queriam ser “beijadas” pelo jacaré e acabavam se empurrando ou jogando-se na frente uma das outras. A ADI-2a disse que não estava mais conseguindo brincar e que eles estavam caindo por cima dela e ela não estava gostando, encerrando assim a brincadeira.

Às 09:15 a ADI-2 entrou na brinquedoteca com um prato com bananas para a hora da “hidratação”. As ADIs colocaram as crianças sentadas encostadas em uma parede ou perto da parede e descascaram as bananas e deram uma para cada

criança. As crianças comeram parte das bananas e, quando não queriam mais, deixavam-na no chão ou entregavam para a ADI.

Às 09:35 voltaram para a sala. Apenas 3 crianças já não usam mais fraldas e foram encaminhadas para o banheiro. As outras foram diretamente para a sala onde as ADIs iniciaram a troca das fraldas.

A sala já estava previamente preparada com 4 “cantinhos” de brinquedos de encaixar. Ao entrar na sala as crianças pegam diversas peças e brincam aleatoriamente. Não há nenhuma interação das ADIs com as crianças nesse momento. Elas preocupam-se com a troca de fraldas de todas as crianças. Cada uma tem um espaço no trocador onde realizam a troca das fraldas. Não há nenhuma interação entre a criança e a ADI durante a troca. As poucas palavras trocadas são entre as próprias ADIs.

As crianças brincam com as peças, mas não há interação entre elas. Muitas vêm me mostrar as peças, montadas ou não e procuro fazer algum comentário com elas sobre o que vejo, tais como: “o que você construiu aqui? Vamos tentar colocar mais peças juntas? Está parecendo uma casa muito alta! Muito bem, você conseguiu encaixar as peças! Vamos pegar outras e fazer este brinquedo que você está criando ficar bem grande?” Logo todas estão interagindo comigo através de gestos, olhares e sorrisos. Algumas falam: “Ó!” e me mostram o que construíram e as respondo com um sorriso, palavras de incentivo e perguntando o que fizeram, a que nunca obtenho resposta.

Quando as ADIs terminam a troca de fraldas das crianças elas arrumam a sala e pedem a ajuda das crianças falando com elas. Algumas ajudam a guardar as peças. Quando terminam, às 09:45, a ADI-2 as coloca encostadas no espelho da parede dizendo que irão fazer a chamada. Enquanto tenta controlar as crianças grita muito com elas dizendo que não agüenta mais e que irá embora deixando-as sozinhas. Duas crianças insistem em não ficar sentadas uma ao lado da outra. Essas são retiradas de uma forma brusca dos lugares onde estão pela ADI-2a e sentadas em outros locais.

A ADI-2 coloca almofadas no chão aleatoriamente. Cada almofada tem uma cor e estampa distintas de forma a serem reconhecidas pela criança que a possui. A chamada consiste em cada criança, conforme é chamada (na ordem em que estão sentados), levanta, encontra sua almofada e coloca-a sobre a mesinha, voltando, então, para o seu lugar.

A maioria das crianças consegue realizar a atividade sem nenhuma dificuldade. Uma das crianças, a mais agitada e que foi repreendida diversas vezes enquanto

outras crianças pegavam as suas almofadas, é deixada por último na atividade, ou seja, sua vez foi “pulada” propositalmente pela ADI devido ao seu comportamento.

Ao final desta atividade, às 10:00, a ADI-2a pede que as crianças fiquem sentadas juntas próximas à porta da sala enquanto ela e a ADI-2 arrumam os colchões onde as crianças descansarão após o almoço. Coloca uma história em um CD e diz para as crianças ouvirem a história que parece um pouco confusa. Nenhuma criança parece prestar atenção na história e permanecem sentadas, batendo umas nas outras, se mordendo, mexendo nas mochilas e algumas choram. Um menino chora porque seu tênis saiu do pé. Pega o tênis e levanta-o em direção da ADI-2. Ela não o ajuda. Ele então olha para mim ainda chorando. Pego seu tênis e digo a ele que vou ajudá-lo e que entendo que ele deve estar triste. Digo também que agora ele pode parar de chorar e faço um carinho em seu cabelo e sorrio para ele. Ele para de chorar. Volto a observar a sala como um todo. Logo ouço o menino chorando novamente e olho para ele que está com o tênis na mão, estendendo-o para mim. Novamente converso com ele e ajudo-o a calçá-lo, faço um carinho e sorrio. Ele para de chorar. Ele tira novamente o tênis e o estende para mim. Enquanto calço seu tênis, digo a ele que não é preciso tirar o tênis para que eu lhe faça um carinho e lhe dê atenção. Ele entende o que eu digo e senta-se próximo à mim. Enquanto isso as ADIs colocam lençóis nos colchões das crianças e os dispõem no chão um ao lado do outro. As almofadas são colocadas nos colchões. Elas serão utilizadas pelas crianças no descanso. Essa arrumação dura 15 minutos. Às 10:15 as crianças são conduzidas para a porta do banheiro onde irão lavar as mãos para almoçar. Neste momento a ADI volante do CEI auxilia as duas ADIs da sala. Assim, duas ajudam as crianças no banheiro e uma delas fica observando-as no corredor. As crianças ficam sentadas no chão do corredor, encostadas na parede, levantam-se para lavar as mãos e voltam a sentar-se no chão. Enquanto permanecem sentadas procuram distrair-se implicando umas com as outras. Batem, choram, gritam, se empurram. Uma delas tenta sair correndo e converso com ela pedindo que ela volte para junto de seus colegas. Abaixo-me e falo em um tom de voz baixo com ela. A ADI-2 grita com ela e ela volta para junto das outras crianças. Quando todas lavam as mãos as ADIs (agora 3) dirigem-se para o refeitório com as crianças.

Elas sentam as crianças no mesmo conjunto de mesas que utilizaram no café da manhã. Algumas crianças precisam de ajuda para sentar-se e posicionar a cadeira próximo à mesa. O almoço vai das 10:20 às 10:40. Não há auxílio das ADIs para as crianças durante o almoço. Algumas crianças que têm mais dificuldade e derrubam a comida na mesa e em suas roupas são auxiliadas pelas ADIs que dão a comida sem

interagir com a criança. Preparam colheres com bastante alimento de forma a acabarem logo com a tarefa. Todas as ADIs agem da mesma maneira.

Às 10:40 as crianças são conduzidas para a sala onde tiram os sapatos e deitam em seus colchões. Elas irão descansar até, aproximadamente, 13:45. Algumas dormem e outras não. Apesar de as crianças terem que fazer a higiene bucal antes de dormir, a ADI-2a me diz que neste dia, excepcionalmente, elas não o farão porque elas (ADIs) estão “muito cansadas”.

Despeço-me delas para não ter que sair da sala durante o descanso das crianças e agradeço por terem me deixado observar as atividades durante a manhã.

Exemplo de Planejamento Pedagógico – Berçário Maior (conforme disponibilizado pela Coordenadora Pedagógica)

Horário	Atividade
07:00 – 08:00	Recepção e cantinho
08:00 – 08:20	Café da manhã
08:20 – 08:45	Brinquedoteca
08:45 – 09:00	Roda de conversa
09:00 – 09:05	Hidratação
09:05 – 09:35	Parque / solário
09:35 – 09:45	Linguagem oral e escrita / chamada
09:45 – 10:15	Jogo simbólico
10:15 – 10:20	Colchões / higiene
10:20 – 10:50	Almoço
10:50 – 11:10	Higiene bucal
11:10 – 13:15	Descanso
13:15 – 13:45	Higiene
13:45 – 14:00	Lanche
14:00 – 14:30	Conto de fadas
14:30 – 15:00	Parque
15:00 – 15:10	Higiene
15:10 – 15:30	Jantar
15:30 – 15:50	Movimento
15:50 – 16:00	higiene
16:00 – 17:00	saída

1ª. Observação – Berçário Menor

Horário: 14:00 às 15:00

A tarde estava ensolarada e a temperatura era amena. Havia 20 bebês e 5 ADIs no Berçário. A sala estava bastante enfeitada com uma espécie de móbile que ocupava toda a extensão da sala com tecidos bem leves e coloridos pendurados e pequenos brinquedos. Quando uma das partes do móbile era puxada, todo ele se mexia criando um efeito interessante e bonito na sala. Além disso, havia diversas caixas de papelão devidamente cobertas e enfeitadas dispostas pela sala. As crianças utilizavam as caixas como apoio para ficarem de pé e caminhar pela sala (empurrando as caixas). Havia também diversos chocalhos feitos de garrafas pet e feijão cru.

Na sala há também um banheiro específico para uso dos bebês com um trocador e local de banho. Há também uma cozinha (lactário) onde são preparados os alimentos. Essa função cabe a uma funcionária da cozinha que, nos horários de alimentação, fica disponível para auxiliar as ADIs. Há uma bancada na cozinha que permite o acesso das ADIs às mamadeiras e pratos que são preparados pela funcionária da cozinha. Desta forma a porta pode permanecer fechada todo o tempo, evitando que os bebês tenham acesso ao espaço da cozinha.

Quando entrei nenhum bebê estava chorando. Alguns deitados nos colchões e a grande maioria sentada ou brincando pela sala. Alguns bebês vieram interagir comigo. Alguns curiosos e sorridentes e outros bastante agressivos. Logo 3 crianças começaram a chorar bastante. Um deles estava visivelmente doente e com dificuldade de respirar. As ADIs ficavam sentadas nos colchões. Colocavam algumas crianças no colo sem buscar uma interação maior através da fala, gestos ou expressões faciais. Uma criança chorava muito com o nariz escorrendo. Pedi a uma das ADIs um lenço de papel para limpar o nariz dela. Na mesma hora ela levantou, pegou o lenço de papel e limpou o nariz da criança. Aproveitou para limpar o nariz de todas as crianças que precisavam. A grande maioria das crianças parecia resfriada ou com algum quadro alérgico, pois apresentavam coriza constante.

Algumas crianças se aproximaram de mim e comecei a interagir com elas. Elas se divertiram bastante. Uma delas tirou o prendedor do meu cabelo e eu disse que não podia fazer isso. Ela falou “pegá” várias vezes. Eu expliquei que aquilo não

era brinquedo e propus brincarmos com outras coisas. Percebi que as ADIs me observaram durante toda a interação com as crianças. Neste caso elas chegaram a dizer: “olha ela está falando!”, referindo-se à menina.

Durante este período, as ADIs iam levando as crianças para o banheiro onde eram trocadas e algumas tomavam banho. Uma das ADIs me informou que elas se dividiam com relação à hora do banho dos bebês. Assim, metade deles tomava banho antes do almoço e a outra metade, antes do jantar. Não há interação entre a ADI e o bebê durante a troca e durante o banho. As tarefas são realizadas rapidamente para que possam terminar logo e pegar outra criança.

Quando chegou a hora do jantar as ADIs arrumaram as crianças para serem alimentadas. Conversei com uma das ADIs que estava próxima a mim e ela me explicou que elas se dividiam e cada uma ficava com um número igual de crianças para alimentar e cuidar e que faziam um rodízio das crianças. Sendo assim, cada uma delas preparava um local da sala para a alimentação. Uma dispôs bebês-conforto no chão da sala, outra colocou pequenas cadeiras de plástico brancas formando um semicírculo e outra arrumou os “cadeirões” de alimentação lado a lado. Cada ADI posiciona os bebês de sua responsabilidade em cada grupo e coloca os diversos pratinhos em uma bandeja. Não há uma forma padrão de alimentação das crianças. Cada ADI realiza a alimentação da forma que lhe é mais fácil. Assim, algumas dão uma colherada na boca de cada bebê seguindo a ordem em que estão sentados e outras dão todo o prato para um bebê enquanto os outros aguardam sua vez. Há um bebê em adaptação neste dia e a mãe chega mais cedo para dar comida para ela. As ADIs me dizem que a menina ainda não come com elas, pois não está acostumada. Independente da forma como cada ADI escolhe para dar a comida (papinha) pode-se perceber que não há busca de uma interação. A comida é dada rapidamente, em colheradas grandes que mal cabem nas bocas das crianças. O que escorre da boca é retirado rapidamente com a colher e recolocado no prato. As interações das ADIs são visando o término rápido da alimentação: “Anda logo.” “Come isso!” “Você só reclama!” “Não quer? Não vou dar mais.”

Finalizo a observação ao final da hora do jantar quando as crianças são retiradas dos locais de alimentação.

2ª. Observação – Berçário Menor

Horário: 07:00 às 11:00

O dia estava claro e ensolarado, porém a manhã era muito fria. Os bebês iam chegando, em sua maioria, enrolados em mantas e cobertores. A maioria chegava em companhia da mãe. Todos os bebês, ao chegar, choravam quando eram tirados do colo do adulto responsável (mãe, pai, avó). O comentário que usualmente era feito pelas ADIs era: “você sempre chora, não é? Vamos parar?” Percebe-se um carinho maior das duas ADIs que recebem as crianças que chegam com alguns bebês, uma delas é a ADI-1. Outros são apenas colocados nos colchões dispostos no chão da sala. Os adultos que os deixam não se preocupam com o choro, virando-se e indo embora. Algumas mães chegam a enrolar-se nos cobertores dos bebês e sair sem olhar para trás.

Neste dia a sala estava diferente. Havia 3 grupos de colchões dispostos em cantos diferentes da sala. Havia um número razoável de brinquedos no chão, tais como: bolinhas, mordedores, cubos macios e bonecas. No meio havia um grande brinquedo como um túnel, colorido com várias janelas e rosto de vaca. Em dois cantos da sala estão dois berços. Um deles (próximo à porta) está apenas com um colchão e lençol. O outro (na parede oposta, ao lado da janela) está cheio de brinquedos e caixas. Nenhum deles foi usado durante a observação. Uma das ADIs me explicou que os grupos de colchões eram para que houvesse uma espécie de divisão de espaços para os bebês menores e os bebês maiores. Os bebês menores iam sendo colocados em um grupo de colchões sempre apoiados no que as ADIs chamavam de “calça”, que é uma espécie de rolinho de apoio para bebês em formato de “V” bastante grande e macio. Lá cada bebê ficava apoiado, mas acabavam rolando e se arrastando para perto uns dos outros. A maioria deles usava chupeta e elas acabavam caindo no chão, sendo pisadas e não havia um controle de uso da chupeta, ou seja, o bebê que a pegava, colocava-a na boca.

Neste dia também havia uma menina em adaptação e sua mãe permaneceu o tempo todo no berçário. Quem a alimentou, trocou e brincou com ela foi somente sua mãe.

Um menino chorou muito ao ser deixado pela mãe e ficou na porta da sala, chamando por ela por muito tempo. Em alguns momentos saía de perto da porta e brincava um pouco, mas logo se lembrava da mãe, começava a chorar e voltava para a porta.

Havia 4 ADIs neste dia e 28 bebês. Duas ADIs haviam faltado ao trabalho. Esse fato gerou uma grande insatisfação entre as ADIs. Elas me contaram que esperam os bebês chegarem e que dividem as crianças pelo número de ADIs presentes, mas que nunca podem cuidar de mais de 7 crianças. Esse número não pode ser maior porque inviabiliza qualquer cuidado com as crianças. Elas disseram

que assim seria impossível trabalhar, que não tinham condição de cuidar de sete bebês cada uma. Disseram que, devido à isso, não dariam banho naquele dia e que não fariam nenhum tipo de atividade pedagógica com as crianças. Uma delas disse que iria embora para casa, que iria pedir demissão, que estava cansada daquilo. Saiu da sala dizendo que iria reclamar com a Diretora. Voltou minutos depois dizendo que era aquilo mesmo, ou seja, não havia nenhuma volante para ajudar. Colocou um CD de música infantil em um volume médio, mesmo havendo alguns bebês dormindo. Estes se mexeram desconfortavelmente, mas não chegaram a acordar. Entrou no fraldário e voltou usando uma peruca de palhaço e com o nariz pintado de vermelho. Começou a brincar com as crianças, batendo palmas e dançando. Os bebês maiores, que já andavam, vieram brincar com ela felizes. As outras ADIs ficaram observando. Ela disse que só mesmo vestida de palhaço para agüentar essa situação. Logo a Diretora chega na porta da sala e chama-a para conversar. A sala volta ao normal: as ADIs cuidando de alguns bebês. Os menores nos colchões e os maiores que já andam ou engatinham, circulando pela sala, brincando, entrando no túnel. Às vezes se batem, disputando algum brinquedo e o bebê que apanha chora muito. As ADIs não interferem, pois estão preocupadas pegando os bebês e levando-os para o fraldário para trocar suas fraldas. Sempre saem comentando algo, tal como: “esse aqui estava com a fralda desde ontem, o xixi estava até escuro.” “nossa, ela estava toda assada, chega a estar sangrando...” Comentam comigo que as mães não trocam as fraldas das crianças e que, mesmo que o CEI dê um creme para assaduras as mães nunca usam. Dizem que as mães trocam as fraldas de 12 em 12 horas, pois compram fraldas Pampers Noturna e a embalagem diz que a fralda dura até 12 horas. Falam que essas mães pedem que as ADIs não troquem a fralda de seus filhos, só se estiverem sujas de fezes. Elas me dizem que costumam não ligar para isso e trocar as fraldas assim mesmo. Comentam comigo que não darão banho neste dia devido à falta de duas ADIs, mas que algumas crianças vêm tão sujas que precisam dar banho. Isso de fato ocorreu neste dia com dois bebês. As meninas foram banhadas, trocadas e penteadas. Todas as crianças usam roupas quentes e confortáveis. Algumas que chegam de sapatos tiram-nos rapidamente. Logo chega a hora da mamadeira da manhã. Ela é feita com leite em pó, sem açúcar. A funcionária da cozinha prepara as mamadeiras e cada ADI pega as mamadeiras para os bebês sob sua responsabilidade. Os bebês maiores mamam sozinhos e os menores são auxiliados, ou ficando no colo da ADI ou deitados nos colchões. Há um bebê que está dormindo desde que chegou e não é acordado para tomar mamadeira. O bebê que chorou por causa da mãe, recusa a mamadeira. As ADIs me contam que ele não come no CEI e que já estão preocupadas com isso. Dizem que em casa ele toma

mamadeira com açúcar, mas que a Direção do CEI não abriu exceção para que elas coloquem açúcar na mamadeira dele. Assim ele passa o dia todo sem comer. Perguntei se não podem ligar para a mãe e pedir que ela venha ajudar. Elas disseram que já tentaram e que a mãe não trabalha, mas que a vizinha que atendeu o telefone disse que ela dorme praticamente o dia todo e que é impossível acordá-la batendo na porta porque seu sono é pesado.

Assim como na outra observação, pode-se observar um grande número de crianças com coriza, respiração ofegante e cornagem (ruído na respiração devido à grande secreção nos pulmões). Uma bebê pequena chora muito e pode-se perceber grande dificuldade dela para respirar. As ADIs não parecem preocupar-se e dizem apenas que ela é assim mesmo, chora muito e gosta de colo. Se elas dão colo, ela logo pára. Mesmo assim pego-a no colo dizendo que ela está com dificuldades para respirar e que seria melhor levá-la até a Auxiliar de enfermagem para que faça uma aspiração nasal. Pergunto se elas não podem realizar este procedimento no CEI, pois sei que é proibida a administração de qualquer remédio. Elas me dizem que costumam sim fazer aspiração e que a levarão até a enfermaria. Logo a menina volta mais calma e conseguindo respirar com menos dificuldade.

A bebê em adaptação dorme e a mãe pede minha ajuda para olhá-la enquanto ela sai para descansar um pouco. Digo que posso ajudá-la e, nos poucos minutos que a menina dormiu, diversos bebês tentaram mexer nela ou andar sobre o colchão que ela dormia. As ADIs chamavam a atenção dos bebês gritando seu nome. Algumas vezes intercedi com algum bebê sugerindo que fosse brincar com algum outro brinquedo. Eles entendiam perfeitamente e saíam buscando explorar outras coisas na sala.

As ADIs começam a preparar os “cantos” para dar o almoço para os bebês. São aproximadamente 10 horas da manhã. Como observado anteriormente, cada uma delas prepara o local para dar o alimento da forma que lhe é mais conveniente. Enquanto o fazem, conversam sobre a forma que é melhor para elas dar comida. Uma diz que só consegue dar comida no cadeirão e de pé. A outra diz que só consegue sentada e com os bebês sentados em bebês-conforto. Assim, de acordo com a conveniência das ADIs, os bebês são sentados em cadeirões, bebês-conforto, colchões ou cadeirinhas e ficam aguardando a chegada do almoço que deverá ser trazido pela funcionária da cozinha. Nesta hora chega a ADI Volante que irá auxiliá-las no almoço devido a falta das duas ADIs naquele dia. Ela fica no grupo das crianças dos cadeirões. As crianças e ADIs ficam esperando, posicionadas, por uns 10 minutos, mas ninguém sai da sala para perguntar pelo alimento. Passado este tempo a funcionária da cozinha chega e as papinhas são servidas. É uma mistura

com arroz e feijão e pequenos pedaços de legumes. A sobremesa é banana amassada. Mais uma vez se repete a forma de alimentação observada. Algumas ADIs o fazem simultaneamente com todas as crianças e outras preferem dar para uma de cada vez. Nos dois casos não há interação entre a ADI e a criança e alimentação é feita rapidamente com colheradas cheias que caem da boca das crianças. A ADI Volante, porém, fica responsável por 3 bebês. Dá o alimento para um de cada vez. Conversa com eles, respeita seu tempo de mastigar, sentir o gosto do alimento e engolir. Prepara colheres pequena, ri, interage e os bebês respondem à interação com sorrisos e balbucios. Dá a papinha e a sobremesa e limpa as crianças com um paninho molhado. Depois se retira da sala para auxiliar as turmas de Berçário 2 na higiene das mãos e almoço.

Algumas ADIs já terminaram de dar o almoço para os bebês e os colocam deitados para dormir. Dizem-me que a maioria dorme bem após o almoço. Termina a observação enquanto as ADIs colocam as crianças nos colchões para dormirem. Algumas ajudam as crianças dando “tapinhas” nas costas ou ninando-as levemente.

Planejamento – Berçário 2 (conforme Coordenação Pedagógica)

Não existe um planejamento formal para os bebês e as atividades previstas são focando o cuidado e a alimentação. Existe, porém, uma preocupação em disponibilizar um ambiente físico que seja agradável e rico em estímulos para que os bebês possam explorar o espaço.